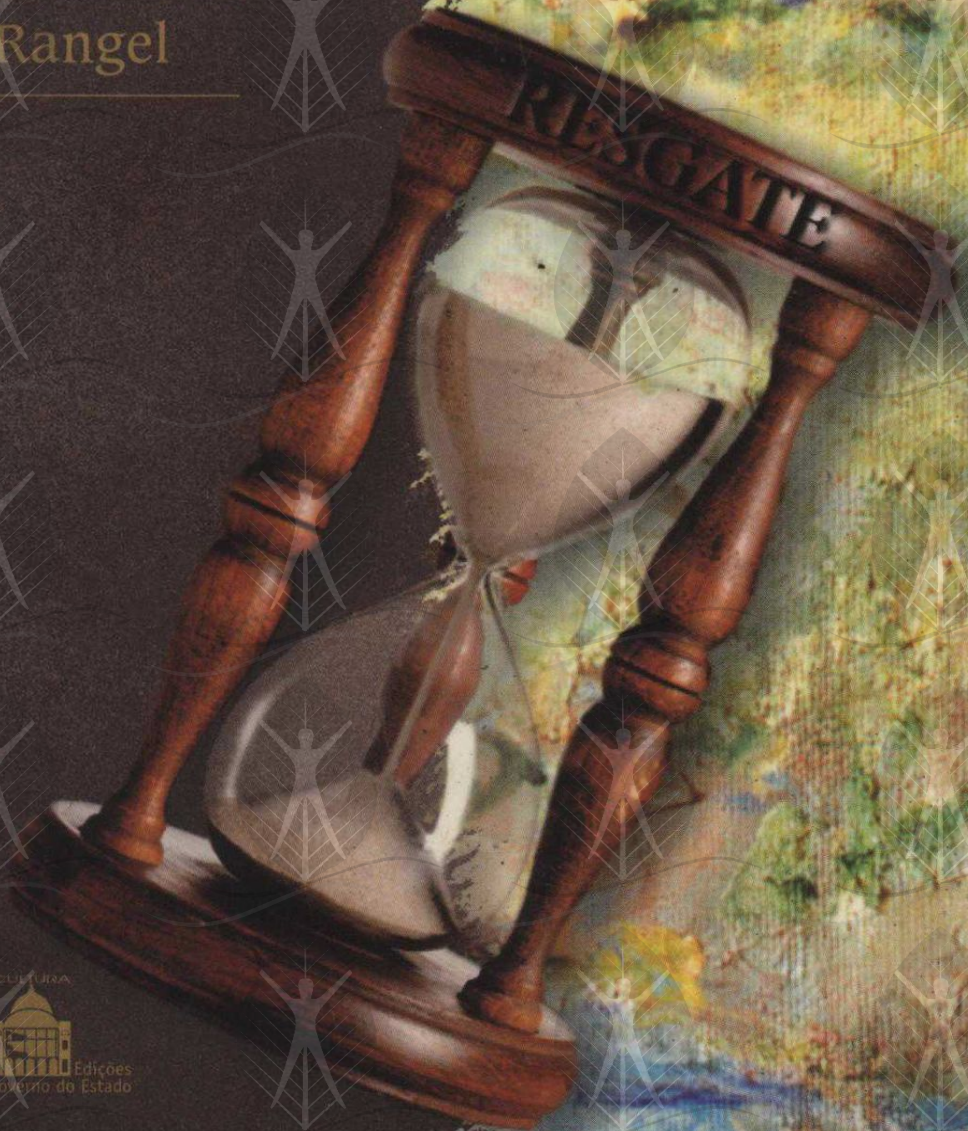


*Resgate*  
colecção

# Inferno Verde

Alberto Rangel



Valer  
EDITORA

CULTURA  
Edições  
Governo do Estado







Inferno Verde

Coleção Resgate II

*Coordenação*

Tenório Telles





GOVERNO DO

AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas  
*Amazonino Armando Mendes*

Vice-Governador  
*Samuel Assayag Hanan*

**AMAZONAS**  
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo  
*Robério dos Santos Pereira Braga*

Subsecretária  
*Vânia Maria Cyrino Barbosa*

Coordenador de Edições  
*Antônio Auzier Ramos*

Co-edição  
Governo do Estado  
Editora Valer



Alberto Rangel

# Inferno Verde

*Cenas e Cenários do Amazonas*

Apresentação

Euclides da Cunha

Estudo crítico

Marcos Frederico Krüger

5.<sup>a</sup> edição revista

  
Valer  
EDITORA

CULTURA  
  
Edições  
Governo do Estado



Copyright © Editora Valer, 2001

EDITOR  
Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE  
Marcicley Rego  
(Capa – composição com detalhe da obra  
*Cobra-grande*, de Manoel Santiago)

DIAGRAMAÇÃO  
Epifânio Leão

Revisão  
Alcides Werk  
Marcos Sena  
Mateus Oliveira  
Rosilene de Deus  
Sergio Luiz Pereira

Pesquisa  
Regina Páscoa

NORMALIZAÇÃO  
Ycaro Verçosa

---

R196i Rangel, Alberto.

Inferno Verde. / Alberto Rangel. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Marcos Frederico Krüger. 5.ª ed. revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

172p. (Série Coleção Resgate II, 4)

ISBN 85-86512-87-7

1. Literatura brasileira – conto. I. Título II. Série.

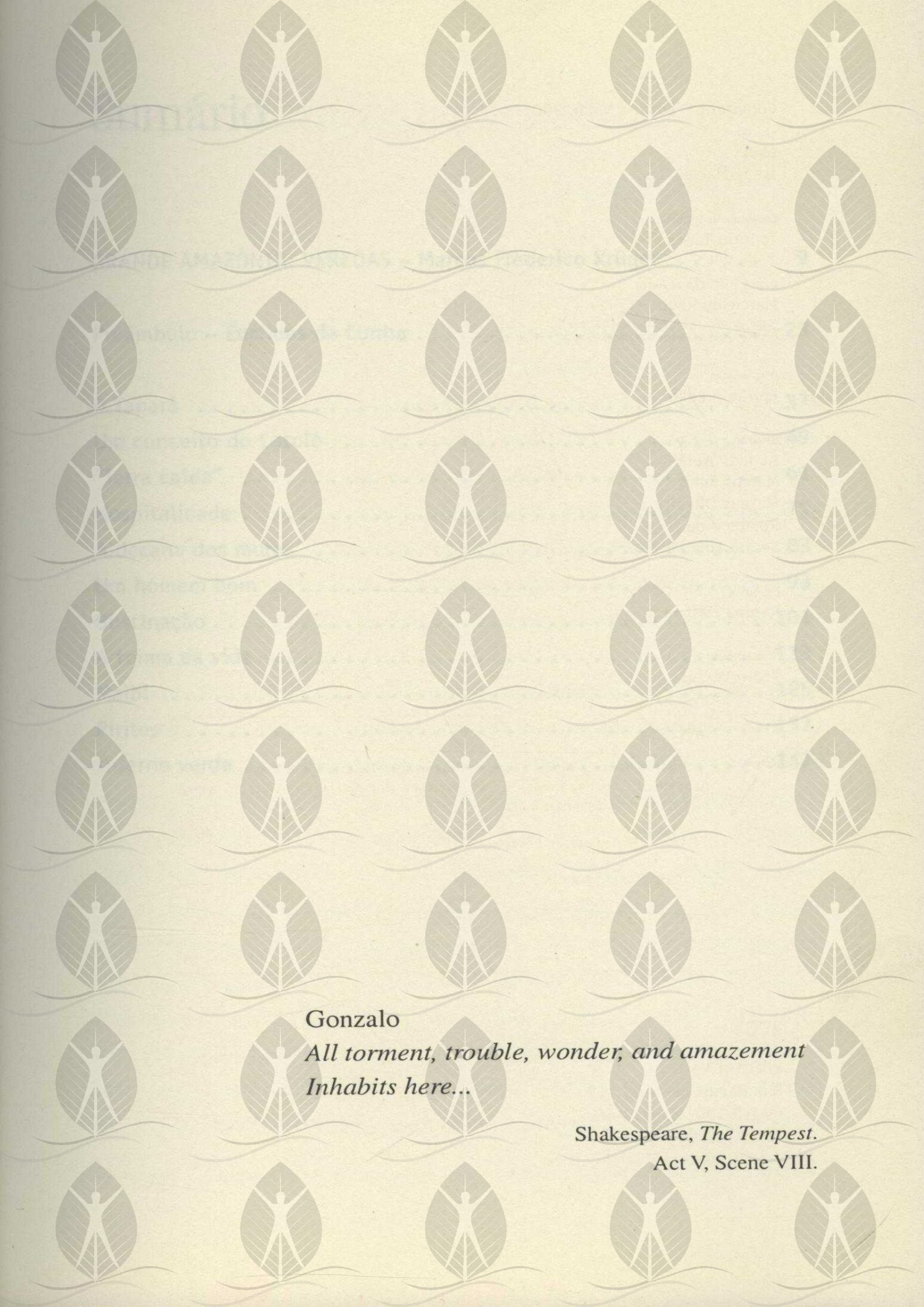
CDU 82-34(81)

---

2001

Editora Valer  
Rua Ramos Ferreira, 1195  
69010-120, Manaus-AM  
Fone: (0xx92) 633-6565  
E-mail: editora@valer.com.br





Gonzalo

*All torment, trouble, wonder, and amazement  
Inhabits here...*

Shakespeare, *The Tempest*.

Act V, Scene VIII.



# Sumário

GRANDE AMAZÔNIA: VEREDAS – Marcos Frederico Krüger . . . . .	9
Preâmbulo – Euclides da Cunha . . . . .	23
O Tapará . . . . .	37
Um conceito do Catolé . . . . .	49
“Terra caída” . . . . .	61
Hospitalidade . . . . .	71
A decana dos muros . . . . .	83
Um homem bom . . . . .	93
Obstinação . . . . .	101
A teima da vida . . . . .	113
Maibi . . . . .	125
Pirites . . . . .	137
Inferno verde . . . . .	147



# Grande Amazônia: Veredas

Marcos Frederico Krüger\*

**T**radicionalmente, as narrativas sobre a Amazônia, em face da grandiosidade do meio e da paisagem deslumbrante, tendem a privilegiar o *espaço*, em detrimento de outras categorias da ficção, como, por exemplo, os *personagens*, que, se bem explorados, propiciariam uma visão adequada dos seres humanos. O que se lê no *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, cuja primeira edição data de 1908, não é diferente; porém, a técnica utilizada para revelar o mundo amazônico distingue esse escritor de outros que tentaram o mesmo desafio.

Salientemos, de imediato, a *estrutura* do livro, que compreende os artifícios utilizados para dar ao conjunto de relatos aparentemente desconexos uma *unidade*. Este é o primeiro grande mérito da obra: ela é formada de onze contos que podem ser lidos também como um romance de onze capítulos. Técnica moderna, sem dúvida, – e das mais apuradas. A mágica capaz de propiciar tal estrutura dúplice é a de um narrador-viajante onisciente e onipresente. Jamais nos diz o nome e parece ser vários, mas com ele percorremos o desconhecido. Logo no relato inicial caminhamos do rio para o lago da Frente e, em seguida, para o lago Tapará. Sabemos que adentramos a mata, pois há marcações indicadoras do percurso: “É longo o trajeto. Apenas dois quilômetros e meio, mas parece que não tem fim. O hábito

---

\* Marcos Frederico Krüger é Doutor em Literatura de Língua Portuguesa e professor da Universidade do Amazonas.



da canoa, naturalmente, a exigência da translação com os pés, dá cansaços e impaciências irreprimíveis”. E assim em muitas outras situações, tal como em “A teima da vida”, quando nos revela o nome de sua “montaria”: “Era lá que eu devia ir ter, a chamado do Cambito, para contratar um serviço. Mais próximo se desenhou nítida a manchazinha clara da praia, onde fiz encostar a ‘Viola’”.

Estranho esse Narrador que diz o nome de seu transporte e o de seu auxiliar – Manoel (ver “Hospitalidade”) –, mas nunca o seu próprio. Acompanhando-o, viajamos pelas matas, pelos seringais e pelo centro urbano que é Manaus, num ir e vir incessante. É ele, contudo, quem unifica os episódios relatados. Pode-se ler qualquer conto capítulo independentemente da ordem em que aparece no conjunto, como se pode ler dentro da seqüência que o livro nos oferece. Aliás, essa última opção parece-nos ser a mais conveniente, pois só com ela podemos entender o livro de Alberto Rangel como um romance. Dessa forma, com a primeira narrativa (“O Tapará”) adentramos a mata, como se estivéssemos começando uma saga geográfica e literária. Depois de intensos deslocamentos, a última (“Inferno verde”) nos mostra o destino de Souto, o engenheiro que sucumbe a uma febre. Nessa história, um pouco antes de terminá-la, compreendemos que se trata de uma alegoria: o homem não poderá vencer o organismo vivo e monstruoso que é a hiléia. O Narrador, explícito além do necessário, confirma o entendimento do leitor, revelando inabilmente suas chaves, quando a própria Amazônia se pronuncia:

*Fui um paraíso. Para a raça íncola nenhuma pátria melhor, mais farta e benfazeja. (...) Ainda hoje, o caboclo,*



*sobra viril e desvalida dos destroços da invasão, vive renunciado e silencioso, adorando-me e bendizendo (...). Inferno é o Amazonas... inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras donde veio carinhosamente resguardada na alma ansiada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta. Eu resisto à violência dos estupradores...*

Não se constitui em mera prosopopéia, artifício literário, o discurso proferido pela região. Na verdade, a Amazônia, sendo o *espaço* em que ocorrem as histórias, é também a *protagonista* (ou *antagonista*, dependendo do ponto de vista). Tal fenômeno é característico da ficção que privilegia o *espaço*, haja vista *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *O Quinze*, de Rachel de Queiroz.

Ainda no mesmo discurso, a Amazônia revela sua estratégia de desenvolvimento:

*Mas enfim, o inferno verde, se é a geena de torturas, é a mansão de uma esperança: sou a terra prometida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra de civilização, que os primeiros imigrados, humildes e pobres pionniere do presente, esboçam confusamente entre blasfêmias e ranger de dentes.*

Estamos diante de uma contradição – isso para minimizarmos o problema. Se a Amazônia resistia à violência dos estupradores, como, então, se entregaria a representantes de outros povos? Mais grave ainda, afirma que era a Canaã de



“raças superiores”. Aos caboclos nativos apenas hospedava; no entanto, toda a opulência de “celeiro do mundo” reservava a seres especiais. Tal pensamento se reforça com a afirmativa de João Catolé, um cearense que viera para o Amazonas, expulso pela seca. No relato “Um conceito do Catolé”, o alquebrado e velho personagem dá o seu parecer sobre a região e a raça que a habita: “– Ora, a terra! A terra é boa, o homem só é que não presta”. Claro que tal opinião é a de um personagem, que poderia não estar em consonância com a do Narrador. Mas não é o que ocorre, pois faz ele questão de se pronunciar a respeito, concordando na totalidade com esse parecer. Enfático, termina o conto explicando-se: “A História, que fará o processo do Amazonas, como o do resto do mundo, pode reter em epígrafe esse conceito sintético do infeliz Catolé”. Lamentável que a avançada estrutura que abriga as narrativas do *Inferno Verde* conviva com ideologias nada exemplares.

Compreendamos, porém, o homem do início do século e a consciência que lhe era possível. Estava-se, então, a poucos anos da proclamação da República e o Positivismo era a ideologia dominante no Brasil. O sonho da utopia comtiana contaminava as mentes mais avançadas e despertava sonhos de progresso em nome de uma humanidade superior. Exigir mais do que as cartas dispostas pela época não nos é lícito.

Contraditório como um personagem denso, o Narrador, nas veredas que antes percorrera na selva, demonstrara conceito diferente sobre o caboclo. Revelando influências de Euclides da Cunha, referira-se ao homem que vive da pesca nos lagos com algo que lembra a célebre frase “o sertanejo é antes de tudo um forte”: “Porque a sua luta tem sido enorme, no anfiteatro lacustre do Amazonas o caboclo é o Orestes da



tragédia grega” (“O Tapará”). Adiante, em “Terra caída”, reforçará o mesmo pensamento: “Acima das convulsões da natureza, acima da fraqueza da terra, estava a alma do nativo com tranqüilidade e fortaleza”.

Afinal de contas, em qual terreno estamos pisando? Pois o certo é que tanto o Narrador quanto a Amazônia apresentam-se confusos e sem coerência. Se Souto, como engenheiro, sucumbiu à floresta, a alegoria quer ainda significar que a Ciência é impotente para a conquista. É um aspecto que não se poderia esperar de um adepto do progresso e que, por isso, espera ser decifrado (o que mais adiante julgamos fazê-lo). Literariamente, porém, o fato é relevante, pois torna o narrador-protagonista e a Amazônia, de certo modo sua antagonista, em personagens humanamente verossímeis.

\* \* \*

O que não se deveria esperar desse Narrador, na viagem em que nos conduz pelas trilhas da Amazônia, seriam imperícias expositivas. Isso, infelizmente, ocorre. Vejamos uma delas em “Obstinação”, conto (ou capítulo) que trata do absurdo conflito de terras numa região imensa e despovoada e na qual nosso guia toma o partido do economicamente mais fraco. O conflito é entre Gabriel, um caboclo que possui um pedaço de terra, e o “coronel” Roberto, que resolveu dele se apossar. Como este é poderoso, conseguirá inevitavelmente seu intento.

Para expressar a inglória luta do caboclo, o Narrador faz uso de uma alegoria: a descrição de um abieiro que, pouco a pouco, fora sendo sufocado por uma planta parasita. Assim se expressa: “Da sapotácea restava afinal bem pouco, porque o



apuizeiro constringia e sugava a árvore, tragando-a num enlace demorado, mas tenaz e absorvente”. Prossegue considerando a luta entre os dois vegetais por mais duas páginas. Intuímos, porque a história se encontra parada, que essa luta e a de Gabriel contra o “proprietário” mantém um vínculo de significação. Por isso, não se fazia necessário revelar o propósito da inserção do episódio. Mas é o que, para desagrado do leitor, acontece: “Representava, na verdade, esse duelo vegetal, espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...”

Felizmente, há compensações, já que abundam os momentos líricos. Afinal, estamos viajando na companhia de um deslumbrado pela Amazônia, alguém que se emociona com o espetáculo da natureza. Mal começamos a jornada e já no primeiro parágrafo, ao olhar a mata do outro lado do rio, assim se pronuncia: “O torçal, oiranas ralas e tristes como cílios à borda de pupila imensa que fosse dilatada e cega”. E, logo em seguida:

*O sol aproveita a escápula de rama, ou recuo de galho, para escorrer nos interstícios da massa de verdete a sua luz ardente, que atravessa, ora em fiapos, ora em punhais. Os punhais embebem-se nos troncos e os fiapos são plumilhas de algodão de ouro voltívolo e tenuíssimo, fazendo das folhas jóias em berloques de esmalte. Há trechos onde se diria que se acendem candelabros para uma festa de duendes.*

É impossível não o compararmos, em tais instantes, com Euclides da Cunha. E se o autor de *Os Sertões* se coloca como



inevitável parceiro lingüístico, o mesmo ocorre com Raul Bopp, que poetizou a Amazônia no clássico *Cobra Norato*, de 1931. Numa linguagem repleta de prosopopéias, podemos ler, nesse poema, momentos de rara inspiração, como:

*Agora são os rios afogados  
bebendo o caminho*

*Riozinho vai para escola  
Está estudando geografia*

*Árvores acocoradas  
Lavam galhos despenteados na correnteza*

Com as mesmas concepções anímicas, escritas apenas em estilo que tende ao cientificismo, nosso guia turístico no *Inferno Verde*, na perspectiva de um rio, nos informa sobre uma cheia amazônica: “Algumas vezes há de parar na marcha. Faltar-lhe-á o fôlego ou preparar-se-á, numa concentração de forças, para a expansão monstruosa da enchente” (“Obstinação”).

Como no excerto do *Cobra Norato* acima transcrito, também os vegetais têm atitudes humanas. É o que se observa ainda na mesma narrativa: “Com os troncos derivam os camalotes de canaranas e aguapés, ilhas verdes viajando, depois de raspadas das bainhas das margens pelo curvo e cortante gládio da torrente”.

Consideremos a importância dessa antecipação histórica, posto a obra de Rangel preceder a de Bopp em 23 anos. Não é demais, portanto, ressaltarmos a sensibilidade lírica do prota-



gonista. Aliás, os momentos poéticos e os científicos formam uma composição bastante perturbadora e, muitas vezes, nada tranqüila; por isso, expressa o discurso uma desconfortável dualidade. Antes, porém, de condenarmos a indefinição estilística entre Ciência e Poesia, pensemos que, com ela, alcança-se um resultado contraditório em perfeito acordo com a psicologia do Narrador e da própria região amazônica. Afirma-se, também no nível lingüístico, a antítese, essa salutar figura, imprópria talvez para a vida, mas vigorosa para a literatura.

Tudo é contradição, mas o guia nada percebe e busca certezas no nível do homem comum. Muito o surpreende, por causa disso, a gentileza e a atenção que recebeu de um famoso bandido das redondezas de Itacoatiara e Autaz, cujo nome expressa um paradoxo em relação às suas atitudes como contraventor: Flor dos Santos. Inversamente, em “Um homem bom”, um segundo narrador conta ao primeiro um episódio envolvendo um patrão que tivera no Ceará, chamado “coronel” Távora. O imigrante louva as qualidades do antigo empregador, em que pese as atrocidades que cometia, como a de mandar arrancar o coração da mulher. Há sinceridade e ingenuidade no nordestino ao ressaltar a bondade do chefe, mas, no Narrador que nos leva a viajar, não há como não notar uma grande dose de ironia.

Flor dos Santos e este segundo narrador, também sem nome, podem ser caracterizados como personagens contraditórios. Mediante tais características, não só se tornam críveis como gente, mas inserem-se, sobretudo, na estrutura dual que enforma o romance livro de contos.

A narrativa do cearense, em “Um homem bom”, se encontra embutida na principal, que não apresenta qualquer



conflito, mas apenas o reconhecimento de mais uma vereda amazônica, próxima ao lago de Santo Antônio. Esta, por sua vez, conforme vimos salientando, é uma peça do conjunto maior: as andanças de reconhecimento do Narrador e seus leitores acompanhantes. História dentro de história, num ensaio da técnica que caracteriza *As Mil e Uma Noites*.

\* \* \*

Não é só o paisagístico que ilustra as páginas do *Inferno Verde*. As problemáticas relações econômicas e sociais entre os homens preenchem esse mundo à parte. Descritas de modo muito exacerbado, detalham cenas extremamente cruéis, que constituem uma tipologia da ficção no Amazonas, com sucedâneos vários, dentre os quais podemos citar Álvaro Maia e Arthur Engrácio. É uma verdadeira *poética da violência* essa predileção. Quer-nos parecer que ela desvia o enfoque ficcional da análise da exploração econômica que uns homens sofrem de outros.

Essa questão não nos é indiferente, a nós, distantes quase um século. Diariamente, temos à disposição um farto noticiário policial e diversos filmes saturados de violência. Mas, de imediato, não podemos condenar a exposição de “cenas chocantes” na literatura, pois é o mundo em apodrecimento a matéria-prima do escritor. A questão consiste em saber se houve a necessidade do relato. No caso da obra que estudamos, ainda há a considerar um fato preocupante. Sendo os personagens seres “inferiores”, por incapazes de dominar e fazer progredir a Amazônia, a violência em que se envolvem pode atestar a animalidade que os possui, exata-



mente por não se colocarem em patamar mais elevado de civilização, cultura e raça.

Estamos diante de um paradoxo literário que remonta ao século XIX e que diz respeito a outra raça: a dos índios. O professor e crítico Antônio Paulo Graça, em *Uma Poética do Genocídio*, expõe uma tese que, em linhas gerais, pode se resumir no seguinte: os escritores indianistas, ao contrário do que o senso comum presume, não louvaram os indígenas brasileiros. Se bem lidos, os romances e poemas românticos propõem, nas entrelinhas, o extermínio do “selvagem”. Tal é o que acontece no *Inferno Verde*. Se os nordestinos e caboclos são brutos e incapacitados para a tarefa de instalar a civilização, se a Amazônia, na condição de personagem, os rejeita, qual o destino que se torna implícito para tais seres? Evidentemente, o da inutilidade histórica, o que equivale ao extermínio. Apesar de, na superfície, a obra os apresentar como vítimas ou personagens trágicos em luta inglória contra um poder superior, não devemos nos iludir. Leiamos as entrelinhas.

Ao contrário do que aconteceu na literatura brasileira, o índio amazônico não serviu como derivativo racial. Nelson Werneck Sodré, na *História da Literatura Brasileira*, aponta os motivos do surgimento do indianismo. O negro, por fornecer a mão-de-obra escrava, não poderia ascender à condição de herói; o português (o branco) se identificava com o colonizador, o elemento europeu. Dessa forma, a única escolha possível se tornou a raça autóctone. No Amazonas, como reflexo da nova onda literária da segunda metade do século XIX, apareceram romances como *Simá*, de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, e *Os Selvagens*, de Francisco Gomes de Amorim. Mas no *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, o indígena,



de modo algum, preenche o imaginário como a raça capaz da almejada conquista. De outro modo não podemos entender o sentido de “A decana dos muros”, a não ser como produto do inconsciente do Narrador, reflexo dos desejos e anseios da coletividade. Apesar de lamentar o extermínio dos muros e de informar que “foi gente muita e guerreira”, apresenta-nos, numa narrativa em que a viagem nos levou ao mais profundo da floresta, o que restava desse povo na figura grotesca de uma anciã, última representante de sua nação:

*Mas essa harpia hidrópica e sostreira houvera tido o talhe donairoso, copiado à flexuosidade das palmeiras mauritia, os cabelos da cor negra e lustrosa da dos anuns-corocas. Os seus olhos seriam duas lagoas, à noite, retendo iaras... A voz imitaria o canto do enfeitado uirapuru. (...) Agora, abjeto detrito de uma raça aviltada, a sua vida era mais simples. Nem complicações sentimentais, nem vertigens de pensamentos. No corpo obeso e medonho, o coração limitava-se a ser uma caixa de válvulas avariadas e o cérebro, o alojamento indispensável de uma vaga consciência.*

Para ser mais contundente, descreve-nos a personagem intertextualizando, ironicamente, a índia Iracema, de José de Alencar. Decerto o nativo da Amazônia não preenchia os requisitos necessários para ocupar a “terra prometida”. Como o nordestino e o caboclo ribeirinho (misto de branco e índio), deveria passar a ser mera lembrança na história.

Certamente, é ao branco que cabem os louros da vitória. Mas a representação literária precisa, muitas vezes, de idea-



lizações e por isso há esse vazio no livro. A Amazônia espera o conquistador, que não vem, posto não poder ser representado por nordestinos, caboclos ou índios. Ao branco não é possível mencionar, pois estamos no domínio da *poética da hipocrisia*, a outra face da mesma moeda que contém a *poética da violência*. Isso explica por que Souto, da narrativa-título “Inferno Verde”, foi “assassinado” pelo Narrador. Ele representava o conquistador, era branco e tinha conhecimentos científicos. Mas a literatura que se expressa na arte de Alberto Rangel não podia dizer a verdade.

A inapetência dos nordestinos para a conquista pode ser ilustrada em outro conto do *Inferno Verde*, que trabalha de modo exacerbado o tópico da violência. Nele, apresenta-se a história de Maibi, uma mulher que serve de moeda em um seringal. Como seu marido, Sabino, devia ao proprietário, este a repassou ao Sérgio, que tinha saldo. Quitava-se assim a dívida. Todavia, a trama não terminou pacificamente e o ex-marido, inconformado, crucificou a mulher em uma seringueira. Sem estar seguro da perspicácia do leitor, faz-se indispensável ao Narrador revelar o significado da metáfora:

*O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração.*

Nas entrelinhas da narração, significa o episódio um reforço à idéia de que os nordestinos não poderão conquistar a



Amazônia. Em “Maibi”, torna-se evidente que tais indivíduos, que podem ser brancos na pele mas não no poder econômico, apenas sangrarão, sem qualquer aproveitamento, as inesgotáveis riquezas que a mentalidade do “celeiro do mundo” atribuía à floresta.

\* \* \*

Conhecemos, ao final da viagem, belas paisagens, grotescas criaturas, gestos de exploração e de solidariedade. Formamos um painel de uma região misteriosa que não mais existe: a Amazônia dos inícios do século XX. Ela, em que pese a verossimilhança das narrativas, possui semelhanças com o sertão de Guimarães Rosa, que aparece transfigurado pela poderosa imaginação do autor de *Sagarana*.

Essa região que percorremos – e na qual convidamos o leitor a também se aventurar – parece-nos, hoje, algo que deixou de existir. Principalmente se considerarmos que diferentes são os meios de comunicação e diferentes as relações de trabalho. Sendo outra, sendo a Amazônia de uma imensa floresta que o homem destruirá, é a mesma de nossos dias, posto ser a vida um contínuo fluir. Através de Alberto Rangel, ou melhor, de seu *alter ego*, o Narrador, conhecemos alguns fragmentos de sua história. O passado a se ligar ao presente, as histórias antigas aos dramas atuais – veredas da Amazônia para sempre mítica.



# Preâmbulo

*Euclides da Cunha*

**A**mazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. Mais de um século de perseverantes pesquisas, e uma literatura inestimável, de numerosas monografias, mostram-no-la sob incontáveis aspectos parcelados. O espírito humano, deparando o maior dos problemas fisiográficos, e versando-o, tem-se atido a um processo obrigatoriamente analítico, que se, por um lado, é o único apto a facultar elementos seguros determinantes de uma síntese ulterior, por outro, impossibilita o descortino do conjunto. Mesmo nos recantos das especialidades realizam-se, ali, diferenciações inevitáveis: aos geólogos, iludidos a princípio pelas aparências de uma falsa uniformidade estrutural, ainda não lhes sobrou o tempo para definirem um só horizonte paleontológico; aos botânicos não lhes chegam as vidas, adicionadas desde Martius a Jacques Huber, para atravessá-las à sombra de todas as palmeiras... Lemo-los; instruímo-nos; edificamo-nos; apercebemo-nos de rigorosos ensinamentos quanto às infinitas faces, particularíssimas, da terra; e, à medida que as distinguimos melhor, vai-se-nos turvando, mais e mais, o conspecto da fisionomia geral. Restam-nos muitos traços vigorosos e nítidos, mas largamente desunidos. Escapa-se-nos, de todo, a enormidade que só se pode medir, repartida; a amplitude, que se tem de diminuir, para avaliar-se; a grandeza que só se deixa ver, apequenando-se, através dos microscópios; e um infinito que se dosa a pouco e pouco, lento e lento, indefinidamente, torturantemente.



Mas ao mesmo passo, convém-se em que esta marcha sobremaneira analítica, e de longo discurso remorado é fatal. A inteligência humana não suportaria, de improviso, o peso daquela realidade portentosa. Terá de crescer com ela, adaptando-se-lhe, para dominá-la. O exemplo de Walter Bates atesta-o. O grande naturalista assistiu mais de um decênio na Amazônia, realizando descobertas memoráveis, que esteiaram o evolucionismo nascente; e, durante aquele período de atuado esforço, não saiu da estreita listra litorânea desatada entre Belém e Tefé. Dali, surpreendeu os Institutos da Europa; conquistou a admiração de Darwin; refundiu, ou recompôs, muitos capítulos das ciências naturais; e ao cabo de tão fecunda empresa poderia garantir que não esgotara sequer o recanto apertadíssimo em que se acolhera. Não vira a Amazônia. Daí o ter visto mais que os seus predecessores.

É natural. A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. Anula-a a própria amplidão, a extinguir-se, decaindo por todos os lados adscrita à fatalidade geométrica da curvatura terrestre, ou iludindo as vistas curiosas com o uniforme traçoeiro de seus aspectos imutáveis. Para vê-la deve renunciar-se ao propósito de descortiná-la. Tem-se que a reduzir, subdividindo-a, estreitando, e especializando, ao mesmo passo, os campos das observações, consoante a norma de W. Bates, seguida por Frederico Hartt, e pelos atuais naturalistas do museu paraense. Estes abalançam-se, hoje, ali, a uma tarefa predestinada a conquistas parciais tão longas que todas as pesquisas anteriores constituem um simples reconhecimento de três séculos.

É a guerra de mil anos contra o desconhecido. O triunfo virá ao fim de trabalhos incalculáveis, em futuro remotíssimo,



ao arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa, onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios.

Mas então não haverá segredos na própria Natureza. A definição dos últimos aspectos da Amazônia será o fecho de toda a História Natural...

\* \* \*

Imagine-se, entretanto, uma inteligência heróica, que se afoite a contemplar, de um lance e temerariamente, a Esfinge. Titubeará na vertigem do deslumbramento. Mostra-nolo este livro.

Linhas nervosas e rebeldes, riscadas ao arrepio das fórmulas ordinárias do escrever, relevam-nos, graficamente visíveis, as trilhas multívias e revoltas e encruzilhadas lançando-se a todos os rumos, volvendo de todas as bandas, em torcicolos, em desvios, em repentinos atalhos, em súbitas paradas, ora no arremesso de avances impetuosos ora, de improviso, em recuos, aqui pelo clivoso abrupto dos mais alarmantes paradoxos, além desafogadamente retilíneas, pelo achanado e firme dos conhecimentos positivos de uma alma a divagar, intrépida e completamente perdida, entre resplendores.

O *Inferno Verde*, a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante; feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.



Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isto mesmo, todo construído de verdades, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe em cada folha um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealização afogueadíssima. Alberto Rangel tem a aparência perfeita de um poeta, exuberante de mais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro adito aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-se-lhe os cenários fantásticos nas redes das trianguladas. O sonhador norteou a sua marcha, balizando-a pelos rumos de uma bússola. Conchavam-se-lhe os mais empolgantes lances e os azimutes corrigidos. E os seus poemas bravios escreveram-se nas derradeiras páginas das cadernetas dos levantamentos.

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma natureza nova. Não a alterou. Copiou-a, decalcando-a. Daí as surpresas que despertará. O crítico das cidades, que não compreender este livro, será o seu melhor crítico. Porque o que aí é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia...

A sua impressionabilidade artística tentou abranger o conjunto da terra e surpreender-lhe a vida maravilhosa. Deve assombrar-nos. Não lhe entendemos o exagerado panteísmo.

O escritor alarma-nos nas mais simples descrições naturais. O que se diz natureza morta, agita-se-lhe poderosíssima, sob a pena; e imaginamos que há fluxos galvânicos nas linhas onde se parte a passividade da matéria e as cousas duramente objetivas se revestem de uma anômala personalidade.



Matas a caminharem, vagarosamente, viajando nas planuras, ou estacando, cautas, à borda das barreiras a pique, a refletirem, na desordem dos ramalhos estorcidos, a estu-penda conflagração imóvel de uma luta perpétua e formidável; lagos que nascem, crescem, se articulam, se avolumam no expandir-se de uma existência tumultuária, e se retraem, defi-nham, deperecem, sucumbem, extinguem-se e apodrecem feitos extraordinários organismos, sujeitos às leis de uma fisio-logia monstruosa; rios pervagando nas solidões encharcadas, à maneira de caminhantes precavidos, temendo a inconsistên-cia do terreno, seguindo “com a disposição cautelosa das ante-nas dos ‘furos’...” São a realidade, ainda não vista a despontar com as formas de um incorrigível idealismo, no claro-escuro do desconhecido...

Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobres-saltássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amorte-cedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a d’alto; tira-lhe, de golpe, os véus; desvendando-no-la na esplêndida nudez da sua virgin-dade portentosa.

Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escre-ver-se, do Gênesis.

Tem a instabilidade de uma formação estrutural acelerada. Um metafísico imaginaria, ali, um descuido singu-lar da natureza, que após construir, em toda a parte, as infini-tas modalidades dos aspectos naturais, se precipita, retardatária, a completar, de afogadilho, a sua tarefa, cor-rigindo, na paragem olvidada apressadamente, um deslize. A evolução natural colhe-se, no seu seio, em flagrante.



O raio da vida humana, que noutros lugares não basta a abranger as vicissitudes das transformações evolutivas da terra e tem de dilatar-se no tempo, revivendo, nas profecias retrospectivas, as extintas existências milenárias dos fósseis, — ali abarca círculos inteiros de transmutações orogênicas expressivas. A geologia dinâmica não se deduz, vê-se; e a história geológica vai escrevendo-se, dia a dia, ante as vistas encantadas dos que saibam lê-la. Daí, as surpresas. Em toda a parte afeiçoamo-nos tanto ao equilíbrio das formas naturais, que já se apelou para uma tumultuária hipótese de cataclismos, a fim de se lhes explicarem as modificações subitâneas; na Amazônia, as mudanças extraordinárias e visíveis ressaltam no simples jogo das forças físicas mais comuns. É a terra moça, a terra infante, a terra em ser, a terra que ainda está crescendo...

Agita-se, vibra, arfa, tumultua, desvaira. As suas energias telúricas obedecem à tendência universal para o equilíbrio precipitadamente. A sua fisionomia altera-se diante do espectador imóvel. Naquelas paisagens volúveis imaginam-se caprichos de misteriosas vontades.

E, ainda sob o aspecto secamente topográfico, não há fixá-la em linhas definitivas. De seis em seis meses, cada enchente, que passa, é uma esponja molhada sobre um desenho malfeito: apaga, modifica, ou transforma os traços mais salientes e firmes, como se no quadro de suas planuras desmedidas andasse o pincel irrequieto de um sobre-humano artista incontentável...

\* \* \*



Ora entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo ele, este contraste.

Assim, o assunto se engravesce. A atitude do escritor delineia-se, forçadamente em singularíssimo destaque. O seu aspecto anômalo de fantasista, acentua-se no ajustar-se, linha por linha, às aparências terríveis da verdade.

Mas exculpemo-lo aplaudindo-o. Alberto Rangel, agarrou, num belo lance nervoso, o período crítico e fugitivo de uma situação, que nunca mais se reproduzirá na história.

Esta felicidade compensa-lhe o rebarbativo dos assuntos.

No Amazonas acontece, de feito, hoje, esta cruel antilogia: sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha da sua vida, agita-se, miseravelmente, uma sociedade que está morrendo...

Não a descreveremos. Temos este livro. Ele enfeixa os sinais comemorativos das moléstias. E melhor do que o faríamos em maciços conceitos, vibram-lhe os comoventes lances de uma deplorável agonia coletiva, em onze capítulos, que são onze miniaturas de Rembrandt, refertas de apavorante simbolismo.

Contemplando-as vereis como se sucedem e se revezam – entre as gentes pervagantes no solo, que lhes nega a própria estabilidade física, escapando-se-lhes nas “terras caídas” e nas inundações – todos os anseios, cindidos de proditórias esperanças, que as trabalham, e as aviventam, sacrificando-as.

*Maibi*, é a imagem da Amazônia mutilada pelas miríades de golpes das machadinhas homicidas dos seringueiros. Na *Hospitalidade*, o homem decaído, volve, em segundos, por um milagre de atavismo, à tona da humanidade, antes de mergulhar de uma vez na sombra, dia a dia mais espessa, da sua decrepitude moral irremediável.



*Teima da vida* é a comunidade monstruosa, sem órgãos perfeitos, recém-nascida e moribunda, vegetando por um prodígio da natureza mirífica, cujos dons ela monopolizou em detrimento de raças mais robustas, que noutros territórios sucumbem, combalidas, esmagadas pelos antagonismos naturais.

Nos demais o mesmo traço pessimista e lúgubre. É compreensível.

Na terra extraordinária conchavam-se, por vezes, os elementos físicos mais simples e os mais graves da ordem moral, para exprimirem a mesma fatalidade. Lede, por exemplo: a *Obstinação*.

A tragédia decorre sem peripécias, a desfechar logo, fulminantemente. Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lhas, emparceirando-se à justiça decaída. O caboclo obstina-se, e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade: para ficar na sua terra e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverossímil; mas é um aspecto da organização social da Amazônia. A grei selvagem copia, na sua agitação feroz, a luta inconsciente, pela vida, que se lhe mostra na ordem biológica inferior.

O homem mata o homem como o parasita aniquila a árvore. A *Hiloe* encantadora, de Humboldt, dá-lhe esta lição medonha:

*O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo sobre ele milhares de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica, na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é a luta sem um murmúrio.*



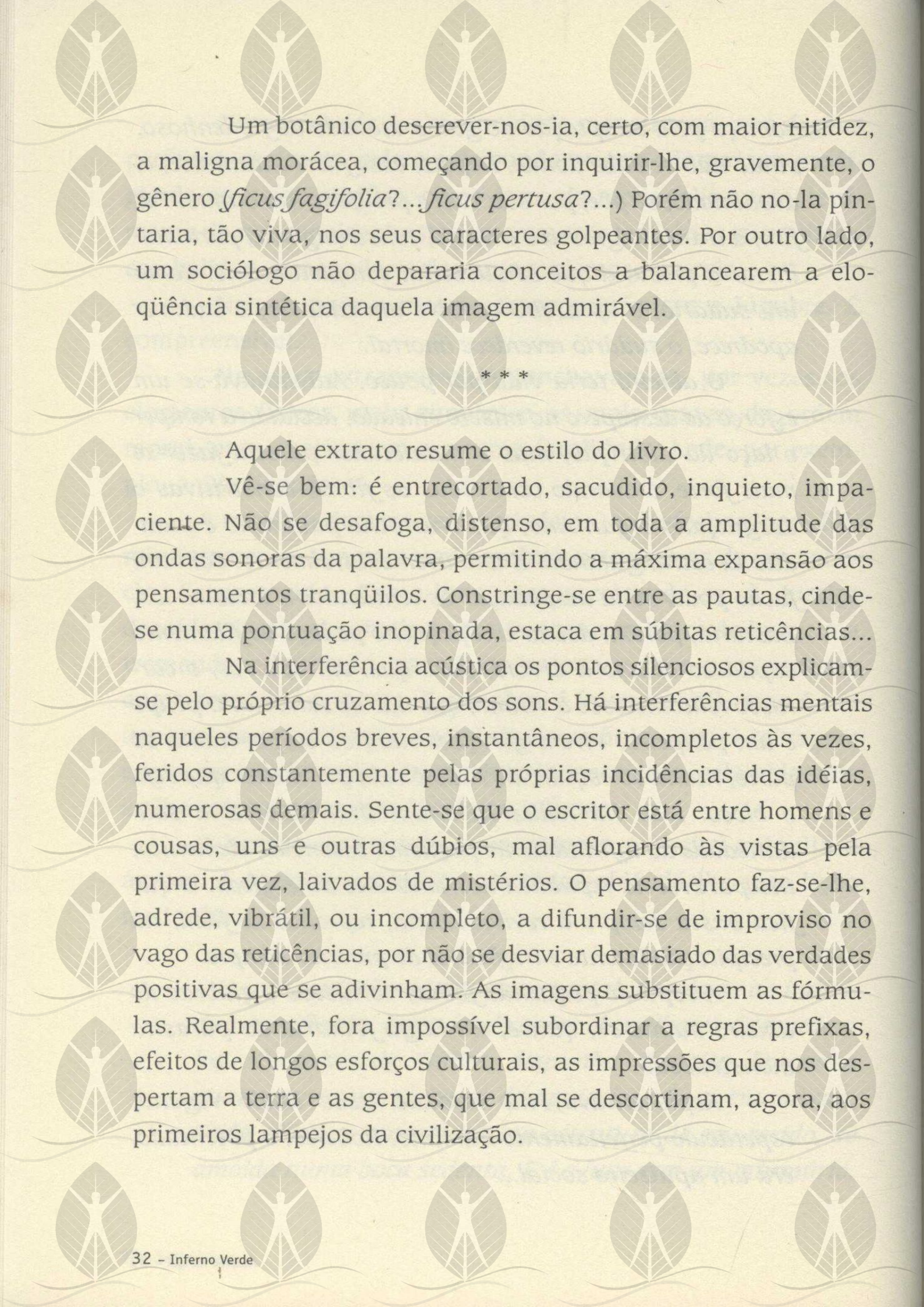
*Começa pela adaptação ao galho atacado de fio lenhoso, vindo não se sabe donde. Depois, esse filete intumesce, e, avolumado, se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança, constrangente, para malhetar a presa, a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuizeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdece imortal.*

*O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero enleado, decidido a romper o laço da distrição, mas o manietador parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que o arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláceo colado à árvore, para que, em renovos, o carasco reacometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipó é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.*

*A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quase, na larga folharia da parasita monstruosa.*

*Representava, na verdade, esse duelo vegetal, espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...*





Um botânico descrever-nos-ia, certo, com maior nitidez, a maligna morácea, começando por inquirir-lhe, gravemente, o gênero (*ficus fagifolia*?...*ficus pertusa*?...) Porém não no-la pintaria, tão viva, nos seus caracteres golpeantes. Por outro lado, um sociólogo não depararia conceitos a balancearem a eloqüência sintética daquela imagem admirável.

\* \* \*

Aquele extrato resume o estilo do livro.

Vê-se bem: é entrecortado, sacudido, inquieto, impaciente. Não se desafoga, distenso, em toda a amplitude das ondas sonoras da palavra, permitindo a máxima expansão aos pensamentos tranquilos. Constringe-se entre as pautas, cinde-se numa pontuação inopinada, estaca em súbitas reticências...

Na interferência acústica os pontos silenciosos explicam-se pelo próprio cruzamento dos sons. Há interferências mentais naqueles períodos breves, instantâneos, incompletos às vezes, feridos constantemente pelas próprias incidências das idéias, numerosas demais. Sente-se que o escritor está entre homens e cousas, uns e outras dúbios, mal aflorando às vistas pela primeira vez, laivados de mistérios. O pensamento faz-se-lhe, adrede, vibrátil, ou incompleto, a difundir-se de improviso no vago das reticências, por não se desviar demasiado das verdades positivas que se adivinham. As imagens substituem as fórmulas. Realmente, fora impossível subordinar a regras prefixas, efeitos de longos esforços culturais, as impressões que nos despertam a terra e as gentes, que mal se descortinam, agora, aos primeiros lampejos da civilização.



Além disto, Alberto Rangel é um assombrado diante daquelas cenas e cenários; e num ímpeto ensofregado de sinceridade, não quis reprimir os seus espantos, ou retificar, com a mecânica frieza dos escreventes profissionais, a sua vertigem e as rebeldias da sua tristeza exasperada.

Fez bem; e fez um grande livro.

Vão respigar-lhe defeitos. Devem-se distinguir, porém, os do escritor, dos do assunto.

Quem penetrou tão fundo o âmago mais obscuro da nossa *gens* primitiva e rude, não pode reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos...

Ademais, o nosso conceito crítico é de si mesmo instável e as suas atuais sentenças transitórias. Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumpre-nos não esquecer o falso e o incharacterístico da nossa estrutura mental, onde, sobretudo preponderam reagentes alheios ao gênio da nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. Desde a construção das frases ao seriar das idéias, respeitamos em excesso os preceitos das culturas exóticas, que nos deslumbram – e formamos singulares estados de consciência *a priori*, cegos aos quadros reais da nossa vida, por maneira que o próprio caráter desaparece-nos, folheado de outros atributos, que lhe truncam, ou amortecem, as arestas originárias.

O que se diz escritor, entre nós, não é um espírito a robustecer-se ante a sugestão vivificante dos materiais objetivos, que o rodeiam, senão a inteligência, que se desnatura numa dissimulação sistematizada. Institui-se uma sorte de mimetismo psíquico nessa covardia de nos forrarmos, pela semelhança



externa, aos povos que nos intimidam e nos encantam. De modo que, versando as nossas cousas, nos salteia o preconceito de sermos o menos brasileiros que nos for possível. E traduzimo-nos eruditamente, em português, deslembrando-nos que o nosso orgulho máximo deverá consistir em que ao português lhe custasse a traduzir-nos, lendo-nos na mesma língua.

De qualquer modo, é tempo de nos emanciparmos.

Nas ciências, mercê de seus reflexos filosóficos superiores estabelecendo a solidariedade e harmonia universais do espírito humano, compreende-se que nos dobremos a todos os influxos estranhos.

-- Mas nenhum mestre, além das nossas fronteiras, nos alentará a impressão artística, ou poderá sequer interpretá-la. A frase impecável de Renan, que esculpiu a face convulsiva do gnóstico, não nos desenharia o caucheiro; a concisão lapidária de Herculano depereceria inexpressiva, na desordem majestosa do Amazonas.

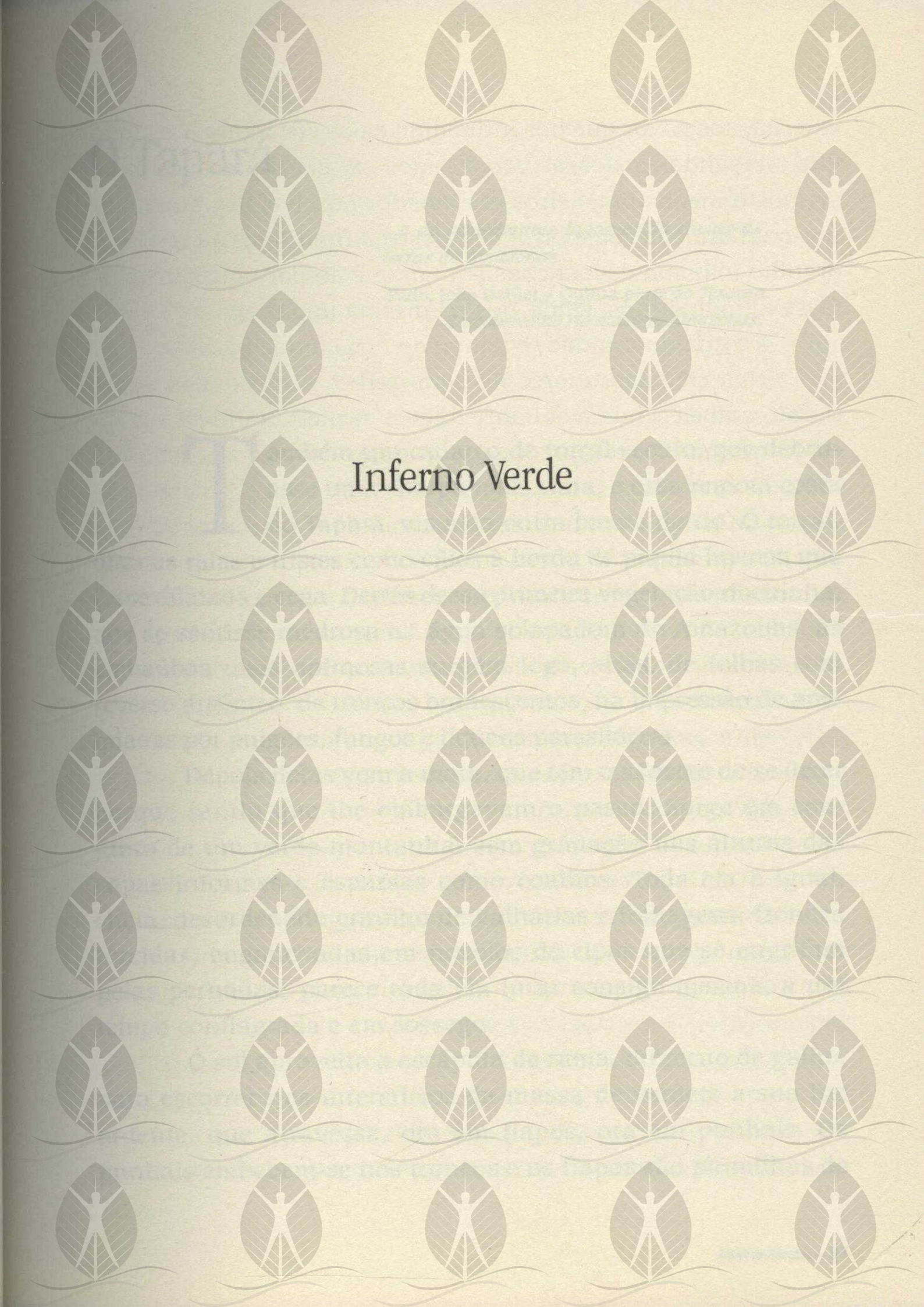
Para os novos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.

É o que denuncia este livro.

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.

É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sobre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das cores ilusórias da esperança.





Inferno Verde



# O Tapará

*...e de semelhantes lagos estão cheias as terras do Amazonas...*

Padre João Daniel – Quinta parte do *Tesouro descoberto no rio máximo Amazonas*.

**T**ambém um cadarço de torçal escuro, que debruasse uma charpa mais clara, é essa remota costa do Tapará, vista da outra banda do rio. O torçal, oiranas ralas e tristes como cílios à borda de pupila imensa que fosse dilatada e cega. Detrás dessa primeira vegetação ribeirinha, que se sentisse medrosa da água solapadora do Amazonas, as embaúbas mais animosas surgem logo, altas, de folhas com reverso argênteo, de troncos brancacentos, na impressão de anemiadas por pulgões, fungos e líquens parasitários.

Depois delas vem a mata, que tem o aspecto de se deter porque sentiu que lhe embargavam o passo. Surge em conjunto de um verde-montanha, sem gradação nas alturas das copas informes e esparsas como coalhos. Toda ela é igual, cheia, desordenado entulho de galharias e folhagens, frondes torcidas, enganchadas em novelos de cipós que se engrifam pelas pernadas; parece toda ela lutar consigo mesma, a um tempo conflagrada e em sossego.

O sol aproveita a escápula de rama, ou recuo de galho, para escorrer nos interstícios da massa de verdete a sua luz ardente, que atravessa, ora em fiapos, ora em punhais. Os punhais embebem-se nos troncos e os fiapos são plumilhas de



cotão de ouro voltívolo e tenuíssimo, fazendo das folhas jóias em berloques de esmalte. Há trechos onde se diria que se acendem candelabros para uma festa de duendes. A luz, no entanto, não consegue nunca encharcar a floresta, aproveita apenas os desvãos, em que espraia e se derrama, logo contida, porque tudo afinal reveste a consistência impenetrável de um vasto conglomerado de pórfiros.

O que essas oiranas guarnecem é linda e harmoniosa curva de lábio, mas toda corrida numa lama embastada. Aí a canoa do caboclo embica e se firma, ao lado de frágil mará, facilmente fincado, ao sacolejante banzeiro do bojudo transatlântico que passa.

Dessa praia em terra podre, fofa como um colchão flácido, o mariscador penetra dificilmente na floresta pelo pico, que vai por onde foi leito de igarapé na enchente. Porque nessa mata, há dias, ainda se deslizou a remo. Era mais pronto. Somente afundar n'água a pá de louro e flutuar de manso. Nem carga nos ombros, nem chão resvaladio e estrepado em grimpas ou depressões.

A floresta, afogada na cheia, é mais própria ao nativo. No dilúvio amazônico o homem trocaria bem os seus pulmões por guelras. Tudo lhe é acessível quando n'água. A solidão do centro, quando a rede gangliforme dos lagos se liga à rede arterial das correntes, não tem segredos. O caboclo vara, some-se numa segurança de caminheiro por vias topografadas, e vai até onde o tino tranqüilo lhe indica o fácil pescado. Assim, só para ele não há mistério nesse sertão.

Mas também, com o termo da enchente, o homem está ilhado, ou pior, emparedado. Baixando a água, baixa-lhe a capacidade de anejo. Não pode flutuar mais, e é como o tronco que de bubuia, e, afinal, pesando por encharcado, desce



ao fundo do rio para apodrecer; nem sempre, às vezes para constituir a estaca primeira da construção, que utriculárias, pístias e pontedérias enfeitam e lodo argamassa, e a qual será mais tarde uma ilha, alterando levantamentos e modificando roteiros.

A trilha pela mata é custosa de reconhecer. Durando o espaço da vazante, não tem tempo de ficar assinalada. E o que ainda a destaca no emaranhamento dos galhos, é que, por onde a maior enchente se marca nos troncos, há ramos aqui e ali decepados ao choque do remo, que então os afastara, quando se embaraçavam na proa da canoa. Aliás não valeria a pena traçar mais viva a estrada; seria sempre como riscada a giz, a esponja da enchente apagá-la-ia.

É longo o trajeto. Apenas dois quilômetros e meio, mas parece que não tem fim. O hábito da canoa, naturalmente, à exigência da translação com os pés, dá cansaços e impaciências irreprimíveis. O chão é regular em nível e de natureza aluviana idêntica, mas assoalhado de abatizes, enleado de hastes e liames, mortos ou na letargia da seca, esperando a infalível revivescência com a cheia; e pendurados estão, aqui e ali, esses flocos vegetais secos em pingentes duros e escuros, corolas de estopa, das quais se desprende um pólen imperceptível, o cauixi: – cáustico invisível a queimar a nuca do transeunte; quando não é a tocandeira venenípara ou a tapiú com o seu ferrão de brasa...

Na ressecação de outubro ainda as primeiras chuvas não têm caído, antecipando de mês e tanto o começo desse dilúvio amazônico, mais duradouro que o da Bíblia. A mata queima, não há a crepitação de chamas, nem o esborcinar vacilatório dos incêndios; arde sem lumaréus. O fogo, sente-se-o,



comburir espontâneo, provindo, sobretudo, dessa fermentação espantosa de vegetais à umidade permanente sob as ramagens altas. E tudo em silêncio atoniador e oprimente.

À hora do meio-dia ensoalhado, a floresta é pavorosamente muda; à noite, ela é wagnerianamente agitada de todas as vozes. Vozes que vão do clamor insano d'almas errando em assomo de desespero e de dor, aos murmúrios vagos de uma só rabeça, em smorzando delicadíssimo.

A canícula anestesia o organismo monstruoso; os orvalhos da noite dão-lhe pesadelos e sobressaltos. Pensar-se-ia que a lua, reguladora das marés no planeta, mexeria em preamares tétricos a mata equatorial, como outro mar de frondes mais propício a naufrágios...

Um momento há em que certo clarão invade a penumbra da mata. Através de "breus" e de "lacs" ralos se abre uma clarabóia, e o trilho indefinível orienta-se na crista do barranco, justamente pelo escarvado do solo, que o repassar das pacas e cutias profundou.

A mata como que estaca também, à beira de enorme baixada estreita, onde um arrozal silvestre tem a cor tenra e o embastecido do alfafal novo. E nesse manto verde-gaio, à direita, resplandece uma placa redondo, d'aço polido. A baixada é o lago, o lago da Frente, declarando, pela denominação, a existência do Tapará mais ao fundo. A placa d'aço rutilante significa o resto de água, que não pode escapar, forçada pelo desnível, a ficar para bebedouro e refúgio de garças, ananaís, carões, arapapás e patos-bravos. Água prisioneira. Na raiva dessa situação parece filtrar um olhar de ódio, olhar de basilisco, a esclerótica da lagoa. Vingam-se o poço, gerando uma baixa vida de algas e micróbios venenosos. Quem nele chegar



a abeberar-se, ajustará contas mais tarde com o baço e o fígado. O lago seco, uma curiosidade hidrográfica, é o laboratório alquímico da micro fauna e micro flora palúdicas. E tão quieto na fossa! Ninguém o diria. Só mercúrio, ao fundo de uma cuba, seria tão tranqüilo e espelhento.

Para atingir o Tapará, torna-se forçoso atravessar a baixa, onde essa retina imóvel, incrustada na órbita dos barrancos, olha o sol com insistência espasmódica e enervante.

Atolando-se ainda na vasa mole da sua cabeceira, há a transpor outro barranco, que do lado fronteiro ergue a rampa, qual o talude exterior de parapeito fortificado. Será preciso galgá-lo, adivinhando primeiro onde a vereda interrompida se insere de novo na longa bacia do lago vazio. Procurar não é fácil. As grandes árvores espedadas, ramalhudas, iguais e a renda dos araçaranas mascaram a posição. É mister adivinhá-la! Enfim se encontra o trilho, com o incaracterístico da linha muito apagada num antigo roteiro de mina misteriosa. Acentuado a princípio, perde-se após, como o outro, em coleios ou rabeios pela mata, fantástica estrada, que fora corrida e locada num caminamento por água. As balizas estavam já previamente erguidas; era só escolher no feixe já plantado e as colimar, d'olho ao coar do sol nas comas...

Continua a senda mal indicada em través a lombada de uma restinga imperceptivelmente mais alta. O Pequeno Polegar, do conto de Perrault, precisaria crivar de seixos esse caminho...

De repente, investida a cortina de abiuranas e acapuranas, se domina uma nova ourela de araçá-pixunas, em outra baixa mais larga, mais funda e mais farta d'água: o Tapará.



O lago imenso volta-se para um e outro lado, qual a unhada de um gigante, afastando a mataria e cavando forte a terra, até dar n'água porejante. Esta canhada surpreende. Percorrendo a floresta, tão compacta ela se apresenta, que se dirá nunca mais se desempastar de sua goma unida, áspera e verdolenga. Nenhuma clareira. Aquela vegetação espessa, em chão igual, sem alcantis nem socalcos, deve seguir assim, até os vagos plainos fronteiros a Mato Grosso e Bolívia, dando a idéia deprimente de que não tem hiatos na sua espessidão, e deste modo o lago desafronta. É uma aberta, um descanso. Na continuidade infinita do túnel, o espiráculo por onde entre a luz interessa, porque desafoga da impressão do enterro. Lembra que no alto há ainda o céu – a visão constante dos murados em abóbadas e sombras.

Imensas poças ao longo da vala rasa, tamisada, na parte enxuta, pela tapeçaria meiga das gramíneas. E com a claridade irrompedora, no cavado do valo, a animação da fauna aparente como na gravura que representasse um pedaço da terra, na parte última do capítulo primeiro do Gênesis, ilustrado pelo buril ingênuo de velhos gravadores.

Em torno dos poços, pernaltas e bandos de palmípedes inumeráveis. Os filhotes de todos ainda mal plumados. E no covão empantanado e viscoso toda uma agitação e bulha de asas e crocitos.

Vãos tentados, ou vãos feitos, espanejamentos e grãos da população plumachada do Tapará procuram dar vida inopinada àquele ponto esquecido da exploração industrial, desprezado pelos geógrafos, nem pervagado por visadas de agrimensores.



Sob o tendal esmagante das ramarias, o que esse lago opimo, mesmo com o gazeio e o esvoaçar das aves oferece, é um ar mortal de deserto, todo em pedras nuas, onde pelo calor refletido das lajes até os répteis fugissem. Esse lago dá a idéia do asphaltite, mau grado o verdejar das margens e o fundo descoberto, atapetado de relva e populoso de uma fauna de estampa de Paraíso. A lembrança clássica de Caronte ocorreria também, como se, por tal água estagnada, esse fúnebre patrão empunhasse o jacumã de sua igarité da Morte. O Aqueronte devia ser assim, circulando os infernos, qual este sulco d'água morta e infecta, com a mesma decoração em contorno da selva extática e lôbrega; e, talvez mesmo esse lago, onde Heine pôs uma condessa languesciente, vogando entre cabeças espectrais de afogados e amorosos.

Mas, se aviventam as margens do Tapará a pompa revoante de plumas coloridas ou brancas e o grasnido das aves, no seio dele, propriamente aquoso, a vida é com certeza mais intensa. É uma vida de peles, de escamas, de carapaças. Os brancos jacarés dormem com placidez no lameiro, ao lado de peixes espertos e quelônios tímidos.

Quando o rio deixou, sugado pelo verão, esse resto d'água gosmenta de talófitas, deixou também mal afogado, entre as ribanceiras, todo um catálogo de ictiologia. E porque, cada dia a mais, novembro afora, o líquido diminui, a sua população se amontoa. Dá-se então este fato hediondo: o lago apodrece.

Os sáurios parecem melhor gozar o pantanal assim saturado. Cochilam com os focinhos à flor do lodo, figurando callhaus negros, rolados das fraldas de algum fraguado ao atoleiro da planície. Os cascos das tartarugas entremeiam-se com os lombos escuros e em relevo dos peixes enlameados...



Todo o horror desse lago então aparece. Não há encarar mais para o doirado da luz, nem para o verde-crê dos vegetais que o emolduram; isso não distrai. O lago parece abafar a alegria de toda a criação. Pastoso, pútrido, mefítico, é capaz de dar à consciência do observador um reviramento de loucura. O acreditar que alguém aí viva e dessa podridão guarde esperanças risonhas de fortuna e conforto, é disparar a razão na vertigem da insânia.

Não! Esse tremedal corrupto parece antes uma justa punição à curiosidade dos exploradores ambiciosos. Divindade cruel, que protegesse a virgindade dos sertões amazonenses, daria este prêmio aos violadores da terra: deparar a manifestação mais repulsiva e mais profunda da corrupção da vida, na superfície de alguns hectares apenas.

O vale de Josafá será um rincão de ressurrectos, certamente menos comovedor que esse buraco tábido, espapaçado de lama, sânie e palpitações de vida, de mistura.

Aí, num ponto, se diria integrar, em proporções largas, a luta essencial, que em noção incompleta da vida, Bichat compreendeu como a reação contra a morte. Mas a morte vence estarrecedoramente. Os broncos jacarés, que se rebolcam com volúpia no tremedal espapado, acabam também vítimas do leito letal, aumentando com parcelas grossas a podridão ambiente. O que lhes entra pelas fauces de gorgomilos antruosos, sendo-lhes um favo de mel, é caldo de cultura bacteriológica, cujos fermentos os fazem estrebuchar fulminados, mesmo nas suas inúteis couraças de sapadores monstruosos. Assim, a mesa do banquete é o esquife em que se amortalam...



Pulula nessa bacia estreita a desgraçada alimária, que não se pode incorporar às piracemas que, remontando as águas do Amazonas, evitaram assim a prisão, que ora encarcera os retardários ou os desprecauidos. A natureza castiga ferozmente estas castas. Deixa-as com gáudio a seu destino de volver à putrefação. Ou por indivíduos ou a rebanhos. Toma um só ou agarra o bando, e manda o calor e a umidade conjugarem-se numa trágica incidência de forças incoercíveis, a comporem a decomposição tremenda.

Mas à beira desse abismo de corrupção, no alto fronteiro da terra plana, acham-se plantadas duas barracas de miriti.

Lá fazem a estação da salga o velho Palheta e o filho. Em setembro abalaram eles da “terra firme” para as “feitorias” no lago, trazendo as mulheres e os cães. Levam quatro meses eternos essas criaturas, debruçadas à borda dessa cova...

A eles, porém, não impressiona o aparato de catafalco armado no aguaçal; desde quando meninos, o lago lhes é familiar e amigo. Querem até legalizar as terras que ocupam; que um papel selado garanta os sete palmos de terra... E rala-os o desgosto de saber, vagamente, que o Chico Mendes, num envolver amplo de braços fortes, pretende açambarcar os miseráveis casebres em que se acoitam.

Ao lado das habitações negligentemente inacabadas, estão estendidas, em varas horizontais de um tendal, mantas do valioso pirarucu, na demonstração de uma atividade judiciosa em pleno tûmulo.

Enquanto ainda pela entrada do lago, ao lado mesmo da boca de cima do Autaz, escorre a água em jorro abundante, esvaziando o tanque fúnebre, eles pilotam a humilde montaria de cedro ou louro, que os traz à vista do mundo, como os leva, em caudal inversa, à solidão e ao trabalho.



Mas, logo esse recurso de tráfego acaba até a nova enchente; a boca é um simples lacrimal e os homens estão presos na golilha do lago. Não obstante contam com isso. Nem desânimos, nem desesperos. Vêm voluntariamente para o ermo, na luta reproduzida ano a ano, com a igualdade de edição, na mesma tiragem tipográfica de um livro. Antecipam-se, apenas, concorrendo à necrópole e arrebatando à morte o que eles querem também matar.

Todos os negócios, que ambos mantêm e se resumem em parcimoniosas trocas nas tavernas da costa, hão por base e garantia o trabalho da salga no lago.

— Este é uma providência. Cessado o estupendo acidente das formações hidrográficas, por tal forma delineadas e regradas, o caboclo não resistiria pela metade. Na incrível disposição das tendências congênicas, o lago é o seu elemento melhor. Na seca com o jaticá, na enchente com a flecha ou com o arpão, se não é a fartura, é um recurso valioso.

Diante a invasão dos batalhões, que o esmagam – forças cosmológicas e morais – o amazonense refugia-se no lago. Satisfaz ao estômago e à imaginação; no primeiro caso, porque é a sua “dispensa”, como lhe apraz qualificá-lo; e no segundo, porque o lago é a sede amorável das lendas, sendo o teatro retirado de perigos misteriosos... Nele compraz-se a emergir a “mãe-d’água”, domiciliando também a “cobra-grande” aos roncões apavoradores e os bandos das janauíras catíngosas, que assaltam rábidas... Na mata, que o engasta, curupiras, caaporas, matintapereras, boitatás, desasidos repassam numa surabanda de terror e pânico.

A fatalidade seringueira ainda não desceu sobre o lago do Tapará e a outros tantos. “Barrigudas” e seringaranas, nas



vizinhanças inumeráveis, despertam apenas a lembrança da indústria com elas impossível. E por isto, que a nada se prestam, nem para achas de lenha, nem o seu leite é elástico, tendo o aspecto de semelhança completa à seringa legítima, dispõem-se como paródia de troça. São um escárnio vegetal. Troncos imensos, a uma simples incisão no córtex, deixam correr em jato abundante a seiva-milhão; mas esse sangue branco não se coagula à defumação, que faz o líquido ficar unicamente pegajoso ou quebradiço, mas não elástico. Em vez de seiva-milhão, é seiva-água morna...

O caboclo refletirá que será melhor assim, talvez. A onda imigratória, esses "cearenses", como ele se exprime, abraçando-a num termo genérico, em vago ressaibo de desprezo e despeito, chofraria em praga, invadindo a floresta... Extinguiria até a caça e o peixe, assenhoreando-se, ambiciosa e sem escrúpulos, da terra que o viu nascer; gente vinda ontem e feliz da vitória que o antigo nativo ainda aspira e não consegue!

Mal sabe o caboclo que, na avidez da sociedade nova acampada no Amazonas, ele, com o seu caráter reservado, onde paira certa tristeza de exilado na própria pátria, é um moderador feliz e inabalável.

Quando ali se acomete com desbrío e cobiça na batalha da vida, a resistência do elemento tapuio ou mameluco, pescador, em fim de contas não será um freio à desordem seringueira, mas limita o conflito; conflito natural no jogo tremendo de ambições forasteiras, que com o machadinho, as tigelinhas, o balde e o "boião" revolveram a terra, sacudindo-a para a eletricidade e para o vapor, e para os males das sociedades, que hoje se chamam fortes.



E localizando essas tendências, de que uma se manifesta passiva e quase indiferente, e outra conturbadora e imoral muitas vezes, é o baixo Amazonas, que inerte reprime o alto. E no baixo Amazonas, restringida a sede da força calma, é o lago que amortece a febre dos rios, essa febre que fará bater com mais força o pulso do comércio, mas no fim estraga e corrompe um dos cantos mais caluniados e fartos do planeta.

O lago é, pois, digno de um capítulo de Michelet; mais do que isto, merece o olhar de frio sociólogo; um hino e uma análise...

O lago é o centro de abrigo, quando na periferia um não-sei quê não quer mais que o pobre ilota vingue, desde o pescado que escasseia nos rios, até o vendilhão, que o furta nas contas.

Porque a sua luta tem sido enorme, no anfiteatro lacustre do Amazonas o caboclo é o Orestes da tragédia grega. É perseguido por fúrias. Mas o desgraçado tem nos lagos recônditos, em que pelo baixo Amazonas se engolfa o sobejo das águas, descidas dos afluentes ou precipitadas do céu, as suas praças fortes, onde só um investimento secular, quem sabe? o pode ir aniquilar.

Esse aniquilamento, todavia, é forma de exprimir. Nada se destrói... E no sangue, que há de lavar, um dia, as veias do brasileiro étnico normal, o sangue do pária tapuio terá o seu coeficiente molecular de mistura ao sangue de tantos povos, argamassado num só corpo, cozido em cadinho único, fundido num só molde. Cadinho, molde, corpo: aparelho e resíduo de transformação consumada, onde com o mameluco, o carafuz e o mulato e esse indo-europeu, que preponderar na imigração, ter-se-á tornado o brasileiro tipo definitivo de equilíbrio etnológico. Deixará de ser, afinal, o que tem sido: um desfalecido meio para o trânsito transfusivo de raças...



# Um conceito do Catolé

*But whatsoe'er he had of love reposed  
On that beloved daughter; she had been  
The only thing which kept his heart unclosed  
Amidst the savage deeds he had done and seen,  
A lovely pure affection unopposed:  
There wanted but the loss of this to wean  
His feelings from all milk of human kindness,  
And turn him like the cyclops mad with  
[blindness.*

BYRON – *Don Juan*, Canto III.

O velho Administrador, ajeitando os óculos, inclinado de bruços sobre o grande livro de matrícula, interrogava, entremetendo chalaças pesadas e ditos grosseiros, a um matuto à sua frente, na sala principal da casa da Administração.

No compartimento, todo em telha vã, duas únicas janelas davam para o cercado, em que parecia ter havido uma horta e um jardim. Aí remanesciam ainda vivos um pé de couve e outro de bogaris nos canteiros nus.

– Já escolheu o lote? seu cara de “mama-na-égua”, perguntou o funcionário, em remate, com a pena no ar e numa mirada d’óculos ao colono. Este tartamudeou:

– Sim senhor, o sessenta e quatro, junto à sinhá Martinha, do lado de lá do Passarinho.

– Esse não! saltou o Administrador. Tenho gente pra ele. Logo vi que este amarelo atentava situar-se no lote do Mundico...



O burocrata reservara, indecorosamente, do bolo das terras a melhor fatia para o filho fedelho.

– Mas é que eu não sabia...

– Nada de subterfúgios. Vocês são muito bons, mas eu os conheço, seus “trastes”.

– Então o cinqüenta e sete... murmurou timidamente o novato.

– Vá lá! E o chefe da Colônia inscreveu no registro o número escolhido.

Em seguida, fechando o livro volumoso de cantoneiras de metal e capa de couro, mandou desafogado que o novo recipiendário saísse, apostrofando-o:

– Pode tomar conta do lote, seu ventas de mamão-macho! Não quero vida de calaceiro, ouviu? E verberando, resmungou: o Governo enchendo a barriga destes diabos, que não servem para nada!...

João Catolé chegara ao Amazonas na récua de embarcados, em Fortaleza, tal um gado de refugio. Viera com a filhinha, fugindo às misérias do sertão, onde havia muito não caíra gota d'água e onde sucumbira a sua querida mulher. Ele mal tivera tempo de fechar os olhos à falecida, pois deparara um dia a pobre esparralhada à sombra de uma carnaubeira. A coitada vinha da cacimba. Credo! tinha as roupas manchadas de vermelho, feita uma criminosa; e, como levava à boca as mãos, tentando represar o vômito hemorrágico, estavam também as mãos ensopadas de sangue.

Foi enquanto rezavam o ofício da Agonia aos pés da morta, que o João acabrunhado determinara deixar Santa Quitéria. Não custou vender uns garrotes e alqueires de farinha, “tocar” para Maranguape e tomar o “vapor de terra” até



a capital. Metera-se em seguida no “carroça do Lloyd” e saltara em Manaus, sem um ceitel e com a pele sobre os ossos. O seu primeiro e único abrigo fora os baixos da serraria Sá.

Na margem risonha da cidade, de São Raimundo ao Educandos, a casaria moderna estende-se, de vidraçaria faiscante, entablamentos, platibandas e cumeeiras coroados das torres da Matriz e dos Remédios e da cúpula do Teatro. À hematose do progresso, operara-se o prodígio da transformação das palhoças da antiga vila da Barra do Rio Negro na metrópole amazonense de nossos dias. Muralhas de cais, trapiches, frontarias de casas altas, o edifício do Mercado e a sua “rampa” formam a primeira linha da cidade, junto ao negro gorgorão da água, que a banha funereamente.

Próximo ao mercado, em terreno acrescido nas aluviões do rio, mas que este pela aguagem da enchente não dispensa inundar, está um imenso barracão de velhas tábuas. Prevendo a alagação edificaram-no sobre estacaria alta, mal aprumada e que a vazante deixa totalmente a descoberto.

Esse imenso pardieiro todo o dia palpita do resfolegar de uma caldeira e do zoar das serras rasgando toros, desmanchando os rolos dos cedros em vigas e tabuados. De noite a parte de cima emudece; a parte inferior, entre as estacas apodrecidas e limosas, vive então alguns meses de uma sombria vida noturna.

Nesse esconderijo imundo resguarda-se muita gente miserável, que desembarca dos “gaiolas” ou dos pacotes do Sul, a fim de buscar sustento, ou talvez, opulência na pátria encantada do caucho.

É um acampamento de ciganos. As famílias instalam-se em promiscuidade nos lôbregos baixos da oficina-cortiço.



Incompreensível construção, teimosa em ficar bem exposta como escárnio à civilização que a rodeia, a serraria é um asilo amoroso. Não tem tabuleta a hospedaria gratuita e nada exige por acoitar a necessidade e a desgraça. Vibra-lhe um coração no peito descarnado e rígido de traves e barrotes. Na sua humildade de maltrapilha apiada-se dos indigentes que a procuram. Nenhum guarda e a mais perfeita ordem. Sociedade ideal, igualitária de condição e parece que disciplinada ao mesmo sonho de ganhar fortuna, que a rebolca ao mesmo antro, ali se instala a cômodo e sem cerimônia, na passividade diária de armar as redes, aquecer as panelas, corar, enxaguar e enxambrar as roupas...

Patrões ou intermediários aparecem ali a arranjar pessoal para o alto. Lobos de alcatéia às vítimas vigiam em torno da isbá equatorial. Desenrolam-se promessas com o brilho de miragens e contratos são logo firmados ou desfeitos. Fazem o Destino e o Negócio a ronda ao acampamento assenzalado...

Certo dia, um grupo deixa os desvãos lacustres; outro dia, novo chega, substituindo-o, a aboletar-se no pavilhão ruína.

Também o João com a filha se hospedou no horroroso albergue do colossal tijupar. Resistira, porém, o cearense singularmente à tentação da seringa. O principal embaraço à fascinação foi pensar na filhinha. Atirar-se com aquela menina lá para cima!... Ganhava-se, na verdade, mas de parelha diziam tanta coisa... Vendiam-se mulheres, moças de família eram arrebatadas, não se sabia como, e a sua Malvina daí a pouco estaria mulher... Não! Ele ficaria mesmo em Manaus, para os lados de Flores, onde diziam que havia uma colônia do Governo. Se para lá fosse, teria terra e até comida e remédios!



Para localizar-se nesse cantinho, indagou do caminho que o conduziria e partiu, munido previamente do ofício do Diretor de Terras.

Mal acabava o chefe da Colônia de lhe designar o lote e o Catolé tratava de se instalar, levando a sua pequena mala de sola para a casa. Era esse trato de terra um dos poucos, que tinha tal construção, embora apenas barreada; por sinal que a encobriam os matos da capoeira e, nova ainda, virara tapera.

O Catolé escolhera o lote, depois de ter levado dois dias a percorrer o núcleo colonial, que varara em todas as direções. Os lotes dividiam-se na extensa área coberta de matagal espesso e filetada de pequenos cursos d'água numerosos, semelhando veias trêmulas e malacachetadas em laje calcária. De meio a meio a zona era cortada pela estrada principal, larga, carroçável, inclinada desde o Cariri aos campos gerais do Rio Branco. Algumas plantações se abriam na densidão da mataria rica de louros e acariquaras, ao redor de casinhas de taipa cobertas de telha de Marselha. Parcos roçados de abacaxis, mandioca, cajueiros e canas, um ou outro arrozal nas baixadas.

A Colônia não progredia; era ela mesma qual planta exótica e ártica, que se fanasse ao calor de uma estufa. Seus ocupantes cuidavam pouco de lavoura. Dava-lhes mais interesse ir atrás pelo rasto de alguma cutia, paca ou capoeiro, alvejando-as pelas veredas centrais, para vender a caça no Flores, ou no mercado da cidade.

Aos esforços da Administração, construindo pontes e habitações, fornecendo medicamentos, ranchos, maquinismos e escolas, respondia a apatia dos localizados sempre queixosos e mal satisfeitos. A culpa davam-na antes de tudo



à terra: não prestava... era um barro safado, arisco im-  
prestável... tinha formiga... E no desânimo de exilados numa  
rocha, os colonos iam passando os dias, desolados entre  
lamentos inúteis.

Somente o João bendizia a sua sorte. No Ceará nunca  
pudera ser senhor de um pedaço de vazante. Trabalhara  
sempre “a dia”, ou em terra foreira, ou emprestada. Unica-  
mente de algum trecho de “carrasco”, ou dalguma lapa no alto  
pendor da serra, onde se acoitam as suçuaranas, poderia ter  
sido dono; mas, com que futuro?

O Amazonas, tão amaldiçoado país de seringa e de  
impaludismo, fazia-o proprietário; ao chegar o retirante  
cearense, dava-lhe o solo, o mantimento, o teto, a assistência  
médica, a instrução... O monstro devorador de vidas ao pé das  
*heveas* era, na verdade, também protetor e amigo.

Animado, ele escorara a barraca, que lhe haviam  
cedido, limpou-a dos cupins e já no fim de um ano, uns quatro  
“quadros” de roça viçosa e limpa lhe notabilizavam o lote.  
Mais tarde, o Catolé conseguira instalar no alpendre a “casa de  
farinha”, com todas as peças fundamentais: a roda, o banco  
com o “caititu”, a prensa, o forno e o rodo.

Havia bem três anos que se fizera colono o hóspede da  
serraria. Parecia-lhe contudo ontem, quando se resolvera, com  
a filhinha, a vir trabalhar na Colônia.

Tinha, então, uns treze anos a Malvina. Ela ajudava-o  
bastante. Até na “carpa”, ou no encoivarar, a rapariga prestava  
auxílio ao pai. Cobria a cabeça de largo chapéu de palha e  
tomava do terçado; era um homem! Muitas vezes o Catolé  
ficava cismando a olhar; o oval do rosto, os olhos gázeos e o  
riso eram da sua defunta mulher, porém mais resoluto e mais



trabalhadora. A rapariga não tinha um minuto de seu. Cuidava da casa, da roupa, da cozinha, da criação miúda, ia para a roça, e ainda lhe sobrava o tempo para fazer renda de crivo. Que formosa era a Malvina com a almofada ao colo e nas mãos de dedos ágeis os bilros saltando lépidos, com o rumor de castanholas agitadas febrilmente num samba! Os catolés dos bilros estalavam doidos, mas a linha entretecia-se sabiamente por entre os alfinetes no “pique”.

João tinha poucas relações na Colônia. A visita mais freqüente era a da vizinha Rosália, a quem, um triste dia, tinham vindo avisar que o marido havia sido esmagado pela umarirana, que derrubava. Ela correria para o aceiro do roçado, dando gritos qual uma louca, até encontrar o homem com a larga brecha no crânio donde escorria a massa mole e esbranquiçada do cérebro. Quando a velha chegara, ele estava ainda quente, porém já morto. Alguns colonos acudiram. No dia seguinte, a mulher alucinada queria impedir que levassem o cadáver, beijando-o como à efígie de um santo. Afastaram-na com piedade. E na rede, atravessada num pau, o corpo álgido foi em caminho do Tarumã, aos trambolhões, comboiado à distância pelos gritos desesperados da viúva.

Rosalía não se consolava. Quando vinha à casa do Catolé, era o seu assunto predileto recordar o marido.

Malvina delicadamente a acompanhava nas emoções de saudade e a velha suspirava, como aliviada um instante na dor que a não deixava.

Afora a Rosália, era visita mais amiudada a do Pedro Carapina. A história deste cearense incidia no mesmo capítulo geral do romance daqueles emigrados. Acossaram-no dos arredores do Canindé os horrores trágicos da endemia da seca.



Aguilhoara-o a sede... A sede e também a ambição. Despindo o gibão e as perneiras de couro, viera ele rapaz ainda... Tanto ouvira falar do Amazonas que não resistira, no monótono rolar das vaquejadas, ao impulso curioso da aventura. Fora, de fato, mais forçado pelo exemplo de um primo, que depois de julgado morto, lá chegara do Acre, onde façanhara, às ordens de Plácido de Castro, “matando boliviano”, com muita roupa, um guarda-sol de castão de prata, relógio, competente cadeia e a “massagada de notas” que dispersava à toa, do que mesmo pelo torrado das caatingas e campos no sertão.

Trabalhava o Pedro na bolandeira, que a Administração montava na sede da Colônia e aproveitava domingos e feriados para tomar um gole de café com o seu amigo João.

Este via sem suspeita as visitas do “patrício” que por fim se repetiam muito.

Malvina mal disfarçava a alegria que isso lhe causava, inclinada pelo carpinteiro num sentimento a que não resistia. Tardando o Pedro nas horas costumeiras, Malvina sentia-se inquieta, sem poder dominar-se. A velha Rosália recebia-lhe as confissões da alma que o amor nascente preocupava e fazia feliz. As saudades e os sonhos embasteciam a troca de confidências d’ambas as mulheres.

Um dia, o desbocado Administrador fizera certa proposta ao João; – tomar a filha para serviços leves, na casa da Administração. Dar-lhe-ia bom ordenado e tratamento...

Repugnara ao pai carinhoso a separação. Mas, por fim consentira; seria um meio de aumentar os recursos tão escassos; e, mesmo seria de vantagem afazer-se a filha aos hábitos finos dos “brancos”. Ela aprenderia alguma cousa, acolhida na “casa-grande”, com gente “sabida da cidade”...



Refletira, tornara a pensar, e acabara por entregar a mocinha aos serviços da família do Administrador.

A rapariga portava-se bem. Todos louvavam os seus modos singelos e atividade incansável.

O Pedro continuava a montar a bolandeira. Era um serviço que se eternizava. O Administrador reclamava todos os dias, espirrando baixas e expansivas expressões, com que adubava o zelo de assalariado do Estado.

– Então? seu Pedro Malasartes, acaba-se ou não se acaba com o diacho desta manjedoura? Hein? seu cara de cera “pro” Santíssimo! Eu já estou que nem uma “briba espritada”!

Mas a obra remanchada, como que empacava a esse estúpido esporear. Nem à ameaça de ser substituído o Pedro punha mais empenho no trabalho. Passava os dias a aparelhar uma esquadria, deixando-a a todo o instante para fumar o cigarro, assentando-se ao canto do terreiro, distraído...

Dali percebia ele a Malvina nas ocupações, indo e vindo pelo quintal ou pela casa. Nessa contemplação as horas voavam, os cigarros sucediam-se, e a bolandeira interminável adquiria foros de obra de Santa Engrácia.

Uma noite, a Colônia no seu sonambulismo costumeiro se sacudiu de espanto.

Tinham-se ouvido uns tiros de rifle para os lados da casa da Administração. Muito não tardou que tudo se soubesse. Dera-se um drama pavoroso de sangue na treva. O Pedro abstrusamente, à noite, ferira um outro empregado, matara o Ajudante da Colônia e arrastara consigo, para lugar desconhecido, a pobre Malvina.

O fato tremendo, caindo de chofre naquele recinto bocejante de matas e lavouras mesquinhas, abalou toda gente. “Por



quê?...” “Como foi?...” “Que horror!...” “E a menina?...” E perguntas e exclamações cruzaram-se na Colônia alvoroçada.

Num vôo rápido, a notícia chegou aos ouvidos do João, que, no arrebatamento de loucura, em pranto desabalado, mergulhou na mata assombrada, na pista do par fantástico, perdido no pélago das folhagens.

A seda do céu bordava-se da escarcha aurirrosada da aurora, quando encontraram o Catolé ressupino, parecendo um morto. Tinha os pés crivados de espinhos de tucumaí.

Levantaram o fardo e trouxeram-no para a casa. Ele acordou da inconsciência e cansaço, no delírio: – minha filha!... Malvina!... gritava. E os seus gritos pareciam comover até as pesadas brenhas de em torno.

E muitos dias assim, enquanto emissários, colonos e soldados percorriam os arredores, em todos os sentidos, da cachoeira do Tarumã para o igarapé Grande, da estrada do Rio Branco para oeste, o pensamento nos dois infelizes a todos oprimia.

Mas, finalmente, haviam cansado de escarafunchar todos os recantos do matagal, nada encontrando. Certamente os fugitivos iriam longe, safos da Justiça, no lance rompante da estranha paixão que os empolgara.

Ao fim de uma semana, meio cento de corvos, abandonando-se por cima de certo ponto da floresta, despertou uma fúnebre suposição. Alguns colonos tomaram o rumo em que o bando sinistro e carniceiro pairava nos ares. Lá deram, efetivamente, com os cadáveres de Pedro e de Malvina deitados lado a lado, os esqueletos desprendendo-se na papa nauseabunda. Um rifle no chão, em meio a esses restos imundos.

Autoridades, vindas da cidade, verificaram o noivado trágico e lavraram o competente auto, enterrando ali mesmo o



misterioso casal de desgraçados. O recôncavo da floresta ficou guardando, cofre de malaquita discreto e impenitente, o segredo daquela cena, o desvario dessas criaturas, o romance do crime, os corpos apodrentados.

Muito tempo ainda a Colônia em peso como que sofria de indefinível mal-estar. Em tudo um ar desfeito. A mesma floresta tinha o aspecto de desânimo, que fazia pensar em lamentos augurais quando o soprar do vento lhe vergava as frondes azinhavradas e tristonhas.

Pouco a pouco a Colônia foi recuperando a sua calma indolente. As cousas e a gente voltavam lentamente ao torpor e ao viver tranqüilo e amodorrado de dantes. O João Catolé continuou no seu canto, feito humilde animal na toca, a lamber a ferida que sangrava sempre. Era uma sombra dolorosa na sua esqualidez e marasmo. Nunca mais a roça lhe viu a enxada ou terçado na mão. A vida conservava-se-lhe mais nos olhos, porque eram machucados e febris, fitos em alguma coisa que estaria dentro de si mesmo, na lembrança terrível que só se desferrasse à força de lágrimas sem conta. Um esteio da barraca arriara. Ele não o consertou. Cupins nas ripas e pernambancas prosperavam. Que lhe importava? Marinhavam trepadeiras más pelo telhado e capins-agrestes alastravam por toda a parte. Ele desesperançado não tinha forças, nem coragem...

“Malvina! Malvina!” O João acordava à noite, chamando pela filha. Os seus sonhos inventavam sempre florestas medonhas; e, abrindo passagem violentamente pelos troncos e enramados, ia furioso a perseguir duas sombras fugitivas. Era a corrida fantástica, esbarrando aqui e acolá, ferindo-se nos espinhais, atolando-se nos brejos. E sempre as duas sombras



se afastando mais... Despertava com o corpo dolorido e um suor mortal na fronte áspera e resfriada.

Na manhã de junho a “friagem” anunciara-se, fazendo encarangar e tiritar os membros alquebrados do desventurado Catolé. Foi o mísero sentar-se fora, no terreiro, num carcomido tronco de carananaçu, “lagartear” ao sol animante.

Nisto passou na estrada um colono, que de espingarda “pica-pau” ao ombro, vinha de volta da caça. Do pequeno bornal, a tiracolo, surgiam as cabecinhas arruivascadas de duas cutiaras. O caçador tocou no chapéu, saudando e parou.

– Então, “seu” João, como vai? E sem esperar a resposta, lançando o olhar sobre a roça abandonada, onde as flores dos maracujás se ostentavam em chagas sanguinolentas, avançou comentando: É o diabo esta terra... Não dá nada. Só caju e abacaxi. No nosso Ceará é outra cousa, tem-se legume... A questão é de inverno. Aqui não vale a pena...

E o João, num suspiro profundo, respondeu altanado, abrindo-se em breve e apunhalante desabafo:

– Ora, a terra! A terra é boa, o homem só é que não presta.

E inclinando melancolicamente a cabeça, o Catolé suspiroso e magoado recaiu no triste aspecto de desterrado à perpetuidade. Ficou silencioso. Invadia-o a onda da ternura pela filha apodrecida na floresta, e com a ternura desabrochava um sentimento de justiça. O desvario do infame patrício assassino, que lhe liquidara a felicidade, dera-lhe a lucidez de um julgamento em regra...

A História, que fará o processo do Amazonas, como o do resto do mundo, pode reter em epígrafe esse conceito sintético do infeliz Catolé.



## “Terra caída”

*Évoque ton courage et le sang de tes veines,  
Ton amour et le dieu des volantés humaines!*

A. de Musset. – *Premières Poésies.*

A casa do José Cordulo destacava-se na margem por uma anosa e solitária mongubeira, espetada no alto do barranco, teimosa na reincidência de encapuchar-se todos os anos de grandes flores rosadas, a que sucediam enormes frutos carmesins. A árvore esquisita, sem folha alguma, dependurava dos braços hirtos essas urnas de laca, das quais, uma vez entreabertas pela maturação, se desprendem na deiscência bocados alígeros dum velo macio, cândido e levadiço.

O caboclo, nessa ponta de terreno devoluto, criava um “gadinho” em cinco “quadros” de campo plantado de mium e “colônia”.

No verão o xerimbabo socorria-se do muri da vazante, mas ficava lastimavelmente magro, e o carrapato, fartando os anuns, agravava a consumpção das reses. Uma ou outra não resistia. O verão, como uma peste, fazia as suas vítimas. A pequena pastagem estava rente, cortada e amarelecida pelo sol, como se tesoura esbraseada a tivesse cerceado cuidadosamente. Forçoso tornava-se, muitas vezes, socorrer-se de um campo na várzea, emprestado por uns tempos pelo vizinho mais rico.



Afora o campo morrediço numa tinta forte de sépia, em torno à barraca um enorme roçado se delineava a traços rudes de grosseiro *fusain*. O Cordulo havia ateado fogo ao roçado, mas não queimara bem, sendo preciso encoivará-lo todo. A esplanada estava, por isso, coalhada de árvores, que as chamas semicarbonizaram. Galhos eretos, troncos gigantes deitados, chamuscados, e no solo as vítimas, como dispostas ainda a repelir a pontações quem tentasse investi-las. O eriçado das hastes prostradas cantava um motivo de guerra, na desordem das hostes, quando a hora chega da avançada e tudo é desespero na turbamulta raivosa. A vitória, entoavam-na de pé, em meio à negridão calcinada, um taperebazeiro encoifado da sua fronde reversa, de galhos zambros, e uns caiaués, inajás e tucumãs, onde as labaredas andaram ao lambisco nas palmas espatulares.

Mas, depois das bâtegas de outubro, o resto de verão, em novembro, daria tempo a queimar as coivaras. Ficaria tudo limpo. E dezembro veria os estolhos dos milhos apontarem no seu verde pálido, ao longo da terra domada e feracíssima.

O José Cordulo granjeara fama de trabalhador infatigável. “Caboclo onça!” qualificavam-no os “cearenses” das cercanias, admirando a extensão dos roçados do caboclo lavrador.

Havia mais de seis anos que ele se ajuntara com a Rosa, uma rio-grandense-do-norte, amarela e escanzelada, que o navio do Sul depusera com um bando miserável de imigrantes chegados para a Colônia. Ela viera com o pai, velho que mal se tinha nas pernas, mielítico e asmático, e que se satisfizera em ver o lote, que lhe fora distribuído pelo Diretor, comer uns dias da “bóia” do Governo e ser afinal enterrado numa cova, entre goiabeiras do cemitério de São José.



Mas, o caboclo amava a "cearense". Deixara a vida nômada de "marisco" por sua causa e fora decidido trabalhar na terra. Criando o gado "de meia", plantando o milho, o feijão, a mandioca e "tirando" umas galinhas, sempre havia isso de dar para sustentá-los. Quatro filhos, dois dos quais a rapariga parira de uma só vez, eram-lhe o melhor encanto da vida e a sua maior força d'ânimo. Os curumins, aos quais mimava sorrindo, saltavam-lhe ao pescoço, acompanhavam-no à roça, e ele trazia-lhes vagens de ingá, ovos de inhambu, o que achava na mata...

Feliz o Cordulo, mesmo que o gado todo pesteasse, a saúva comesse toda a roça, ou desse o mal nas fruteiras...

Sempre de terçado em punho, do nascer do sol até quando descambava no poente, o Cordulo não largava o trabalho. O descanso era para a caça ou o "marisco", ou para entaniçar o tabaco, ou calafetar a canoa... Só se afastava da lavoura e criação raramente, quando obrigado pelo ajuri, ou por servir de padrinho em Itacoatiara, ou então por motivo excepcional e grave; porque a terra, de tão fecunda, prejudicava...

Daí a meses, antes mesmo que o milho começasse a "embonecar" e o feijão floresse, as jitiranas e o melão-de-são-caetano embalseiriam a roça, as jurubebas, taxizeiros, embaúbas e taquaris, vindos para aniquilar em capoeira a derubada e a queimada, corroborariam a obra de extermínio e maldição. Para isso não acontecer, seria preciso não descansar com a enxada e o terçado. Se o Cordulo fechasse os olhos, quando os abrisse, a floresta pertinaz tornaria a ocupar o lugar donde fora repelida.

A mata faz do lavrador uma sentinela alerta. Abandone o homem o seu posto e ela vigorosamente irrompe pelas linhas



do roçado, deste apoderando-se de novo. E, então, a dificuldade aumenta. A floresta ressurgida atabafa-se de rebentos e espiques, vergôntes e pedúnculos, vem em capoeira, isto é, mais adensada de ramas e de hastes finas, mais impenetrável portanto.

Com a floresta, a “broca” é fácil e o machado completa a destruição larga, iniciada e repartida com a “broca”. Para atacar a capoeira nova, o machado é inútil e só o terçado tem de abater no seu basto encortinamento roçagante e verdeal. É uma faina infindável. A vegetação, ramosa e miúda, ela-se ou enrodilha-se sobre si mesma, recente e compacta. Se com a roça é isso, com o campo é o mesmo, – “vira em cacaia”. No alastramento do capim vinga sempre o “mata-pasto”, querendo abafar os úteis peniscos ou gramíneas. Mas aí ainda é o fogo o colaborador eficaz do criador. No verão, resguardadas as cercas e plantações pela tira do aceiro, ele passa devastador, até que a primeira chuvada de outubro ou dezembro, em poucos dias, faça reverdecer num milagre a terra enegrecida e adusta.

Em toda a parte, nessa época, novelos de fumo sobem ao céu de todos os pontos do horizonte. Setembro é o mês fuliginoso e crepitante das queimadas. Rasgam a floresta amazônica as labaredas de milhares de incêndios. Parece que o delírio da chama vai converter num só mar ígneo os plainos de em torno. E nada subsistirá. Nem mais uma verde copa de árvore nessa algara de fogo... Mas, a floresta defende-se com a umidade. Fica apenas de bordas crestadas. E a queimada extingue-se, afinal, no seio que a alimentou: a derrubada.

Em frente da casa do José Cordulo, as laranjeiras, perfiladas ao pé do barranco, estavam esmarridas, a morrer de um polvilho de mofo, que por toda a casca e folhas, literalmente as



cobria desde o inverno passado. Dois coqueiros tinham as palmas amarelecidas, enfermos pelo mal da “broca”. Um cupuzeiro, inexplicavelmente, não sustentava os frutos. Viçosas, somente algumas touças de taiobas e de tajás e umas bacabeiras e pupunheiras, cujos penachos eram canitares imarcescíveis de selvagens.

Do alto no terreiro, divisava-se para cima a Ponta Grande, o Igarapé-açu, o Iranduba, o Tapiíra e, mais perto, o espaldo desse Mauari, uma pedranceira que o rio teima em demolir, no esforço desesperado de sua borbulhosa e multíflua correnteza; e, para baixo, o São Pedro, a barranca vermelhaça do Bararuá, grata à hospedagem das arirambas grasnantes ao redor dos ninhos, e depois a curva suave e prolongada de Santo Antônio abaixo...

Nessa tarde de sábado, o fumo das queimadas rodeantes empardecia os ares, antecipando de muito a cinza crepuscular. Um artista divino esfuminhava o desenho em plumbagina da terra. Assim, a margem fronteira, indecisa por longínqua, mais indistinta ficava, naquela hora pacífica e esfumada em crepes aéreos.

Era para a outra banda que o Cordulo, com a família, teria de partir ao escurecer, em mira a um “pagode”, convidado, como o fora, pelo compadre Pacu.

Naquele trecho da costa havia, nesse instante, um movimento desusado de montarias, todas com o mesmo rumo da festa anunciada. Iam pejadas de gente e bagagens, como na partida de alguma monção de bandeirantes:

Mal escureceu de todo, por sinal que um “gaiola” descia iluminado, coruscante, qual estranho vaga-lume que tivesse por todo o corpo as lanternas que costuma acender na cabeça ou no abdômen, o caboclo desceu ao “porto” com a Rosa e os filhos.



A lua alva e redonda vinha galgando a altura, desenrolando pelo rio a faixa trêmula de reflexos e cintilas.

Acomodado ao fundo da montaria, por sobre as cavernas, um baú e sob o japá aconchegados a mulher e os curumins, *Cordulo na proa afastou a embarcação com energia. Remando calmo, ele endireitou para o largo, onde o cascalho de ouro fulgurava no mar dulce.*

Nessa ocasião, outro vapor subia, também todo luz, com o farol verde e o vermelho regulamentares, acesos como um rubi e uma esmeralda, distintos na pedraria fulgente da enorme carapaça chispeante. A montaria apartava as ondas, que os focinhos dos Leviatãs cintilantes deixavam na espumada. Ouvia-se o bater das hélices, que iam no bastidor do rio bordando em lentejoulas o desenho profuso e palpitante das ardentias. Uma piraíba se ergueu toda fora d'água e, no baque formidando, remergulhou o corpanzil no chamalote e filigranas do rio.

Boas duas horas custou a travessia obliquada no radiante esplendor desse brocado. Anunciando o "pagode" distinguíam-se os sons dos instrumentos musicais, aveludados à distância, n'água e na noite.

Indo rente às canaranas da margem, Cordulo esbarrou com uma dezena de montarias atochadas no "porto". Com os compassos de uma polca lépida, que se alteavam claros, rompendo o rumor abafado de vozes e pés batendo no chão, a barraca do Pacu surgiu, iluminada como um daqueles barcos.

O desembarque do Cordulo fez-se a custo, aos saltos pelos outros cascos das montarias enconchadas, presas umas às outras.



Um caminho, alargado de novo, levava por entre o canaranal ao terreiro da casa afogada nos cacauzeiros e abieiros. Em duas salas os pares se atopetavam, dançando. Encostados às janelas, ao sereno, muitos convidados espiavam. No puxado e latada, onde se dispunham muitas redes armadas, era uma azáfama. Caboclas, velhas algumas, embalavam os filhos ou netos, outras, à beira do fogo esperto, preparavam o cacau e o café. Passava para as salas gente com “charões” cobertos de xícaras e de copos. Gemada, vinho “abafado” e aguardente eram distribuídos por todos, em intervalos curtos. Caboclinhas cheirosas de pipirioca e baunilha, em grupos, tagarelavam da casa para fora, e do puxado e latada para as salas: – “Axi! Tertulina...” – “... O Manduca não veio ao baile. Está pro lago, diz’que com o Cazuzza...” – “A comadre Caterina está esperando...” – “Prima! venha...” E consertavam os atavios dos corpetes dos vestidos, ou os jasmims atados ao alto da nuca, na volta cheia dos cabelos presos no penteado uniforme.

O cavaquinho, os violões, a rabeça e o clarinete não repousavam, emendando as danças várias. Os “tocadores” revezavam-se com alguns dos que dançavam. Os cavalheiros, em mangas de camisa muitos, sobraçavam as damas embonecadas e sem fadiga.

E assim, as horas corriam céleres para essa gente, no embriagante alvoroço da festa e regabofe, interrompendo a monotonia do viver roceiro por aquelas beiradas tristes.

A manhã despertara, aconchegando uma rala neblina sobre o peito róseo, que o sol, como um botão de ouro, fechava castamente. E o sol, alto ainda, vira o “pagode” em pleno. Continuaria a festança até o dia seguinte, talvez. Enquanto o



curral fornecesse a tartaruga e os paneiros de farinha não se esvaziassem, por que terminar o baile?

Cordulo, porém, sentia-se fatigado e sem entusiasmo. Comentava com amigos: – “Ah! meu tempo!...”; e deixava-se ficar na palestra, olhando de soslaio os pares enredados, frenéticos, pulando na atmosfera irrespirável da poeira raspada do chão pelo arrastar dos sapatos.

Por baixo dos cacaveiros grupos de redes, onde alguns convivas tresnoitados e mais lassos recuperavam forças. À beira d’água, outros lavavam as roupas de muda. E o “pagode” continuava, agitando alegremente a caboclada que, para se divertir, viera até do paraná da Eva, da Conceição do Serudo...

Ninguém se lembrava de partir. A orquestra fora durante o dia substituída por uma harmônica, mas  noite, com a mesma lua redonda e alva, espalhando fulgurações no rio, os instrumentos retomaram a fiada nervosa das danças.

Cordulo determinara, n obstante, partir, e enquanto esperava que se aprontassem a Rosa e os filhos, tragava com pachorra a fumaça do cigarro enrolado em tauari, tomando parte na conversão de um grupo. De súbito, todos ouviram na serenidade ambiente um fragoroso ruído tonitruante, qual o de longínquo trovão ribombando.

– Há de ser “terra caída”, observou o velho Pacu. E todos confirmaram a explicação do compadre.

Do terreiro evolava-se o perfume penetrante de resed e de jasmim “general”, plantados entre crátons e pimenteiras.

Pares enovelavam-se numa contradança, ao clarão bruxoleante de lamparinas, em nichos nas paredes, quando Cordulo, com a Rosa e os filhos, retomou a montaria. s insistências do compadre para que não partissem, considerara



o Cordulo que no dia seguinte era segunda-feira. Ficassem os outros, os solteiros: ele tinha “um roçadão a encoivarar e filhos e mulher a dar de comer e vestir”.

O José Cordulo, à proa, remava num mar de jóias. As margens eram o mesmo risco de tinta negra, mas a face do rio era o fundo quimérico do Eldorado... Já longe a música do “pagode” morria em arquejos tênues. Só uns restos esfiapados dos sons brandos trespassavam a noite, onde o luar punha a magia de sua luz fantasmagórica.

Custou bastante a travessia, quanto mais que o rio arfava inquieto, flutuoso, nas ondulações de um forte banzeiro. Chegando perto da costa, onde devia estar o seu porto, Cordulo estranhou “intrigado”. Não conhecia mais a sua terra. Que se teria dado? Estaria demente, ou sonolento? E passou as costas da mão pelos olhos cansados; nada... Onde ficaria a sua casa? Ele olhava com afinco a nódoa escura do barranco e não descobria a morada. Não se tinha enganado, estava certo. O Tapiíra e o Mauari mostravam-se ali para cima; distinguia bem os lajedos deste, para baixo a castanheira da velha Arcângela, a Terra Preta...

Aproximada mais a montaria da beira, o Cordulo reconheceu estar de fato bem defronte à sua posse. Mas a terra desabada fizera desaparecer toda a frente, com a mongubeira, a barraca, o curral, as laranjeiras. Agora estava uma barreira nua e a pique. A galharia da queimada, primitivamente ao fundo da casa, desenvolvia agora, na beira esterroadada do rio, uma linha de abatises na crista da muralha alcantilada. Escapara o Cordulo dum alçapão, com o prejuízo de cinco anos de trabalho incessante. Tanto esforço, dia a dia, hora a hora, e os sonhos, o suor e os seus bens, aniquilados com o absurdo,



– o sumiço da própria terra! Quando o futuro se lhe arquitetava no que há de mais sólido, ruía essa mesma base! Fundar na terra seria construir nas nuvens...

O caboclo sentiu uma opressão, que lhe intercortava o respirar, ante o obstáculo da “terra caída”. No fundo da canoa, um dos pequenos choramingava no colo magro da Rosa estarrecida.

A remadas solenemente pausadas, Cordulo endireitou para o barranco, procurando no esboroamento uma escarpa menos íngreme. Às apalpadelas subiu. No alto rostrado as árvores da queimada receberam o homem, agredindo-o a chuçadas. Não proferiu queixa alguma. À palavra inócua, ele preferiu-o gesto caloroso e fecundo.

No dia seguinte, o sol nado, a vítima era um vencedor. O caboclo rodeado da mulher e dos filhos, plantava no chão, ao alto da “terra caída”, o esteio de sua nova habitação. Esse pau, colhido por ele na queimada rodeante, era um pendão de triunfo. A terra podia desaparecer, o caboclo ficava. Acima das convulsões da natureza, acima da fraqueza da terra, estava a alma do nativo com tranqüilidade e fortaleza. De sorte que, quando o mesmo solo naufraga, só essa alma flutua, salva na arca do próprio peito, onde uma grande esperança volta sempre, mal cessa o cataclismo que arrasta o caboclo, poupando-o.

Afinal de contas, a “terra caída” bem pode ser a definição do Amazonas. Por vezes, no seu terreno aluvial tudo repentinamente vacila e se afunda, mas reconstitui-se aos poucos. Cai a terra aqui, acolá a terra se acresce. Resulta que, nesse jogo de erosões e de aterros, o esforço do homem é o de Atlas sustentando o mundo e a sua luta é a de um Sísifo invertido.



# Hospitalidade

*32. O peregrino não ficou de fora. A minha porta esteve aberta para o viandante.*

Livro de *Job*. – Capítulo XXXI.

*O raciocínio do medo foi, como era de esperar, ao extremo.*

A. Herculano – *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

O terral, pelas tardes de agosto, sopra sempre, abalando as acuparanas e ingazeiras das várzeas, as faveiras de floração arroxeadas e os jarás de floração esbranquiçada dos igapós, os penachos fasciculados dos urucuris e caranás, os louros e abiuranas serviçais, os uixis e umaris de frutos sápidos, senhores estes da terra firme.

É um sopro útil. Fazendo ramalhar a mataria da margem, vem por época certa do ano desalterar os remeiros. Os regatões, que nas suas igarités e galeotas andam de porto em porto especulando, lerdos e ávidos, no seu comércio heteróclito, sobem então de pano inchado pela brisa excepcional. A vela é uma bochecha tumefacta de anasarca; não tem o recorte gracioso das velas marinhas, talhadas em asas elásticas de biguás e que, por mais tufadas, são sempre harmoniosas.

O que não importa que as pequenas arcas de Noé, atopetadas das cavernas ao teto da camarinha, deslizem concorrendo com o vôo das leves “corta-águas”.



Por esse tempo se anima o rio com a nova fauna ornitológica. Não são somente as garças plácidas ou araras gritalhonas, que passam; as montarias várias desfilam também, espalmando as asas adventícias às lufadas do nordeste.

No entretanto, passado o regime anemométrico do terral, as asas caem dos cotos dos mastros, e estes, por sua vez, desembutem-se das carlingas até nova monção. Serão retomados mais tarde, na irrupção atávica de órgãos primários, abandonados na herança.

O caboclo percebe com um tato assombroso a menor alteração no bafo animador, quando está para cessar, para avultar em rajadas curtas ou demoradas, ou para manter o seu expirar manso.

Tendo-me o piloto garantido que era certo “pegar a ponta de cima” do Varre-Vento antes da noite, não encostei no Arauató. Seriam duas horas apenas: – “Um instantinho, patrão”. Conformei-me.

E o Manoel elevou a vela, que mal suspensa ainda arfava por tufar, árdega aos acicates do vento fresco, de “baixo”. Fixo o pano na diagonal da espicha, esperando a prisão da retranca, esse trapo parecia de nervos excitados; palpitava todo com ondeios céleres, agitando-se tetaniforme. Firmada a retranca, a vela moldou-se de súbito no arqueio do papo duma rola cabocla; ficou serena, farta e enrijada. E logo a água borbulhou na proa, marulhando.

Para a margem direita ficavam as ilhas da Benta, Trindade, Soriano e Cururu. A margem esquerda não tinha dessas vizinhanças; corria orgulhosa, toda alta, na marga endurecida, cortes de pedra “jacaré” de permeio, enquanto pelo lado em face o Amazonas, que é um construtor e um demolidor



insigne, terraplenava a jusante com carradas de húmus, areia e argila, que dragava a montante. As ilhas não se destacavam da margem firme; pareciam a mesma tira de terra, em idêntica barra de murizal, aningas e imbaubal. Representadas nas cartas, semelham tetardos; vistas de lado não se definem particularizadas, são o outro paredão da costa por onde as águas do Mediterrâneo se apertam.

Acabávamos de passar o Cainamã, largo trato de terra à direita, paradeiro singular de uma família de negros. Barracas disfarçadas na densidão dos cacauzeiros, ao pé d'esguichos trêmulos de açais. Em sinalefa aos roçados, capoeiras, igapós e os pequenos campos malhados de reses. Dois cata-ventos metálicos, em destacados sítios, davam a nota grata de vivendas melhores, com telha e *foie gras* em vez do ubim paupérrimo e a banda do peixe seco.

Assim se estampava o fitão da costa, e pelo Amatari afora prosseguia até Manaus. O Amatari é barranco cheio de história; figura um palimpsesto em barro e húmus. Nele inscreveu-se certa maloca de muras, raspam-na e substituíram-na pela fazenda Mendes e, mais tarde, por uma colônia agrícola do Governo. Entre estes dois extremos – maloca e núcleo colonial, do índio Manuel João e Frei José das Chagas ao coronel Bezerra, medeiam mais de dois séculos e meio. A curva, porém, de seu desenvolvimento é caprichosamente ondulada, presa a ordenadas máxima e mínima, que se entremeiam para irregularizá-la. No ponto atual da curva, umas cinquenta casinholas, em meio de lavoura pouca, definem seu estado.

Contudo, a sucessão das moradias, fazendas ou pequenos sítios, acotovelando-se em toda a margem, marcos



*extremos na frente comuns, daria um desmentido à ignorância do país, embaído pela falsa visão de um Amazonas inulto e inabitável. Nessa zona não há seringais. Portanto, nem só a borracha ocupa, atrai e fixa o capital e o braço no Amazonas. A lavoura e a criação pastoril, as “duas tetas do Estado”, na frase rude e magnífica do avaro, soldado e financeiro, que se chamou Sully, apoiavam-se no seio desses barrancos.*

A montaria, agarrada à sua asa, mantinha a proa feita ao rumo desejado. Pássaro esdrúxulo, de invisíveis remígios fortes, não vacilava em desvios.

A uma hora viajando... O caboclo encerrava-se no seu mutismo habitual, à maneira de larva num casulo. A noite vinha, a sombra funeralmente crescia da banda de este; e, para oeste, o sol enrolava no seu trono todas as púrpuras de Tiro com todo o ouro da terra. Frechando nessa direção a montaria, era de sonhar-se que um argonauta ou um inglês louco perpetrava, no Amazonas de hoje, as expedições lendárias. O poente seria a Colchida de um instante, senão o Eldorado esvaído de *Sir* Walter Raleigh. Na luz prodigiosa do sol-posto a paisagem fixava-se nas linhas vivas de estupenda água-forte.

Mas, com a ameaça da noite, uma guinada do vento cambando a vela forçara-nos para o canal da ilha Grande. E, ajudado pelo interceptáculo do Cururu, a brisa cessou, desamarrotando por encanto a seda parda das águas que amachucara. A vela da embarcação pareceu tomada repentinamente de sono ou de frio. Encolheu-se. Caiu lamentavelmente em coma, por medo ou envergonhada do esforço que não agüentava mais.

O caboclo à popa quedou-se cismático. Enganara-se! A natureza amazônica é capaz de tudo: logra a seus próprios



filhos. Trinta agostos, requeimando Manoel, tinham soprado sobre ele o seu hálito exasperado. Eram velhos em tal serviço, um de bafejar, outro de ser bafejado. E quando, inspirado pela constância e sucessão, atributos essenciais das leis naturais, o caboclo tudo tinha julgado previsto, a vela, qual uma bandeira, arreara no luto da presciência aniquilada do homem.

Manoel, com a escota frouxa, passada na borda e presa ainda numa das mãos, que ambas empunhavam o remo, circunvagava o olhar de norte a este. No quadrante inquirido somente debuxos de matos longínquos... O caboclo, tomando da garrafa sem fundo, que se achava reclinada na rodela de popa, tirou dela um som longo e rouco. Buzinava para chamar o vento. Soprou mais forte na trompa raucíssima, e os sons ineficazes não galvanizaram a modorra da tarde. O vento cessara abstrusamente de vez. Marrecas voavam, em marcha processional, no tule pérola do céu. O sol, abandonando como um rei covarde o seu sólio faustuosíssimo, tinha apenas patente no horizonte o segmento da coroa vermelha. Custou pouco a imergir-se de todo na orla parda, por cima da qual uma claridade de apoteose de mágica ficou no resplendor celeste. Esta mesma foi sumindo, enquanto os gênios da noite, engrinaldados das gemas das estrelas, começavam a se embeber dos eflúvios da treva insondável, na ronda eternal e constelada das alturas desertas.

Contrariado de estar ao léu, no largo do rio, bem longe ao Varre-Vento, veio-me idiotamente a sensação de desgosto, de abandonado por um irmão no ermo.

O caboclo continuava silencioso, à espera das minhas resoluções.

– Vamos encostar numa barraca qualquer, na ilha Grande, para pernoitar, resmoneei no travo do contratempo.



O piloto, equilibrando-se pelas falcas, saltou para o fogão de proa, e, tomando da itaúba do remo, começou a cavar a água em rítmico movimento de um cavador mecânico. A lentidão da marcha a remo pronunciava-se mais, comparada à carreira de há pouco com a vela panda, desdobrada e vaidosa ao beijo crispante do nordeste. A montaria parecia uma formiga, que estivesse a transpor léguas. Reclinei-me de costas sobre o jirau.

A vela pendia do mastro desesperançada sempre. O broche da Plêiada acolchetava os crepes da noite. Outras famílias estelares acendiam os fogos piscos às margens ambas da Via Láctea. “Faróis”, ardendo nas barracas longe, pareciam também estrelas rasando o rio.

A noite equatorial acabava por entorpecer. No seu brilho feral tinha efeitos narcóticos da liamba. Meus olhos cerravam-se àquele *cloptoc* do remo e ao doce flutuar daquela armação de cedro, que me transportava em balanços suaves de um berço móvel. E a vastidão rodeante fazia-se de âmbito mais curto, diminuía, acabava...

Cessado o bater do remo, o esfloramento das canaranas no casco da montaria, aos ladridos de um cão, acordou-me de súbito. O caboclo ajeitava o barco nuns marás. Tornava-me à consciência a lembrança daquele contratempo meteorológico, que me forçava a abrigo indeterminado e imprevisto. O cão calara o ladrar, ao magnetismo do nome: “Raposa”!... “Raposa”!

Saltei e aprumei-me num montículo escorregadio de tabatinga, orientando-me para subir a ladeira. Esta dispunha-se em degraus, no talude a esboroar-se da “terra caída”. Íngreme, sem vara de corrimão, fui galgando-a em ofegos de



cansaço. Achei-me em cima, entre uma touça brutal de bananeiras e uma cuieira viçosa. Perto, escondida a meio do mato, a palhoça.

Falei à sombra de um homem encostada à cuieira:

– Boa-noite! Quem é?

Respondeu-me uma voz melífica:

– Flor dos Santos.

Na rede de meus nervos excitados o apelido teve a ação de uma corrente galvânica. Esse nome já eu conhecia e era o de um assassino naturalmente temido por todos. Pelas redondezas de Itacoatiara e do Autaz, era ele repetido pelos terreiros e casas de farinha com curiosidade e pavor. Duas, três, seis mortes, eis a folha de serviços do Troppmann sertanejo. Na indeterminação numeral de seus crimes impunes, a credence e timidez populares criavam cifras à vontade e romanceavam fecundas. Na flora do crime, Flor dos Santos devia impressionar como uma corola dos jardins do inferno. A doce expressão dos verticilos e o título dos bons ajuntados para nomear um bandido!

Pensei em não aceitar a pousada, mas achei tolo voltar; além disso era tarde... O hábito de percorrer o interior amazônico extingue temores, fá-los vãos, porque não se pode dar passo sem vencê-los...

– É por aqui, me disse a sombra, guiando-me até o terreiro do rancho, contíguo a uma tacaniça.

O celerado adiantou-se para buscar a lamparina, afastando o japá da porta; e, quando surgiu de novo, o monstro me apareceu delineado. Um “cabra” alto, corpulento, bigode maciço na face larga, sob ventas grossas de hipopótamo. Era de fato um animal tremendo. Correspondia o físico às faça-



nhas. Devia ser assim, *uomo delinquente*, constritor como as sucurijus e matador como o timbó...

Enquanto o Manoel armava no quarto único a minha rede, sentei-me no terreiro, sobre o toro de um velho caiaué. Flor dos Santos acorrera a ajudar o caboclo. No entretanto, me pus a olhar a noite, adivinhando-lhe tons particulares na sua aparência de um só aspecto vago e craionado.

A noite amazônica é sempre digna de ser contemplada, haja luar ou não. Sente-se a voluptuosidade de envolver-se nela, de a rasgar com o olhar e de penetrá-la doidamente, bracejando pelas sombras como por selva encantada. Nenhuma outra dará talvez a sensação que essa fornece, porque também nenhum país é tão evocador, em contrastes e ineditismos de toda ordem. Se em conjunto, nele paira a chata melancolia exalante do fundo de um igapó formidável; em pormenor, esse máximo brejo geográfico surpreende, alarma e deslumbra, envenena e vivifica, desnorteia e acalma, liberta e agrilhoa. O Amazonas... ao mesmo tempo terra virgem e violada, afogante e desvendadora... capaz de excitar ódios e de apaixonar loucamente. Se justifica escreverem sobre ele o comentário de ultraje, tem feito gente abandonar família, relações e posição social, para gozá-lo no internamento de suas solidões, lá ficando até como tuxauas em malocas remotas.

– Está pronto, patrão, preveniu-me o Manoel.

Flor dos Santos e o caboclo remeiro abrigar-se-iam na tacaniça. Fui deitar-me. A lamparina d'óleo de andiroba estava acesa e pousada num tosco banco, ao lado da rede.

O sono não veio logo, não podia vir. Imagens múltiplas bailavam-me no cérebro, em rondas loucas. Apaguei a luz fumarenta, que parecia ajudar a dança das imagens com a



mobilidade da chama, que nenhuma chaminé mantinha fixa. Mas na treva, o cérebro pareceu acender-se. As imagens, perdendo em número, ganharam em relevo. O assassino enchia-o todo.

Nunca na minha vida me encontrara em semelhante situação. A minha intrepidez, que o interior amazonense faz costume, porque elimina os fracos ou dá-lhes, fortalecendo-os, a reação sem mérito, natural na conservação própria, vacilou diante a singular hospitalidade.

O fato é que estava entregue à mão de Flor dos Santos. O meu sono seria, sob seu teto, à discrição; no seu fojo de fera eu repousava inofensivo. Por que não havia refugado essa hospedagem? Quem me forçara a esse mal-estar de temor? Numa indeclinável fraqueza do espírito cheguei a lançar em rosto, a mim mesmo, reprimendas néscias: "Devia voltar! Devia voltar!... Para quê...? Situação desagradável... voluntária... evitável...". E parecia-me pronunciar as palavras, que somente passavam impressas no negativo do cérebro.

Por fim, fui sentindo as pálpebras repelindo-se a se unirem. E o sono dominador ia tudo vencer, ganhando em assalto final o centro que resistia, quando um rumor no japá da porta me despertou de todo. Distingui com a fraca luz da noite estrelante. Era um homem, que entrava: Flor dos Santos! Eu via-o empregar cautela, torcendo o corpo para ajeitar a passagem na abertura da porta, que apenas fora aberta pela metade.

Não me mexi, mas a impressão minha é de ter dado um salto. Fenômeno vegetativo interno, a circulação do sangue é um fato; mas, só naquele momento o percebi, porque esse fluido parava congelado. Estarrecido, quis gritar. Reagi...



reagir? Fiquei a olhar paralisado. Flor dos Santos redobrava de cuidados, avançando. Evidentemente me julgava a dormir. Meus olhos deviam estar horríveis, desembutidos das órbitas na aparência de estrangulado. A garganta contraída não deixaria passar um gemido. Tudo em mim atentava percuciente para a estranha visita. Não posso dizer que pensasse, porque os pensamentos não chegavam a se formar completos, tentando confusos embarafustar como espectadores aterrados, premidos na saída de teatro em fogo.

O bandido aproximava-se cada vez mais cauto. Numa das mãos segurava a faca pontiaguda, que luziu para mim, como se já sobre o meu peito exânime descesse cravada pelo punho rápido. O aço reconhecido provocou-me nos músculos o frio da morte, ou melhor, os frios da morte. Porque aquilo, que me enregelava, era uma variedade de sensações de algidez. Deu-se, então, a completa desordem da minha personalidade. Parado, sentia-me fugir por um vácuo gelado. O terror, a covardia estúpida em sua escala indecifrável atingira a nota mais alta.

Flor estacou junto ao banco. Vi que aí depusera a faca. Num relâmpago reverifiquei que ele abandonara a lâmina, voltando à porta. Em relâmpago sucessivo compreendi tudo.

E na distensão dos nervos miseravelmente retraídos e na desalterante expansão muscular de todo o ser, que se tivesse obedecido à alma ter-se-ia reduzido a um grão de pó, tive a explicação fácil da cena que lembraria a Poe.

Passei a mão pelo banco para assegurar-me. E a boa calma inundou o pobre espírito naufragado na evidência deste fato: o assassino, armado, vindo à noite ao quarto de um homem deitado a dormir.



O coração aquietara as palpitações precípites. Flor dos Santos ia ainda a sair e eu já tinha reconhecido, no banco, o rolo de tabaco e o facão para migá-lo, que ele tudo trouxera, no cuidado carinhoso e paternal por aquele que agasalhara.

Passei a mão pela fronte, estava orvalhada como se eu estivesse exposto ao relento, a noite inteira.

Pela manhã Flor dos Santos ofereceu-me café. Pediu-me desculpa da qualidade inferior do açúcar, que era mascavo; e, perguntou, indicando o pedaço do molho sobre o banco:

– Vossa Senhoria gostou do tabaco?

– Oh! muito, respondi.

Indaguei se ele mesmo o tinha plantado.

– É deste. E, mostrando uma fieira de folhas secas metidas na palha da coberta do rancho, o mata-mouros risonho adiantou: Fui eu, sim senhor. E quem “havera” de ser?

A hospitalidade do tigre era a de um oriental. O cão da noite, meigo e gafento, atravessava-se-me nas pernas.

– Sai! “Raposa”!... Sai!... E o árabe sertanejo afastava o molosso de sua guarda, para que mesmo a meiguice do animal não incomodasse o hóspede.

O malfeitor, que a lei humana mantinha refugiado, exercia no seu refúgio uma lei divina. O réprobo era um patriarca...



# A decana dos muros

*Aos escarnados pés se apinham, jazem  
Infíndas gerações em cinza e vermes.*

Almeida Garret – *Lírica*, Livro Primeiro.

**E**ncarar a carta física da Amazônia é ver a rede vascular contínua à epiderme do limbo de uma folha inequilateral. A imagem pormenoriza-se na generalidade flagrante. O Amazonas, rio, é como o feixe líbero lenhoso da nervura principal e os afluentes são as nervuras secundárias, curvivenervas. Ainda estas se ramificam no prodígio da rede hidrográfica, excepcional e única, apertando em malhas o parênquima das terras florestais. A nervura secundária do Urubu não se insere imediatamente no Amazonas, mas no entrefolho do lago de Saracá, ao pé de Silves, onde Inglês de Souza pôs a roupeta revolta de um agitado “missionário”, que beijos pecaminosos de mulher sacramentaram na “confirmação” do homem.

Aflito por descer os últimos degraus de imensa escadaria, quando sossega o curso, espraiando-se no vale, o Urubu procura logo como sondar o leito final que lhe destinam. Emite então os filetes dos “furos”, depois de vir saltando as derradeiras escarpas do planalto guianense.

Esse rio d'águas pardas, atropelado pelos escarpamentos, e que engenheiros projetam ingurgitar de uma barragem em fantasias plausíveis de indústria, na História corre com



águas avermelhadas de sangue, entre clarões de incêndios. Dir-se-ia arranjado para ele o verso de Childe Harold: *Thy tide wash' down the blood of yesterday*. Há dois séculos e meio, quando dele se ouviu falar, foi locando uma carnificina. Corromperam-lhe o antigo nome cheio e onomatopaico das suas cachoeiras rumorejando – Bururu; mataram as suas populações ribeirinhas, na tremenda razia de vingança ordenada por um certo governador Rui Vaz de Siqueira...

Crisparam-lhe algumas vezes as águas funerárias igarités em caça a pretos fugidos, a cabanos, ou a “urubuguaiais”. No seu misterioso recolhimento, ele atraiu sempre, como uma cafurna escura, a escorpiões ou répteis imbeles. Assim funerário, remoto e abandonado, serviu de núcleo a raças de índios, abrigou revoltosos políticos e tornou-se o garantido valhacouto de escravos, que fugiam aos ferros e ao “bacalhau”.

Malocas, freguesias, mocambos, tudo desapareceu no Urubu de hoje, feito misterioso e trágico rio de lenda, correndo num país de ruínas e de silêncio. Por isso é que, tímido, na lembrança dos seus martírios inscritos em desordenados fastos negros de perseguições e matanças, talvez redobre de prudência, avançando para a civilização do Amazonas com a cautelosa disposição das antenas dos “furos”.

Foi por um destes, o Cainamansinho, que a minha curiosidade enfiou a visitar o rio tenebroso de histórias desgraçadas.

Corria abril, e o caminho devia ser, como o era, franco, alagado com a cheia, que já metera no fundo as várzeas e os baixos da terra firme.

Pela vazante o “furo” é uma calha seca, na cheia é uma veia túrgida. Quando neste estado, por ele a canoa dispara, tal uma seta pela mata a dentro, no despropósito de rio que cor-



resse da foz para a nascente. É evitar somente os galhos e os cipós, que rasam os bancos da montaria. Os cipós são terríveis. Ajustam-se, parece, a fim de castigar os imprudentes que passam. Para isso o cipó “camaleão” amola as serras, o “espera primeiro”, o tiririca, o “unha-de-gato” afiam os milhares de espículos e de puas.

Mas a viagem era linda. Na sombra completa do bosque fechado, o “furo” insinuava-se num múrmur brando. Ora esbarrava repentinamente num tronco, espumejava e seguia para desfiar-se mais tarde no balseiro, que nele ensopava a cabeleira emaranhada e áspera. Ramos de cacaarana, socorós e oruás debruçavam-se na água e um toldo se estendia por todo o “furo”, que assim era deleitosa estrada de verdura e de sombras ininterruptas.

Pelo “furo” a gente como que surpreendia a floresta na sua intimidade, pois que, sabendo-se impenetrável por terra, ela não cuidava, nem percebia que a corrente trêfega se lhe intrometia pelas entranhas, a devassá-la no recatado e frondente interior; também desprecavida a passarada que a povoava. Estridulavam os japiins e os japós na alta ramada de alguma enorme sumaumeira, pinica-paus martelavam nos troncos, sururinas e macucauas piavam, um tamburupará sonolento adormecia...

Meia hora depois, o “furo” atirava-se a pequeno lago, redondo e brunido qual um prato de faiança. E, como por sobre este, as vitórias-régias abriam as folhas circulares enormes, na faiança um japonês pintara, imaginoso, ninféias monstruosas... O lago era todo caiarelado de uaupés, mururés, sapemirins e canaranas saboridos à apetência dos peixes-bois, e a sua face quase toda se emplastrava das plantas maravilhosas, onde passeavam, levípedes, jaçanãs ou piaçocas.



Soavam metálicos gritos de alencós cornutos... O proeiro da canoa anunciara o largo folhame flutuante com este nome vulgar: "forno de jacaré". E indiferente à beleza, mergulhava a pá do remo no estendal mole das folhas das vitórias-régias boiando solitárias; na glória de rainhas de toda uma vasta flora vegetal e assim decepadas pelo cutelo do algoz. Ficavam ainda sobrenadando, mesmo dilaceradas, ao ondear da água desqueitada pelas barbatanas dos remos, ao repassar rabiscante das libélulas aerícolas e luzentes, quando, apartando os sapémirins, o matupá das canaranas da beira, se entrou de novo na floresta.

— Não era mais a corrente definida num leito. A água invadia o matagal à vontade, na inundação espraiada e profunda. Por onde o olhar pudesse alcançar de través as copas e por entre troncos, era um oceano, mas sem arfadas, nem ondas, nem espumas, no brilho frio das ágatas negras. A alagação, penetrando por toda parte, só raro tino perceberia o rumo prefixado.

Com a água, a mata se revestia de luto, recolhida na dor de uma viuvez, abraçada a um espectro... Nem o mais breve chilreio de pipira animava aquelas paragens sombrosas e ferais. Um raro borbulho de lontras mergulhando, o tombo excepcional de uma fruta... A solidão aguacenta desanimava. A penetrar-se por ela, a ilusão vinha de já se estar irremediavelmente perdido no labirinto. O bater dos remos n'água ressoava de som cavo, como ao fundo de uma funda gruta com morcegos e umidade enregelante. Dava esse mar, lençol encharcado, temores de pesadelo, sucurijus enoveladas nos troncos submergidos, prontas a enrodilharem a presa nos seus elos férreos.



Subitamente, a partir de uma muiratinga possante, o “furo” se desenhou nítido, na mesma disposição de fístula, perfurando desde o abcesso do lago a floresta, obscuro, rastejando preguiçoso, acafelando arraias e poraquês, sob a cúpula dos ramos e por essa nave de um templo de que fosse padroeira Nossa Senhora da Soledade.

O canal corria mais desafogado, em rasgão caprichoso; menos galhos e cipós o embaraçando; ganhava enfim mais liberdade o “furo”. Tornava-se folião, divertindo-se a folgar, postos de lado azares e incertezas, pela chanfradura no talvegue recurvado, sinusoidal e escapadiço.

Cansada de resistir ao intrometido, a mata deixava o campo livre ao indiscreto. A montaria singrava por um dédalo em rumo ao rio sombrio, quando, disfarçada por detrás dos ingazeiros, uma roça mofina pela ameaça da capoeira inesperadamente me apareceu.

Sendo conveniente parar, a fim de obter informações do morador sobre o estado do caminho e se ainda o Urubu estaria longe, desembarquei. Cães, que tinham acorrido ladrando, eram aquietados por alguém que não se via. Um jacuraru fugiu esperto por umas folhas secas, ao ouvir meus passos.

Segui pelo carreiro bordado de alastrante “pega-pinto”. Uma roça pequena e maltratada de João-gome e caruru envolvia toda uma simples cobertura, sem muros. A um ângulo do rancho o forno de barro a cair; pendurado a um esteio o tipiti lacerado; no moquém um pouco de cinzas frias. Em torno do terreiro, pés de ipadu, outros de mastruço, mamoeiros, touças de “capim-santo”... Um algodoeiro abria ao sol os seus capuchos de neve. Em longitude, um guajará soberbo soerguia imperiosamente as franças bastas na viva luz que o banhava.



Qual o animal desta toca lastimável, nessa paragem? Que “cearense” seria assim disposto para se refugiar nesse centro, vegetando esquecido, no canto nemoral de desamparo e miséria? Só algum desertor ou índio, pensava; e, neste pensamento forma hedionda mexeu-se a um canto, erguendo-se.

Estarrecido, pus-me a examiná-la. Era uma mulher da cor de barro cru, enorme, adiposa, envolvendo a nudez asquerosa, d'evidências repugnantes, no curto trapo, que lhe caía no ventre monstruoso, à maneira de saia, das cadeiras até aos joelhos. Quase não se lhe viam os olhos de embaciados, na face terrosa. A boca murcha e sem lábios. Os cabelos empastavam-se-lhe, muito ralos, na cabeça de fronte fugidias. No rosto, cruelmente chato, a pele toda enrugada, tal o epicarpo de jenipapo maduro. O colo era revestido de pelangas nojentas, sobre as quais alvejava o disco branco do muiraquitã, pendurado a um fio de tucum. As pernas arqueadas agüentavam mal o montão de banha flácida, coberta de escaras, como dois troncos caraquentos e deformados de envireiras.

— *Re iké re uapyra*, falou a abominável criatura, indiferente à nuvem de carapanãs, que a cobria. E acrescentou em estranho murmúrio nasal: *Mahata remunhã re iko?*

Nem entendi, nem sabia como responder ao avejão. Logo pude compreender, apenas, que era uma índia mura a habitadora do rancho. E velha, de tal velhice, devia ser a decana da reduzida raça.

O seu povo espalhara-se, em remotos tempos, das corcovas da serra de Parintins à foz do Jutaí. Mas, o dolo e as violências do *cariúá*, enganador e malvado, haviam-lhe exterminado os antepassados. Hoje ainda, pelo Pantaleão e outros pontos do Autaz, há algumas amostras escassas da



tribo – miserável rebotalho, atascado de álcool, ladrão e vadio, sob o olhar inofensivo do coronel Barroncas. Mas, foi gente muita e guerreira. Data de pouco mais de um século a sua submissão ao “branco”. De então para cá, a raça escrava definhou e se apagou quase. O que não se transfundiu, abolindo-se no “branco”, consumiu-se nos barrancos dos aldeamentos, sob o despotismo dos diretores, a intrujice e o fanatismo cúpidos de missionários, ao amolentado governo interno dos inermes tuxauas. E desse saldo humilde, era a megera, que me olhava, o mais antigo e pavoroso exemplar.

No recôndito local, que o seu instinto escolhera, não houvera tempo para a Morte, na diligente colheita pelo mundo, de vir buscá-la no resguardo esconso. A índia fora, naturalmente, esquecida à beira do “furo” sorno e retorcido na mata. Uma única alma e tão longe!... e incompreensível o meandro de fios d’água para chegar até o monstro!...

E a velha não gozava em letargo a vida que se lhe abandonava. Suas mãos nodosas abriam as covas à maniva; tomavam do pote para enchê-lo; “capavam” os brotos ao parco tabacal de ao pé; arrancavam as raízes da mandioca, depositavam-nas n’água para cevar, ralavam-nas, enxugavam a massa e punham-na no forno a cozer. Na sua ancianidade, a vida era ainda uma luta a sustentar e a vencer.

Única remanescente de extintas malocas, vira todos infortúnios de grande parte de seus irmãos. Quantas vezes, quantas, a lua, – a maternal Iaci, na recepção ou despedida da noite, osculando com o lábio branco o tufo das ramalhadas, a alvoroçara de amorosos enleios? Os que acalentara em criança, os que assistira morrer nas guerras, os que exalaram queixumes, gemidos e confissões, em êxtases, no seu seio morno,



já nem tinham mais lugar na estreiteza de sua memória. Essa informe e longeva criatura nem devia ter recordações, nem saudades. De tanta sobrecarga do passado, o cérebro espesara-se-lhe, massa oprimida onde não caberia mais, desde há muito, nenhum clarão imaginativo.

A mulher era um vegetal apenas. Vivia bronca, pesada e inerte. Cuidava de si mesma qual uma planta, enviando no seu geotropismo, com as raízes, as radículas a buscar azoto e umidade, e as folhas ao ar para a troca clorofiliana. Com total cegueira no baixo determinismo das vidas inferiores, o instinto banal e forte de conservá-las!

Mas essa harpia hidrópica e sostreira houvera tido o talhe donairoso, copiado à flexuosidade das palmeiras *mauritia*, os cabelos da cor negra e lustrosa da dos anuns-corocas. Os seus olhos seriam duas lagoas, à noite, retendo iaras... A voz imitaria o canto do enfeitado uirapuru. Teria amado, disporia de um coração ansioso, sonharia... Agora, abjeto detrito de uma raça aviltada, a sua vida era mais simples. Nem complicações sentimentais, nem vertigens de pensamentos. No corpo obeso e medonho, o coração limitava-se a ser uma caixa de válvulas avariadas e o cérebro, o alojamento indispensável de uma vaga consciência.

Que mais preciso para ser um sagrado despojo, na representação obstinada do grande povo, há muito sepulto nos igapós de vasta região? Rejeitada no seu antro, a Medusa indiana era uma relíquia venerável. Guardava-a o relicário da floresta tutelar, resguardando-a numa ilusão de imortalidade. O prêmio dessa imortalidade nós o rendemos à força de subjetivação requintada, mas a natureza, caprichando em concedê-la objetivamente, deu essa láurea à índia velha, perdida à beira



do “furo”, nua e gorda, estúpida e torpe, qual um sapo cururu à borda do paul.

Dependurada do beiral do rancho, uma colméia de jatis, escarçada, trabalhava febril, zumbindo laboriosa. Um cão quase em esqueleto lambia, meigo, as pernas gafas e trôpegas do estafermo colendíssimo, que se sentara imbecilmente no chão; outro mastim focinhava num monturo...

E, deixando à eterna carcaça, sobejo de sua nação, o resto de meu farnel, meti-me sôfrego na canoa. Empolgava-me a relutância de atingir o rio, taciturno desde que o português Favela o fez apavorar-se na chacina, refletindo as labaredas de trezentas malocas incendiadas e carreando – rego de mata-douro histórico – o sangue de setecentos peitos e flancos de brasileiros puro sangue.



# Um homem bom

*Si sensus absit, ne mala quidem sunt...*

Des. Erasmus – *Stultitiae Laus.*

**A**travessado de um salto o lago de Santo Antônio, na triangulada breve, o caminhamento seguia em cheio por um vasto teso de terra firme, que devia ser transmontado na mesma deflexão.

À noite, chuva forte com trovoada alagara os tapiris da turma, varejando-os. O temporal caíra com o rumor estranho das ramas sacolejadas e feitas em lascas às rajadas mais violentas. Atrôos, gritos, grasnos, pancadas e pios, a todos os barulhos noturnos e comuns, substituíra a tormenta uma só matinada, em que toda a mata estalava, abalada no seu edifício intrincado e em desaprumo. Singular, a floresta amazônica! De alto porte e espessa, não tem força para se agüentar em pé, sendo além disto quebradiça como vidro. Uma de suas árvores, caindo, arrasta as companheiras na queda. Uma lufada a prostra por bocados. Na sua debilidade, as raízes adventícias, os cipós e as sapopemas amparam-na de balde no cambaleio...

Com a luz da madrugada tudo, porém, sossegou escampado; apenas pingos grossos tombavam das folhas luzidias, lacrimejantes d'água que as lavara à noite; e gorjeios, trinos e pipilos de pássaros invisíveis saudavam o fresco alvorecer.

A mata rorejante, que estremecera apavorada, aquietava-se, secando risonha à luz que lhe sorria. Uma endemo-



ninhada, possessa, que se tornara bem-aventurada ao exorcizar da aurora.

Acentuada a claridade, que a custo rompia as paliçadas da brenha, depois de me servirem de um prato de caldo, onde se engolfavam dois pedaços de “queixada”, partimos do pouso agreste. Seguíamos a retomar o serviço deixado, na véspera, na estaca 515.

Aproveitando a aberta da picada já feita, um homem houvera aí deixado uma armadilha. Encontramos entre samambaias e quiobas o rifle desarmado; e, no alvoroço de alegria, rodeamos todos a anta magnífica que a arma vitimara. Estava o tapir um pouco adiante e um pouco para fora da picada, no arranco primeiro da fuga impossível. Reclinava-se ele, como a dormir, com o bucho roto, num tálamo suntuoso, pomposamente arranjado todo em delicados musgos e parasitas brancas. Jamais cadáver de rainha repousara em tão mimosa alcatifa. Arrojara-o para ali o simples choque num cordel fino. O animal, temível corredor de *steeple-chase*, que não tropeçava, rompendo os obstáculos dos troncos, estava derrubado por um argueiro. O fio tocado de leve determinara o tiro, na diabólica disposição da máquina traiçoeira. Um “baliza” ficou tirando o couro ao bicho, para depois o esquartejar, enquanto chegávamos a essa última estaca numerada.

Daquele ponto em diante a mata se encorpava. Não era mais a frouxa talagarça, mas o tecido basto, que os terçados e foices a custo romperiam.

Por esse centro, passo de homem só o haveria palmilhando trilhos a algum barreiro, ou algum lago, ou igarapé remotos. O mais eram vestígios de onças, de pacas e de veados astutos e fujões.



Dominavam, de vez em vez, a tessitura da floresta castanheiras excelsas de nome e de aspecto. Em torno delas ainda restavam ouriços, quebrados na derradeira safra. O cascabulho em montes denunciava a exploração extrativa, que havia animado o sertão, configurado por uns secos dados lineares e angulares numa planta oficial.

Cessado o fruto caído das frondes monumentais, acabava o trabalho. Remergulhava temporariamente a floresta no abandono, por improdutiva. O homem voltaria com a carga amadurecida das árvores. Então, nem as sezões; nem o risco de algum choque de ouriço, tombando fulminador, rechaçariam o caboclo da “apanha da castanha”. O patrão, nalgum lago ou igarapé próximo, vigiava, aguardando com a garra leonina a troca do produto. A barrica de castanha valeria um litro de aguardente... E, envenenando o Mura, o “cearense” aumentava os saldos; mas, explorado por seu turno, enricava o português ou “judeu” que o aviara na cidade.

O “trânsito” fora centrado na estaca, junto ao delirante torvelinho de ramas e sarmentos de cipotaia, de dentro do qual uma sumaumeira se elevava para além das copas verdolengas das outras árvores altas, mas anãs, junto àquele monstro calçado de sapopemas. Apertado o parafuso de “pressão” e pelo de “chamada” levada com rigor a linha de colimação ao pé da baliza, na estaca anterior, o serviço de medição continuou, invertida a luneta da posição que a obrigara a visada à ré.

As folhas secas faziam no chão grosso e largo capacho que se rasgava, esmolambando-se ao pisar dos homens da turma atarefados.

A picada, avançando, fazia uma vereda reta e longa. Imaginar-se-ia que o pesado réptil da lenda, a “cobra-grande”,



tivesse embarafustado naquela direção, no intento suspeito de mudar de fojo, torando, com o rastejo, grossos troncos e galhos finos, pisando indiferentemente, com o desdobrar de suas grossas roscas e escamas de chumbo, o solo arregoadado e mole das baixas, o lamarão dos igapós, a corrente dos igarapés e o lombo da terra firme.

Coava-se o sol pelo velame das ramagens, numa luz, que viesse brincando pelos entalhes e relevos de velhas e úmidas arcarias do claustro de abadia gótica e arruinada. O trabalho de medição avançava devagar. Ouvia-se, somente, o bater dos ferros decotando as ramas, os caules e as folhas.

De repente, ao cair para cada lado do “pico”, pelo corte das foices e terçados, um denso pano de taquaris e tiririca, a linha topara o grosso tronco dum murumuru, cuja coroa opulenta de palmas vergava até o chão. Logo o trabalhador de machado o atacou; e, como a fibratura do astrocário fosse d’ aço como o machado, acendi o cigarro e esperei que caísse a rígida palmeira.

Perto de mim se conservava o homem, que tinha por encargo transportar o instrumento. A barba rala no queixo magro, o rosto de maçãs salientes, a tez baça de linfático e, na fisionomia de maleitado, os olhos redondos e inexpressivos de peixe morto.

Como uma réstia de luz dardejasse no “trânsito”, ele abriu o guarda-sol para resguardá-lo. Nesse movimento, a camisa de algodãozinho entreabriu-se no peito descarnado e moreno do homem e casualmente distingui, bem na altura do coração, enorme cicatriz. Não pude conter-me e perguntei-lhe a que era devido tamanho golpe.



– Saiba vossa senhoria, que foi no Ceará, respondeu.

– Mas como? inquiri no capricho de comunicação, que me dominou, enquanto o gume do machado batia e se embotava no vetusto murumuru.

– Nem lhe conto, “seu” doutor. E continuou num solerte desabafo, passado na prosódia peculiar aos hábitos de linguagem de velho sertanejo. Isto deu-se no ano dos três oito. Eu morava no Granguê e vivia de plantar algodão, afora roça. Uma vez por outra ia ao Aracati ou à União, vender tabaco e courinhos. O “seu” coronel Távora, meu chefe, me queria muito; e, quando precisava de homem, mandava logo me chamar, e me entregava um clavinote boca-de-sino, que era arma chamada bicho arma! Duma feita ele me mandou deitar um indivíduo que arreou redondo, mesmo ao pé da carnaubeira, que tinha na volta da estrada dos mandacarus. Foi só um papouco!

– E a polícia nunca sindicou?

– Quem ousava?... “seu” doutor, obtemperou o matuto. Jacamins longínquos, “esturrando”, enchiam a mata de um bumbum retumbante.

– Era bom homem, “seu” coronel Távora, e importante, falado naquelas redondezas que nem havia outro! Ele era muito velho, na seca de setenta e sete já tinha filhos homens; mas, apesar disto, se casara havia pouco com uma moça nova, parruda, Dona Maroca do Crato, filha do “seu” major Fulgêncio Cabeça de Sola. Linda moça! a cara que nem um algodão de tão alva e os dentes era ver duas carreiras enfiadas de aljôfares. Esse tal que eu havia emborcado na carnaubeira, tinha vindo da capital, pra Promotor. Era um rapaz de boa aparência e muito cantador de modas. Toda a noite, quando havia festa



na fazenda, o doutorzinho não faltava. Pelo jeito, ele andava querendo desencaminhar Dona Maroca, e daí foi que o “seu” coronel resolveu fazer virar o bicho, com os pés pra riba.

– E foi unicamente este que o coronel mandou você matar? perguntei.

O tabaréu, o “carregador da luneta”, como ele próprio se intitulava, esboçou um sorriso significativo na face sem sangue.

– Bem, continua a história, disse eu, entre interessado e distraído.

O machado percutia sempre na palmeira em golpes repetidos, mas pausados. Grasnos de araras chegavam-nos das alturas.

Endireitando a aba do chapelão de miriti, ele reatou a narrativa com ingênua sinceridade e até com uma pontazinha de orgulho de estar lembrando, no cruel exílio do Amazonas, o caso de seu Ceará amado, que tanto interessava ao “branco”.

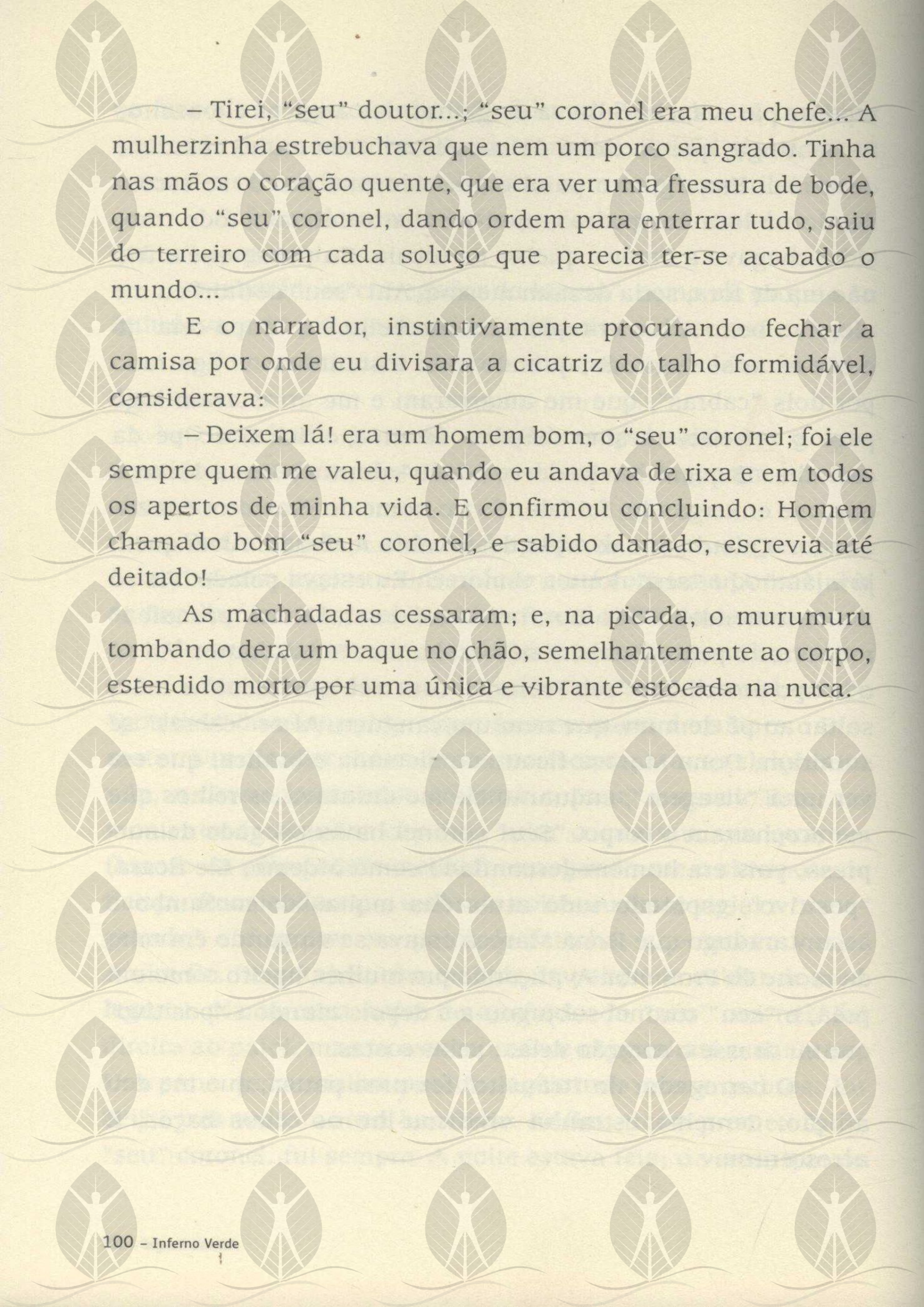
– Mas, Dona Maroca, a mulher de “seu” coronel, soube “positivo” do acontecido e que fora eu quem derrubara o Promotor. Um dia, por causa de ser preciso preparar as eleições na vila, o Governo mandou chamar o “seu” coronel. Este, no momento de mandar o pajem selar o quartau, um quartau famoso de pêlo pedrês melado, entregando-me o clavinote de fiança, recomendou que todas as noites eu fosse vigiar a “casa-grande” e dormisse no paiol de farinha, que estava vazio. Assim fiz. De manhãzinha eu saía do paiol e ia cuidar de meu legume. Na terceira noite de ausência do “seu” coronel, fui direito ao paiol, mas ia assombrado e cheguei até a me arear. Um pano de mortalha passou, açoitando meus ombros. Eu beijei três vezes o meu bentinho. Enfim, tinha prometido ao “seu” coronel, fui sempre. A noite estava feia; o vento, que de



repente parava, chocalhava os galhos dos angicos e joazeiros na caatinga, que eu tinha de atravessar. Com muito custo me desarreei. Enxerguei o paiol e que nem um mocó, se escondendo na loca das pedras, meti-me dentro. Estava todo transido; chegava a bater o queixo na tocaia. Eu penso que o frio não era de fora, seria de mim mesmo. Ah! “seu” doutor! eu me alembro bem. A lua era que nem um beiju e a “papa-ceia” já devia estar se sumindo, quando num instante me vi agarrado por dois “cabras”, que me amarraram e me arrastaram logo para o terreiro, mesmo debaixo de uma oiticica, ao pé da cacimba. E quem havia de ver, “seu” doutor? Dona Maroca que, me enxergando, foi falando no nome do Promotor e mandando: “Quero ver o coração deste cabra malvado. Arranquem já e já...” Ah! “seu” doutor, esmoreci. Eu estava peiado. Fiz só me encomendar a São Bonfim do Icó e senti uma “parnaíba” me lavrar o peito. Também não acabaram, “seu” doutor. Foi só o tempo do velho, o “seu” coronel, com o chiqueirador na mão, saltar ao pé de mim, que nem um canguçu. Aí os “cabras” se sumiram; Dona Maroca ficou empalemada e branca, que era ver uma “visagem”, enquanto ele me desatava os relhos que me acochavam o corpo. “Seu” coronel havia chegado de surpresa, pois era homem desconfiado como o demo. Ele ficara, “positivo”, espiando tudo atrás das moitas de mofumbo e assuntara logo que Dona Maroca estava se vingando em mim da morte do Promotor. Avançando pra mulher, ligeiro como um preá, o “seu” coronel subjugou-a e depois mandou “positivo” que eu tirasse o coração dela... pelas costas.

O carregador do “trânsito” fez uma pausa, que me deu aflição. Centelha estranha vivificou-lhe os olhos baços. E acrescentou:





– Tirei, “seu” doutor...; “seu” coronel era meu chefe... A mulherzinha estrebuchava que nem um porco sangrado. Tinha nas mãos o coração quente, que era ver uma fressura de bode, quando “seu” coronel, dando ordem para enterrar tudo, saiu do terreiro com cada soluço que parecia ter-se acabado o mundo...

E o narrador, instintivamente procurando fechar a camisa por onde eu divisara a cicatriz do talho formidável, considerava:

– Deixem lá! era um homem bom, o “seu” coronel; foi ele sempre quem me valeu, quando eu andava de rixa e em todos os apertos de minha vida. E confirmou concluindo: Homem chamado bom “seu” coronel, e sabido danado, escrevia até deitado!

As machadadas cessaram; e, na picada, o murumuru tombando dera um baque no chão, semelhantemente ao corpo, estendido morto por uma única e vibrante estocada na nuca.



# Obstinação

*J'en ai vu parmi nous, sur la terre-patrie,  
Se mourir du mal du pays.*

Tristan Corbière – *Les Amours Jaunes*.

**A**o findar de junho, o Amazonas dá os primeiros sinais inequívocos de redução na sua pletora. Começa a minguar sutil. Detém-se por vezes, ainda na plenitude, arrependido ou restaurado de forças. Depois o desditoso, escasseado, vai pondo a nu as ribas e as pedras das corredeiras. Ameaça secar. Praias em tabuleiros enormes, propícias à desova e à “viração” das tartarugas, descobrem-se ao longo das ilhas, ou pelas margens firmes do rio.

Aquilo que a água, havia pouco, alagara toma o aspecto dum inacessível bordo aos ataques da inundação vindoura, e dimana acastelado, estirando-se em linhas de barbacãs, nos desmedidos baluartes metralhados de alcaçova intérmina. O muri embasta as rampas das vazantes, os vapores acautelados sobem, afastando-se das margens prenes de escolhos novos.

O verão curto cresta e esturrica as plantações. Num mês de sol tudo fica exsicado, como lambido por vasta chama. A água sobra para o sulcar de grandes transatlânticos; não há, porém, aproveitá-la para a irrigação, que salvaria os plantios. A diferença de nível, entre as vazante e enchente máximas, dá uma altura fora da prevista pela lei pneumática que preside ao dispositivo das bombas. Isto impede utilizar facilmente o líquido que corre, acanalado e inútil, ao pé da seqidão das



lezírias e chapadas. Daí se supliciar a terra tal um Tântalo. A fímbria inferior das escarpas abebera-se no rio, ainda largo, caudal e profundo, mas no alto delas tudo ressecado agoniza com sede. O “colônia”, o pampuã e o mium dos campos, amarelecendo, tendem a fenecer. As fruteiras desfalecem num quebranto, e seca a roça desanimadoramente. Sobrevindo as chuvas, estas amortecem e adiam o perigo, com que a estiagem ameaçava tudo.

Em época prevista, o repiquete da cheia anuncia-se sem estrépito, nem empolamentos acapelados da água, que irá, mais tarde, escalar as ribanceiras, afogar as várzeas todas e esconder o pedregal das correntezas estuantes. Na areia das praias o rio assinala o seu movimento de ascensão imperceptivelmente também, adquirindo uma polegada a mais na cota de nível do dia anterior. Vai assim, de instante a instante, no crescimento invisível do organismo vivo. Algumas vezes há de parar na marcha. Faltar-lhe-á o fôlego ou preparar-se-á, numa concentração de forças, para a expansão monstruosa da enchente.

É então que se dispõem a descer pelo rio, com lentidão preguiçosa, os grandes madeiros, abalroadores, garrando em rota cega e descuidada, sacudidos pelos rebojos, retidos à flor dos remansos...

As serras hão de partir em couçoeiras, ripas, pranchões e pernas-mancas, alguns dos lenhos gigantes, que vêm morosos, quase de todo imersos, apenas os galhos ou o raizame desafiando, como garras, o brocado das águas em que ufanos e majestosos se enrolam.

Abre-se o tempo da “pesca do cedro”. Essas árvores caminheiras, que escapam às balsas no Solimões, são arreba-



nhadas pelo morador ribeirinho, o qual, de longe divulgando a *épave* flutuante, vai de golpe à fugitiva; e, alcançando-a, atalhe o cabo de reboque e fá-la tomar surto no baixo da orla de uma riba próxima.

Com os troncos derivam os camalotes de canaranas e aguapés, ilhas verdes viajando, depois de raspadas das bainhas das margens pelo curvo e cortante gládio da torrente.

A primeiro de novembro daquele ano, o Amazonas iniciara a obrigação ritual de alagar lentamente as terras, como sempre, em latejos de pulso extenuado. Os primeiros ameaçados foram os milhos, o feijão e as melancias, nas zonas de vazante. Depois, deviam ser avassalados os cacauais, os laranjais e os mandiocais das várzeas. A terra firme elevaria a popa acima do cataclismo, olhando indiferente os destroços causados pelo assoberbamento do enxurro.

Coroava aquela lombada de costa, inacessível aos assomos da arrogância da enchente, humilde e discreto cemitério. Debaixo de tufos d'erva alta e sob a frondescência opulentíssima de uma mangueira e raquítica de algumas goiabeiras, nesse quadro de "terra preta" ia dormindo gente, desde mais de cem anos; e só o assinalava uma dúzia de cruces de madeira. É que estas apodreciam na consagração e se plantavam de novo outras apenas em covas recém-abertas. Por sua vez, essas cruces desapareceriam para ser substituídas de novo. As que ali estavam eram as últimas semeadas na derradeira replanta...

Ordinariamente o cemitério jazia sob moitas densas e gramas alastrantes. Porcos fuçavam grunhindo, outros animais pastavam tranqüilos, espojavam-se ou retouçavam por sobre as covas apagadas. Na véspera de finados, porém, ele



recebia os cuidados dos moradores das cercanias, que vinham piedosos adornar o abandonado. Concluía logo cedo uma “carpa” bem-feita, soerguiam as cruzes tombadas; e, à tarde, o campozinho escardeado aguardava os romeiros.

Ao tombar da noite, as montarias de todas as bandas demandavam o costão do cemitério, a se dirigirem pelas varetas ideais de um imenso leque aberto. Noite feita, o cemitério regurgitava de gente, quase toda vestida como para alegre festa ao ar livre.

No chão ardiam velas inumeráveis; e as pequeninas chamas votivas davam a idéia de palpitante floração de ouro, repentinamente desabrochada na relva. Alguns músicos, agrupados a um canto, sopravam instrumentos numa pretendida marcha funerária. Por entre as luzinhas mágicas e florais enxameavam as moças e os rapazes. Palravam irresistivelmente animados, contendo a custo risos, mau grado a tocata e a solenidade mortuária, que só comoviam aos mais velhos.

O Gabriel lá estava com a família toda, até os netos pequenos.

Por volta das dez horas, o magote dos visitantes deixou o silvestre campo-santo e foi ajuntar-se na barraca do velho Agostinho e da irmã “pajé”, no Mangual, para dançar durante o resto da noite.

Gabriel, porém, tomou rumo de casa na outra banda. Não estava para folganças. Soubera, dias antes, que o Coronel Roberto insistia, pretendendo a sua terra; e, desde então se apoderara do velho caboclo um desgosto de tudo.

O mandão de toda a planura da costa, sendo a maior influência política do Município, era também o usurpador máximo dessa região. Unicamente o “tuxaua” prosperava,



quando tudo caía no atraso e na miséria. Começara caviloso, apropriando-se do lugarzinho do Calixto, e nele estabelecendo um “porto de lenha”. Foi o bastante... E no fim de uns doze anos, o que ele adquirira inicialmente aumentava, estendendo-se pouco a pouco semelhante à lepra irreprimível, que se propagasse dum ponto por toda a pele do corpo. Assim acabou por se apossar de todos os sítios que o rodeavam e com eles impar de riqueza e de prestígio.

Por funesta retrogradação o regímen da pequena propriedade transmudava-se devorado pela grande. O insaciável político era um dos fatores desse criminoso descaminho econômico, a dinheiro, a dolo ou a violências da força. Tanto é certo que a alma, sobrepujada de instintos maus, agindo mesmo no campo limitado de sua própria influência, pode perturbar a boa marcha evolucionar de toda uma sociedade. Aveso do “grande-tipo” o cogumelo social, são-lhes correlatos o influxo e o predomínio...

No âmbito que o manda-chuva avassalara, apenas um recanto havia escapado à sua mão raptora. Era essa nesgazinha, ocupada havia mais de quarenta anos, pelo Gabriel, que a recebera de seu pai, também Gabriel de nome. O lugar ainda conservava o mesmo rancho de cacaueiros, bacabas, abieiros, açais e laranjeiras do tempo de Gabriel pai. O filho ainda se lembrava de o ver, sob esse mesmo arvoredor, de cócaras, pitando num taquari e a vigiar tranqüilamente os batelões, igarités, montarias e jangadas ou balsas que passavam...

Embirrava o Coronel com aquela tira de terra acantoadá, de modo incômodo, na vastidão de sua propriedade rural. Estava resolvido a não tolerar nada encravado no seu latifúndio. E por que, um caboclo somenos haveria de se opor aos



seus desejos, resistindo às generosas ofertas que fizera, e com as quais, por uma “porqueira”, ele se arriscara a despender um bom par de contos de réis?! Tinha amigos em Manaus e contava arranjar tudo facilmente.

O pobre Gabriel é que bem sabia não valer nada a sua “situação” – cocuruto de barro, ilhado numa pequena várzea. Não obstante, para ele valia tudo, pois, se a passasse adiante por alguns vinténs, onde se meteria com todo aquele seu “familião”: duas filhas viúvas e três cunhãs solteiras, afora a cambada de curumins? Terra devoluta, que havia por ali, “ia toda ao fundo” com qualquer enchente...

Convencera-se, portanto, de não dever largar o seu torrão natal; ao demais, uma disposição da lei assegurava o usucapião, reconhecendo e garantindo o direito à posse, mantida de forma pacífica e mansa por mais de trinta anos.

Não era, em consequência, capricho estulto do Gabriel, essa repugnância em se desfazer do que julgava pertencer-lhe. Resultava, além do mais, do apego natural e imanente à terra onde nascera e de condições de vida, que o emalhavam na posição tornada indispensável.

Da parte do Roberto havia, essencialmente, um despeito cruel. Ao assomo até então vencedor na sua paixão de dominar, aquele velho caboclo, desprezível, era embaraço que o irritava. Por isso, o maioral não descansou enquanto não decidiu o golpe.

À renovação insistente da proposta de compra, Gabriel sentiu que, na defesa aos seus bens, chegara o momento da luta derradeira. Ele vira como acabaram situações semelhantes, nessas porfias. Diante o chefão político não havia gente que não recuasse. Ninguém escapara de lhe entregar às



garras as propriedades em que os seus olhos atentassem e para as quais a goela cobiçante se abrisse.

Mas o Gabriel não descoroçoava, confiando na justiça de Deus. Haveria, por isso, de prosseguir encarnecido até o fim. E uma certa segurança d'ânimo apoderou-se dele. Continuou, pois, no trabalho, mas sempre apreensivo...

Perante a obstinação do caboclo o Coronel assentara, enfim, agir com firmeza. Tinha cumprido o seu dever, mandando muitas vezes propor a compra ao Gabriel. Este teimava em não ceder; não seria ele, chefe brioso e com "arame muito", que desistisse de levar de arrastão o rival.

Demais, por toda a parte, o povo, em expectativa, aguardava o resultado do teiró entre o "grande" e o "pequeno", não por simples curiosidade maligna, mas pela co-participação de todos no favor de opinião, que, desde o Evangelho, cerca com simpatia os fracos e os perseguidos. Para o Roberto era já questão de amor próprio, pois lhe tinha chegado aos ouvidos que o caboclo falara nas "leses"; e que nem dada, nem vendida se desfaria da terra que ocupava. Muito bem, iria requerê-la ao Governo; e o caboclo que protestasse. Estava "se ninando"...

Certo dia, o Gabriel, que "andavã panema", fora arpoar um pirarucu e flechar tambaquis e tartarugas no lago. Neste intento aparelhara diligentemente a montaria. Não esquecerá coisa alguma. Uma sarará e uma flecha "de gomo", a haste de pracuuba, a arpoeira, o arpão e a bóia de boieira, a cuia de farinha-d'água e uma banda de pirapitinga moqueada, o paneiro contendo catauaris e a ponga com que o mariscador açoita a água para atrair o peixe guloso, que cuida ouvir a queda dos frutos apetecentes do caimbé, da abiurana, do tarumã...



Durante essa ausência apareceu o “doutor”, acompanhado de capangas do Roberto, numa das extremas do lote do caboclo. Não se demoraram muito. Em duas horas breves deram por concluído o trabalho, visando alguns rumos e medindo umas linhas, ao olhar pasmado das mulheres e crianças do Gabriel, desconfiadas e mudas.

Ao voltar do “marisco”, ele soube logo que o engenheiro tinha estado “corrigindo” o seu terreno. O desgraçado velho só faltou enlouquecer. Começou a demorar-se horas esquecidas, extático, no terreiro, onde num alto abieiro, perto, um surucuvaco costumava empoleirar-se a emitir o curto canto igual, que repetia o próprio nome: “surucuvaco”, “surucuvaco”.

Da sapotácea restava afinal bem pouco, porque o apuizeiro constringia e sugava a árvore, tragando-a num enlace demorado, mas tenaz e absorvente.

O apuizeiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao indivíduo sacrificado, estendendo sobre ele milhares de tentáculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuizeiro não se enumeram. Cada célula microscópica, na estrutura de seu tecido, se amolda numa boca sedenta. E é a luta sem um murmúrio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe donde. Depois, esse filete intumescce, e, avolumado se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constrangente, para malhetar a presa a que se substitui completamente. Como um sudário, o apuizeiro envolve um cadáver; o cadáver apodrece, o sudário reverdece imortal.

O abieiro teria vida por pouco. Adivinhava-se um esforço de desespero no mísero-enleado, decidido a romper o laço da distrição, mas o manietador parecia fazer-se mais forte, tra-



vando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que o arrocho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-ia despedaçar os tentáculos e arrancá-los. Bastaria, porém, deixar um pequeno pedaço de filamento capiláreo colado à árvore, para que, em renovos, o carrasco reacometesse a vítima, que não se salvaria. O pólipó é um polipeiro. Vivem gerações num só corpo, numa só parte, numa só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não há reduzi-la a um indivíduo. É a solidariedade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparável na república dos embriões sinérgicos. O que fica, basta sempre à revivescência, reproduz-se fácil, na precipitação latente e irrefreável de procriar sempre.

A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quase, na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duelo vegetal, espetáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuizeiro social...

Interrompendo a cisma, os netinhos afagantes rodeavam o Gabriel, em busca da carícia, que não vinha; e surpreendiam-se com os olhos do avô, marejados de lágrimas esquivas. Desde muito, nunca mais Gabriel sorrira ao menos. Um desgosto infinito se lhe multiplicava por todas as fibras da alma. Sobressaltavam-lhe estremecimentos de cólera; o coração parecia querer romper-se; e depois sentia uma sufocação horrível, como se levado fosse pelas espiras de um turbilhão...

O compadre Raimundo e outros vizinhos procuravam acalmá-lo. O compadre Zacarias oferecera-se mesmo para arranjar o protesto num jornal. Mas tudo era inútil. A pata pesada do



usurpador havia de esmagá-lo, como a todos os outros. Não hou-  
vera pobre, que tivesse mantido a sua posse nas circunvizi-  
nhanças do rico. Portanto, não ficaria o Gabriel, por sua vez,  
indene à absorção do “branco”. O que lhe pertencia teria total-  
mente de ir parar às mãos do senhor, cujo apetite de Gargântua  
assolava aquela costa pacífica como um flagelo de vândalos.

O caboclo, com os seus parceiros, vislumbra essa fata-  
lidade. Que eram eles, senão humildes criaturas que haviam de  
ser vencidas de roldão, na concorrência com a chusma mais  
forte? Antes, a terra era grande, a gente diminuta, e esta con-  
tentava-se de pouco. Depois, chegara o “cearense” em colunas  
tumultuárias de ocupação. Restringira-se a terra com o aumento  
da população estranha, e, o que se tornava mais grave,  
sobrevinda no plano exclusivo de ganhar dinheiro a rodo.

Então, o drama humano se desenrolou no palco  
amazônico, criando situações peculiares a tais conjunturas. A  
ambição de cabeça de Medusa comandava as populações  
imigradas de cambulhada, cujos interesses se conflagraram,  
desde logo, com os das nativas. De que uns vinham: – muitos,  
– e, outros já estavam: – poucos, – fez-se a oposição latente. O  
fato é que aqueles se mostravam resolvidos a tudo. Excitavam-  
nos um acicate mais penetrante e ardente. Misérias  
insondáveis os impeliram à luta, enquanto que o caboclo, amo-  
lentado na Capua de águas piscosas e terras ferazes, não pode-  
ria sustentar o embate das legiões que traziam fome.

O coronel Roberto, um paraibano, general tornara-se de  
simples soldado que começara sendo nessa expedição histórica  
– *Anabase* moderna, – que invadia o Amazonas. Ganhara  
merecidamente os bordados, acrescentando à alma mais audá-  
cia, que a audácia da massa em que viera envolvido...



Ao Gabriel impressionara pensar por que esse homem queria tanta terra. Não era para cultivá-la, por certo, pois afora umas baixas no Caniço, onde pastava um gado do Rio Branco, tudo estava inaproveitado e em mata ou capoeira. Dir-se-ia que ele gozava, por esse meio indireto, a soberba de “acabar com os caboclos”. A esse pensamento, o Gabriel sentiu-se com a força e as disposições de um herói. Revoltado, em silêncio, resolveu para si dar a amostra solene de sua relutância ao poderoso Roberto.

Quando, ao fim de alguns meses, o caboclo foi intimado a desocupar a barraca, pois já fora concedido ao coronel, com todas as rubricas, selos, carimbos e registro, o ambicionado título definitivo, aquela resolução já se amadurara na consciência do expulso. O novo dono da “situação”, intruso misericordioso, concedera-lhe por longanimidade quinze dias, o mais tardar, para a retirada. Mas ele, Gabriel, não abalaria dali. Haviam de arrancá-lo desse barranco, onde os seus olhos se abriram e onde se esvaíra a vida de seus maiores, como um pé de mato, pela raiz.

Estando em breve a terminar a prazo fatal, o caboclo saiu de casa, dizendo ir procurar alguma restinga alta em que pudesse estabelecer-se com o seu “povo”.

Aconteceu, porém, que vindo o dia decretado pelo Roberto para o despejo da “posse”, a família, na desolação, em pranto, esperara debalde o velho Gabriel, que não voltara. Vizinhos solícitos embrenharam-se na floresta à procura do caboclo, esquadrinhando também o rio, pesquisado abaixo e acima, na conjectura de que talvez se tivesse “alagado num rebojo”...

As mulheres e crianças do desaparecido, ninhada banida para fora do ninho por uma rabanada bárbara, abrigaram-se na casa do compadre Raimundo.



Mais tarde o Gabriel foi encontrado. Estava na capoeira velha, que revestia um trecho do seu sitiozinho sopresado. Encoberto pelo enorme tronco de uma sapucaia e também disfarçado pela toíça virente de anajás, o caboclo jazia enterrado até o peito. Da terra revolvida a caveira surgia horrível, putrescente, mal fixa nas vértebras cervicais à mostra. Sob o pano de azulão do casaco se adivinhavam, pendidos das espáduas descoladas, os braços descarnados com o tórax já gretado pelos vermes, desemplastrando-se tudo do revestimento de músculos apodrecidos numa deliquescência ignóbil. E as suas mãos crispavam-se, com as falanges horrivelmente cravadas no resto de argila do aterro, que sobrara da cova.

No último lampejo da vida, o Gabriel firmara-se, assim, no seu derradeiro e sugestivo gesto, o de um avaro surpreendido e agarrando um tesouro. Soterrado voluntariamente, no trágico absurdo em que enlouquecera, ficaria na sua terra e para sempre. Quando a onipotência da Riqueza, congraçada ao Orgulho e à Ambição, ia arrancá-lo do seu reduto familiar, ele resolvera o inaudito protesto macabro do sepulcro, que receberia ainda vivo o homem que o cavara.

Foi assim que o caboclo, excluído do seio amado, a esse mesmo seio se acolheu ferrenho. Não podendo viver na terra de seu berço, fizera dela seu túmulo. Prometeu desencadeando-se, por mais heróico, encafuara-se na terra qual um peba.

A iniquidade merecia essa espantosa lição. Que o soberbo conquistador se aureolasse do triunfo; e, que sobre essa terra, tornada o asilo sagrado de um morto, ele pisasse, violando-a na insolência de saqueador sacrílego.



# A teima da vida

*Tu goûteras la mort, ô fleur, avec délices.*

Jean Moréas – *Les Stances.*

O meio aro de prata de uma lua nova perdia-se na colgadura inconsútil, mas pesada, do céu intensamente negro. Estranho armador de pompas funerárias estendera pressuroso, na abundância de um luto de primeira classe, tudo quanto foi crepe ou veludilho preto no círculo do horizonte.

Mergulhado nessa treva, eu me derivava na corrente escura, como ao fundo de um boqueirão, entre fragas escarvoadas. Propulsionava e guiava a “Viola” a própria água imperceptivelmente arrastando a montaria. O proeiro vigilava a marcha plácida pela caverna da noite.

Nas sombras espessas percebiam-se opacas as margens do igarapé, porque faiscavam do fantástico arder dos vagalumes, em joalheria preciosa, esparsa na montra em duplo renque das beiradas de ardósia. Em riscos de estrelas filantes, em saltos de fagulhas de forja, em salpicos de uma chuva ígnea, em esparzimento de piscas brilhantes, chispavam os luze-luzes, redemoinhando no ar, grossa farinha ou burgo luminosos, cirandados, espoados por invisível peneira.

Lampejavam inumeráveis as lucíolas – aéreas devotas habituais na procissão do “fogaréu” ou festejando Nossa Senhora das Candeias. E ao longe e em redor parecia travar-se uma batalha. Por toda parte espipocavam tiros. Desde que a



noite feral dominara com amplidão e soturnidade os espaços, uma extraordinária fuzilaria estalava pelas ribanceiras. Tanto que os vaga-lumes pareciam faíscas de tabocal incendiado...

Às vezes os tiros cessavam, para continuarem depois, mais repetidos e intensos, em linha de fogo de avançada ao combate. Os rifles eram descarregados, em salva frenética, até se esgotarem os respectivos depósitos, ou isolados, como num alvejar refletido.

Não há seringueiro, por assim dizer, que não possua um rifle: a clavina Winchester. É o meio de assegurar a subsistência e também a garantia do Direito, que em toda parte é dada pela força, identificada por Carlyle ao Direito. "A Justiça aqui é o 44", proclama o seringueiro, aludindo nesse brocardo ao calibre da arma que o defende no deserto. Tradução ao pé da letra do conceito, que *von Ihering* formulou com menos crueza e idêntica filosofia, e resume a triste condição da vida nas sociedades.

No mínimo cada balázio custava meio tostão. A somar as detonações a este preço, estava uma fortuna assim dispersa pela boca das armas, em fumaça, clarões e ecos ribombantes.

Era por véspera de São João; e dessa forma estrepitosa e cara, os seringueiros contentavam-se em comemorar o Santo. Em falta de bichas-da-china detonavam os rifles, disparando milhares de balas, que silvavam no ar, cruzadas inutilmente. O que no dia seguinte lhes faria falta para a providência da caça, eles dissipavam de tal sorte, no regozijo tradicional, fuzilando a treva inocente.

Até quando da banda do nascente uma grande vaga de luz, em escarcéu, se foi espriando molemente no espaço, esse tiroteio continuou com intensidade, quebrando com desusado fragor o silêncio daquelas plagas.



Sol montante, vencida uma rebolada de buritis, periquiteiras e taxizeiros, estes com as flores já do tom de ferrugem, de chofre me apareceram uns tetos de jarina. Era lá que eu devia ir ter, a chamado do Cambito, para contratar um serviço.

Mais próximo se desenhou nítida a manchazinha clara da praia, onde fiz encostar a "Viola". Recebeu-nos logo na rampa arenosa um bando de borboletas amarelas, que se pôs a revoltear nos ares, tal o punhado de folhas outoniças, levantadas por um pé-de-vento turbilhonante.

Desembarcando, subi a encosta. Enorme barracão avarandado assentava gravemente ao lado de um risonho canavial. Mesmo ao pé da escada, na porta, um limoeiro arreava de vergôntes, sopesadas da carga dos frutos de amarelo-enxofre.

O Cambito não estava, informou-me o empregado da casa, fora ao lago "atirar nuns peixes". Mas, não deveria demorar. E, mal isto dizia, chegava o patrão de volta com a embiara. Trazia, com efeito, um paneiro repleto de maparás, curimatãs e jundiás, e atravessado no ombro o rifle, que servira para matar à bala os peixes. O "cearense" descobriu-se, e com bonomia estendeu-me a mão calosa, depois de ter abandonado o paneiro aos cuidados do empregado.

Ao convite do hospedeiro para subir e me abancar, à espera que voltasse, sentei-me num banco, ao canto da sala, que a varanda rodeava por duas faces. Eu devassava com o olhar a paisagem de em torno, cromolitografada na esplendência da manhã tranqüila. Dos cômodos interiores do barracão, onde gritos e o choro de uma criança pareciam eternizar-se, o Cambito veio ao meu encontro sem tardança,



para me aboletar no pequeno quarto, cuja única janela se abria sobre o estendal verde-gaio das canas.

Dez intermináveis dias me demorei nesse pávido casarão, que se debruçava carrancudo à borda do longo e fundo corte do desolado igarapé. Viviam ali o Cambito, a mulher e uma filha. Ele tinha o ar constante de combalido, com os olhos sem brilho e vagos numa face opilada; mas, o feitio meigo de sorrir e o falar brando de um calmo. A mulher era senhora alta e corpulenta, com o semblante fresco e sangüíneo, toda ela desabrolhada nesse quente colorido e linhas opulentas de uma náiade do Rubens, naqueles remotos confins do reino da endemia, do beribéri e impaludismo.

Mas, a filha era figurinha mofina, emaciada, feita idealização do Sofrimento, num gesso de maquete artística. Viera ao mundo cega, surda-muda, paraplégica e louca por complemento. Quando nasceu, abria os olhos à vida, porém encontrou a mesma opacidade do útero que a gerara. E, no entanto, as pupilas eram de um tom veludoso, semelhavam duas hematites negras, rolando inertes sob o pergaminho tênue das pálpebras.

A encefalite infantil fulminara essa criatura entanguida, que se agitava na coréia com os bracinhos convulsos, o tronco entortilhado e meneando a pequena cabeça de anjinho, tal se toda ela se compusesse num esforço para se librar nos espaços...

Dia e noite a menina não sossegava. Debatia-se continuamente, chorava sem cessar, como esfarpada por cilícios invisos a terra pasta das carnes sensíveis. Sobressaltava-me o espetáculo desse martírio inaudito. O corpinho de camélia estrebuchava sempre; pela boquita vermelha traspassavam



gritos; as mãozinhas de cera retraíam-se e distendiam-se com os braços finos, abanando nervosamente.

E nenhum remédio ao mal congênito. Nenhum! O fado dessa menina era atrocíssimo, nem luz de razão, nem luz dos olhos; metade pedra, metade nervos.

Assim durava havia mais de cinco anos, minuto a minuto, a vida teimosa, sustentada a desordem superior, cérebro-espinal, pelos fenômenos baixos da lorpa existência vegetativa. E considerar, que nas terras circunvizinhas, enquanto a vida se obstinava nessa infanta alienada, muito peito robusto de vaqueiro tombara, apunhalado por um resfriamento fútil, ou por uma palustre cavilosa! Dir-se-ia que o pequeno ser contrafeito havia recebido a sua conta do rol dos males que lhe caberiam mais tarde; e, assim arraçoada, tinha que ficar indene de mais golpes, porque muito lhe fora dado padecer de uma assentada.

Esse padecimento já não abalava ninguém; estava na ordem natural dos fatos. Quando tudo deveria atormentar-se desse espetáculo, se revoltar dessa injustiça, não alterava, nem comovia mais. O choro da pequenina não me deixava dormir, dava-me inquietações assolantes e irreprimíveis. O eco doloroso chegava-me à rede para espancar o sono, e vinha a todo o instante me confranger a alma, enervando-a.

Quando sentia meu coração mais oprimido da amargura fugia do barracão; metia-me pelo canavial e recolhia-me, sombriamente, no engenho de moer a cana das socas anuais.

Num vasto telheiro se instalava o aparelho de itaúba. Punham-no a mover dois homens que, enclausurados dentro de imensa roda, começavam a andar num só sentido, pelo lado interno do estrado que a circulava, provocando eles o giro,



porque rompiam a passadas o equilíbrio do sistema. Era um trabalho de calcetas no *tread mill*. As moendas mordiam os feixes da gramínea esmagando-os, rangendo, enquanto a garapa, às golfadas, corria para uma dorna ao lado; e, os homens afanosos, engradados, procuravam galgar o alto da roda, que os trazia ao mesmo ponto donde partiam de novo. O exercício, por violento, lavava-os de suor, prostrando-os de cansaço. Cessava a moagem; nos tachos fervia o melaço; um alambique destilava a aguardente...

Mas, porque se fazia tarde, ou se anunciavam as refeições, era mister que eu voltasse ao barracão. Ali me esperava o estafermozinho delirante. A nenhum outro preocupava e molestava, senão a mim. Entrava gente, saía, e a indiferença do hábito não punha mais atenção naquela tortura. Discutiam-se os negócios, comentavam-se casos, pilhérias faziam rir, e constantemente, ao fundo, os gritos lancinantes da inocente, varando as paredes da casa, infiltrando-as do seu penar maldito... Na tranqüilidade dormente da noite, esse choro parecia mais percuciente. Nada havia que o estancasse. O barracão parecia arfar, todo angustiado dessa tortura da criança, quando apenas o vento gemia nas frinchas... A luz do sol seteava-o pelas físgas nas paredes e coberta, aos rumores matinais, mas nem assim se dissipava o terror...

Um dia, o Cambito me confessou que ambicionava a morte da filha. Cessaria dessa forma o suplício. A sua mulher, a Doca, não o queria, dizia ele, estava conformada. Se Deus havia assim mandado ao mundo a filha, quando ele fosse servido, chamá-la-ia: era o seu parecer de sempre. O marido quedava-se absorto, perdido numa cisma sombria, repetindo a frase: – Se Deus havia assim mandado ao mundo a filha...



“Amanhã a Mariazinha completa seis anos, anunciou-me ele, enternecido. Mais um ano, veja o senhor que destino!... Mas, já estamos acostumados...” E deixou-me lesto, para entender-se com um caucheiro que chegava.

D. Bustamante, vestindo guapo o terno de dólma branco, tal o apuro do traje, dir-se-ia assim, alinhado e correto, para giro fidalgo nas alamedas de um jardim de verão. O *gentleman* transportava-se no comboio de ubás, repletas de seus índios Sipibos e Conibos, homens e mulheres listrados a jenipapo, seminus, empanados em *cushmas*; um Adônis que viesse presidindo o rancho de demônios bariolados e entrapados.

Tinham todos vindo de um *tambo* no Pischis, em marcha obscura mas épica, descendo pelo Pachitéa ao Ucayali, subindo o Abuáua, depois o Mateus, ainda o Pacaí e seguindo de Oromano, por um varadouro, até o igarapé que ali os trouxera, a procurar a riqueza encorpada na entrecasca das casteloas.

O caucheiro é um volante. Jiquitiranabóia sinistra, anda *en el bosque* perseguindo e fulminando as árvores que o atraem. Eu ouvira referirem-se a eles com ódio mal contido. Todos os estigmatizavam, enlaçando-os num apodo: “gringos desgraçados”. Surdo e conflitivo despeito histórico de raças mais se aze-dava, na rivalidade de oficiais do mesmo ofício. Na sociedade, que se sedentarizava, o nômade ficou malvisto. Só faltava o aviso intimativo, que ainda hoje se lê à borda de aldeias em França: *Défense aux nomades de stationner*.

Apóstolos resignados e constrangidos à destruição, ninguém olhava os caucheiros com simpatia. E, no entanto, eram eles de espantosa coragem. A campanha *en el monte, en la montaña* fazia jus a uma epopéia. Não eram povoadores audaciosos. Com eles se apressou a conquista. Foram um



piquete de vanguarda, em exploradores, contornando pela retaguarda, em sucessivas sortidas de guerrilhas, a massa inimiga do sertão, naquela fronteira noroeste do país. Na flibustagem adiantaram-se ao seringueiro e vieram mesmo surpreendê-lo com a notícia de que podia avançar...

Contudo, ali estava D. Bustamante, que vinha tratar com o Cambito, sobre o corte de “madeiras” que florescia nas terras ocupadas pelo cearense.

Quando pela região inabitada, somente os caucheiros faziam o *raid* venturoso, nada tinham que pedir; mas, depois que o exército de seringueiros acampou, tomando conta da terra descoberta, retalhou-se por donatários a floresta toda. Interessante é que nos mapas da Bolívia e do Peru se estadeia essa terra aprisionada na curva caricata, que pactos revogados e senis indicavam formulando a intrusão do patrimônio do Brasil. O trecho gráfico convencional, que a secular pretensão de dois governos estrangeiros aquarelou, fez imprimir e correr mundo, despedaçaram-no “machadinhos” de compatriotas, salvando a soberania nacional em cheque. A despeito do descaro dos cartógrafos “castelhanos”, o caucheiro não pode então dar mais um passo sem licença. As abelhas da seringa repeliam os zangões do caucho. Com efeito, o círculo infinito, onde o caucheiro febril errava ambicioso, se estreitara de súbito, desfeitas a ficção política e as intrujices diplomáticas aos pontapés do “cearense”. E agora, o seu papel de livre palmilhador do sertão se transmudava, tolhido nas malhas dos latifúndios, no de um estóico pedinchão do trabalho.

D. Bustamante não chegara a acordo sobre o preço exigido pelo Cambito. Limitou-se a aceitar uma xícara de café, e, conformado e lhano, o peruano voltou às ubás, as quais logo



desceram por entre as coroas de areia, que o igarapé fazia abrolhar no leito vazio e espedregado.

Mal haviam desaparecido os silvícolas com o seu galante capitão, um homem ajoujado a outro, chegara penivelmente ao barracão: era o português Thomé Rodrigues Pereira, trabalhador numa estrada de seringal do Cambito.

Em virtude de que artes, esse minhoto viera ter ao alto Amazonas, excepcionalmente formar nos esquadrões nacionais, que ocuparam dominando aquelas terras? Porque foram legiões brasileiras e do Norte, os que para o norte do Brasil avançaram. O estrangeiro ficou em Manaus, na judiaria do comércio, da letra e respectivo desconto e da jigajoga do câmbio. Na empresa fantástica de penetrar e estabelecer-se na zona perigosa, foi o nosso compatriota o atrevido. O estrangeiro sequioso, mas cauto, deteve-se no ponto tático, favorável à especulação das trocas. O aborígene sacrificava-se francamente, arremetendo para estranhos páramos, onde a Morte tinha um trono e vassalagem; o emigrado europeu fartava o bandulho, arriscando a pele um quase nada...

Mas o certo era que o lusitano lá estava. E, forte, no arcabouço d'Hércules, tinha uma das pernas semidevorada pela "ferida braba". Fora a princípio pequena erupção vermelha, lembrando a pústula de éctima; depois se alargara, alastrando e resistindo aos pós secativos e líquidos desinfetantes, ao leite de pinhão, ao iodo, a tudo quanto era aconselhado e tido como eficaz. Do joelho aos maléolos, a chaga funda corroera os tecidos, prestes a deixar visível a face externa da tíbia.

Muita gente, naquelas estâncias do alto, era atingida por tais lesões de causa inexplicável. A aplicação do ferro em brasa constituía um anaplerótico, a que o mal não apresentava



resistência. Quando os emplastros caseiros ou o iodofórmio, o ácido bórico, o sublimado não o reprimiam, o câncer cedia, por força à violência do termocautério.

Pondo-me ao par da origem e marcha de sua mazela, o desventurado contou-me a vida. Nunca mais tornara ao berço em que nascera. “Vinte anos, senhor, por este mundo de Cristo...” Da aldeia, no Minho, afivelada a uma rampa aprazível de vinhedos e pinheiros, viera para arrais de barco no Funchal; depois... depois, em Bragança, no Pará, abrira uma mercearia. Nem sabia como estava ali, no seringal, com o “estupor” daquela moléstia. Nunca mais tivera notícia da pátria e da família, resumidas no eirado e na noiva. Não poder para lá mandar dizer, por seu próprio punho, o que lhe ia n’alma de saudade da terra e do amor da cachopa! Atribuindo todo o seu destino de infortúnios ao pecado original de ignorar primeiras letras, ele deplorava o seu analfabetismo, com este sentido invejar de minha cultura: “Saber ler e escrever! prenda linda! prenda linda!” monologava aos suspiros. Não trabalhava havia um ano, o coitado. E vendo, com a consumição dos músculos, ir-se também o saldo acumulado, sabia Deus como! “Tenho certeza de cá ficar, se a Virgem não me valer”, balbuciava o Thomé, relanceando um olhar carregado pela cinta em S do barranco frontal. “O patrão quer me convencer que isto não é nada, há de sarar com o fogo. Hei-de ver! Mas, cá ninguém me tira que o raio deste mal me vai dar cabo do canastro”...

Resolvera o Cambito fazer repousar o “galego” e no dia seguinte aplicar-lhe o curativo enérgico, com o que se resignara o português, concordando *in extremis*.

Nessa noite, véspera do natalício da louquinha, atacou-me a insônia. Abri a janela do quarto e logo me invadiu o con-



traste da natureza quieta, hipnotizada ao luar de aljôfar, banhando elíseo o barracão, onde aquele pequeno ente continuamente chorava. O canavial tomava um lustre de estanho nas folhas ásperas. Uma paz completa, adormentadora, enleava as coisas em sono profundo, à luz casta e leitosa da lua. No céu cravavam-se as tachas das estrelas: e, como um atavio etéreo, o *foulard* das nebulosas desenrolava-se espumífero no colo decotado da noite.

Só a criança, a meu lado, não repousava, como barbaramente supliciada por um algoz secreto e incansável.

Frisos em espiguiha d'ouro anunciaram a aurora, enquanto esmorecia o brilho dos atros, quando fechei a janela, recaindo na rede, onde o sono me venceu.

Acordei bem tarde, ao convite para assistir o curativo da “ferida braba”. Desci a escada do limoeiro, encontrando o paciente sobre a mesa, num grupo de seis pessoas que o cercavam em preparativos. Uma delas construiu pachorrentamente, em torno da úlcera, o rebordo de argila para restringir o campo da aplicação do tópico, na ambustão. Depois seguraram o “marinheiro” pelos braços, pernas e tronco. Um outro foi buscar à trempe, sob a qual o fogo de cavacos chamejava, uma lata de banha americana que fervia. E, em movimento rápido, o ajudante verteu o líquido ardente no escarvalho da chaga pavorosa. Sucedendo ao chio, a fumaça ergueu-se dos tecidos podres e cozidos, atroou o berro da vítima, que num esforço brusco procurou contorcer-se e o cheiro da carne queimada marcou o fim da operação selvagem. Feito o que, levaram o Thomé, caído em colapso, ao quarto que o agasalhava no barracão.

Daí a pouco, no momento em que almoçávamos, vieram comunicar ao Cambito que o operado acabava de morrer. Ao



lado da mesa do almoço, no colo da rubenesca Doca, a pequenina cega, agitando-se frenética, comia com voracidade um prato de mingau.

Os inauditos caprichos da vida! Fora-se esta do corpo do forte e não renunciava à frágil e enguiçada criaturinha, que completava seis anos! A mãe vestira-lhe, comemorando o aniversário, uma camisola nova, rendada, com laços de seda azul; e, na face o monstrozinho tinha, num sarcasmo, o róseo dos bebês sadios.

Quando tornei a descer o igarapé de volta do barracão do Cambito, tomara-se o mesquinho regato uma corrente volumosa e profunda. Crescera a água numa noite, fazendo-o torrentoso. Bastara a chuva caída no dia. Abarrotara-o a enxurrada. Muito não tardaria, contudo, em se esvaír e patentear de novo as coroas de areia, que o acidentavam, esclerosando-lhe o fundo.

Algumas praias a mais, deparei os peruanos bivacados. Mulheres nuas, em torno de fogueiras, moqueavam macacos, depenavam araras... Os “escravos vermelhos” seguiam com o olhar a canoa que passava. O senhor D. Bustamante aprumado no traje esmerado, em que já o vira, ergueu solene e sóbrio o seu chapéu-do-chile, saudando-me cortês.

E bem águas abaixo, mesmo de tão longe, o choro confrangedor da criança doida me flagelava, dilacerando-me. Então um pensamento me fulgurou no cérebro: “...e no entanto, bastaria uma gota de veneno ou uma lâmina de bisturi, nas mãos de gente misericordiosa, para acabar com a teima da vida...”



# Maibi

*Pays affreux et désolé! Une malédiction  
pèsetelle sur le sol? Je crois voir du sang aux  
racines de cet arbre rabougri et souffreteux.*

H. Heine – Atta Troll.

**U**ma figura alentada e bruta, com a bocaça mascarada pela franja da bigodeira ruça, dizia à outra personagem, chupada, esfancada de sezões e mau passadio, com uns raros pêlos duros nos cantos dos lábios e no queixo prognato:

– Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio.

– Sim senhor, respondeu o escanzelado, retendo um suspiro.

Pronunciava-se este diálogo junto ao balcão, no armazém, entre o tenente Marciano, dono do Soledade, e um seu freguês, o Sabino da Maibi. Quando a operação hedionda finalizou assim, de uma assentada, entre os dois homens, o sol descambava mordendo o friso verde-negro da mata, e a luz de fora filtrava-se por entre as brechas das paxiúbas mal ajustadas, no barracão, como se coada fosse por entre as barras férreas de um calabouço, guardando dois réprobos.

Mas, que negócio fora afinal firmado? O Sabino devia ao patrão sete contos e duzentos, que a tanto montava a adição das parcelas de dívidas de quatro anos atrás, e cedia a mulher a um outro freguês do seringal, o Sérgio, que por sua vez assumia a responsabilidade de saldar essa dívida. O mais



comum dos arranjos comerciais, essa transferência de débito, com o assentimento do credor, por saldo de contas.

A troca interessava ao patrão, que ficava mais seguro com o Sérgio, rapaz afamado como trabalhador insigne. E o Sabino iria labutar com ânimo, na esperança, agora bem realizável, de tirar saldo no fim do ano. Com a mulher, a sua peia maior também tinha desaparecido: os sete contos e tanto, que neles pensar era se lançar pela certa num deplorável estado de desalento. Compreendia o Sabino que em companhia da esposa, por mais que trabalhasse nunca pagaria a dívida crescente e escravo se tornava. O débito era um par de machos...

— “Tirar saldo” é a obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade? O regime da indústria seringueira tem sido abominável. Instituiu-se o trabalho com a escravidão branca! Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma exploração sem lei. O código surgiu mesmo nas contingências da luta. Não por intimações de uma autoridade, que não existia; mas por acordo tácito entre todos. Demais, fora preciso organizar, em plena selva aquilo de que o pensamento social do país, focado na Rua do Ouvidor, não a cogitara nunca. Dir-se-ia uma nação de malandrins, um país de *cocagne*; jamais se sentiu a necessidade de dar ordem ao trabalho, como se este a ninguém preocupasse. Incrível dizer-se – foram seringueiros que golpearam a lei fundamental da nação livre! Porquanto aconteceu então, ante condições especialíssimas o que se houvera seguido espontaneamente não bastava. Um seringal, em fim de contas, não era a estância de gado, nem a fazenda de café, nem o engenho de cana. O que satisfazia na campanha do Rio Grande, no oeste de São Paulo, no interior



de Pernambuco, não era suficiente no Madeira, no Purus, no Juruá. Desde logo o que a legislação não previu, a indústria nascente fundou. Não era o exercício de simples crueldade; mas o resultado dos interesses do capital que instituía a sua própria defesa. Lógico, pelo menos fatal. Os estatutos da nova sociedade, que quis viver, receberam esta base: não poder o seringueiro abandonar o seringal, sem estar quite para com o patrão.

Por isso, em muitas ocasiões, dera ao Sabino o ímpeto de sacudir fora o balde de leite, cruzar os braços na estrada, nela ficando hirto, até a morte sobrevir; outras vezes, pensara em correr os riscos de roubar uma canoa e fugir para Manaus... Chegar de sua terra, no insólito desejo de fortuna, para estabelecer-se um dia no Sitiá, com o campo de panasco e uns novilhos e cabras; e, em troca, ali ficar no estranho deserto alagadiço de um fundão do Amazonas, comido de "praga", e a cair de sezões! Com a situação, que se lhe oferecia, de solvado o seu pobre coração renascia. Haveria de voltar à sua terra, se Deus quisesse!

Bem tempo fazia que deixara o baixo Amazonas, primeira etapa de seu êxodo de condenado. Lá trabalhara três anos sem vantagem. Afora um pouco de "tapuru", a seringa era "fraca", "itaúba". No lago do Castanho, casara-se com aquela cabocla, linda cunhã, enguiço núbil, tentação que lhe chegara para atrapalhar a vida, pois, se tivesse vindo sozinho, nessa época, labutar no alto, na seringa, estaria certamente a essas horas, no seu querido Ceará. Era verdade que, em companhia da Maibi, mais doce lhe correria a existência... Contudo, tinha sido um atropelo. Conseguira desenvencilhar-se, mas, ganhando; tinha saudade, porém, da "danada" cabocla. Ah! os



olhos dela, tingidos no sumo do pajurá; o andar miúdo e ligeiro de um maçarico; ah! os seus cabelos do negror da poupa de mutum “fava”; o vulto roliço... As carícias ardentes da moça iriam agora aplicar-se em outro... Nos braços de outro ela se arrebataria em juras e suspiros... Fora-lhe bem duro apartar-se; mas “era o jeito”. E o seringueiro procurava abafar pensamentos que o incomodavam...

O certo é que, ao sair do armazém, a sensação do Sabino foi a de desafrontado de carregosa canga.

O dia, um domingo de março, era de movimento no barracão; os fregueses das barracas do seringal vinham em visita e a negócios. Escasseavam a farinha-d’água, o pirarucu e o jabá, mas o “vapor da casa” estava para chegar com o aviamento. E a gente afluía, insofrida, a buscar mantimentos, e curiosa de uns “brabos” que o vapor traria; mas, no fundo, convergida pelas exigências irrevogáveis da sociabilidade, cada vez mais intensas no regime de isolamento que os devorava.

Ao anoitecer, grande número de fregueses enchia a sala maior do barracão, para a “rocega”. A gaita começava a soar nos soluços bemóis de uma valsa ronceira. E então, aqueles homens, no meio dos quais havia apenas duas mulheres, se agarraram aos pares, desabalando-se a dançar sobre o soalho flácido e ondulado das paxiúbas. Um “farol de gás” se prendia ao pendural das tesouras, no travejamento quase perdido no fumo envolvente do tabaco. Cessada a música, era o rumor alto de conversa e risadas, até que a harmônica incansável e fanhosa gemesse novos compassos.

Tarde da noite, a uma observação do tenente: “basta por hoje, rapaziada!” a sala se esvaziara. Os seringueiros demandaram os pousos. O barracão ficara acaçapado e tétrico, mais



negro ainda na noite onde fuzilava, entreluzindo, o pequenino diamante azul de uma única estrela abandonada.

A primeira cara que o Marciano viu, pela manhã seguinte, foi a do Sabino. O patrão disparou logo:

– Está arrependido? Se quiser, pode ir para outro seringal; não me desgosta. Se deseja ficar, também pode... Não proíbo... Faça o que entender.

O Sabino declarou que não se havia arrependido; não metia o pé atrás, e que queria trabalhar, mas em “colocação, no centro”. Tencionava ficar na do Paulino, que morrera, havia quatro dias passados, picado por uma tucanabóia. A estrada de dois “frascos” e meio não era grande cousa, mas sempre influía. Demais, contava que “seu” tenente lhe aviasse todo o pedido. Não era muito: uma tarrafa, um par de calças de zuarte, pílulas “carapanã” e “taurinas”, caixas de bala, a farinha e o pirarucu; cousas que um homem degradado naqueles mundos não podia prescindir. Deveria então começar a roçar a estrada? Na semana, que entrava, queria estar “sangrando as madeiras”...

O tenente assentia com desusada benevolência:

– Pois sim! Pois sim!... Há de se arranjar tudo... O “Rio Yaco” chegará por estes dias...

Com efeito, uma semana depois, o vapor atracava ao Soledade, no alvoroço da gente insofrida em aguardá-lo. Muitas horas levou a despejar carga. Algumas reses foram atiradas do portaló para a água, onde caíram, nadando expeditas para a terra. Caixas, paneiros, fardos e garrações passavam pela prancha, atropeladamente, como se fossem baldeados por contrabandistas em pânico. Numa agitada faina, tudo se amontoava em terra, a fim de ser transportado ao armazém, a



não ser o gado disperso, que aparava os brotos, espontando as canaranas na beira.

Com o carregamento desembarcara o pessoal, que o guarda-livros fora buscar ao Ceará. Umas vinte cabeças, gente do Crato e de Carateús. Os agenciados tinham sido, no porto de Camocim, cinqüenta ao todo. Mas, uns haviam fugido no Pará, outros em Manaus e cinco haviam “dado o prego” com as febres.

“Oh! canalha safada!” tal a frase que o empregado entremeava, a cada passo, aludindo aos engajados, no relatar facundo, ao Marciano, os trâmites da missão de que fora incumbido. Um subprefeito, em Manaus, a quem dera queixa, ninguém mandara ao encalço dos homens foragidos no Mocó... Estava toda a campanha amaldiçoada em trinta contos. O guarda-livros culpava também do desastre da expedição à “casa aviadora”, porque esta demorara em Belém a partida do navio, e o gerente tinha “quebrado o corpo”, recusando-se a adiantar os “borós” para acudir ao sustento do pessoal...

O momento chegou, em plena noite, que o “Rio Yaco”, estrepitoso do vapor vomitado pelo tubo de descarga, recolhida a prancha, desamarrados os cabos, largou brandamente do barranco. Um apito roncante de “sereia” ecoou sinistro, ululando no ermo.

Após o berro da despedida do “gaiola”, a vida no Soledade seguiu o curso normal. Da célula central – o barracão, irradiavam outras células –, as barracas, no sistema orgânico dessa fraca e fundamental urdidura, que cobre léguas quadradas com o trabalho de alguns homens apenas. Pelos varadouros e igarapés, os aviamentos parciais eram transportados pelos “fregueses do toco”, em jamaxis ou canoas.



Marciano, antes da dispersão dos novos fregueses, os reunira na vasta sala do Soledade e lhes dirigira uma fala. Exigia trabalho e freguês com saldo. Isto de gente devendo, não era com ele. Não queria saber de histórias, queria borracha! E, desprezando escrúpulos e cuidados na conservação da riqueza florestal, com que a boa Natureza lhe presenteara, resumia brutalmente, na homilia, o programa absurdo da sua exploração: “Quem for tatu que cave; quem for macaco que trepe”. Explicava esse lema bizarro. Não se opunha que as seringueiras fossem lavradas das raízes aos galhos, num decreto de extinção formal. Construíssem mutás: arapucas desengonçadas, grosseiros andaimes para atingir, em faixa mais alta, os vasos captadores da goma preciosa; ou empregassem o “arrocho”: medonho apertão, dia a dia constringido, para que o tronco, esganado no garrote, ressumasse até as fezes a seiva valiosíssima. Um máximo de produto, mesmo à custa do aniquilamento das árvores, exigia o patrão, na formidável ignorância que, generalizada, liquidaria a principal riqueza da bacia amazônica, estancando-a na sua fonte.

Ao fim dessas recomendações imperiosas de crime ou inconsciência, os “brabos” foram se estabelecer, às pressas, nas estradas recém-abertas pelo “mateiro”, na última invernia.

A lufa-lufa de “meter gente nas colocações” cessou por fim. Iniciara-se o ramerrão do “fábrico”. Até o termo da safra, entrava mês, saía mês, o tenente, na ponte do Soledade, ou sentado na varanda, tranqüilizado de fortuna por um gordo saldo no Prusse, mas, calculando a conta de lucros e de perdas provável, consumia charutos caros, passando os olhos pelos jornais, ou pervagando-os pelas margens do rio em debruns uniformes de oiranas insípidas.



O barracão do Soledade dominava em mangrullo a chateza da veiga circundante. E, como se uma grandiosa relha de charrua tivesse tentado aradar a planície, a água refundava o sulco fertilizante, num augusto lavrar para as searas de Pã... A mata pintava-se de um mesmo verde-veroneso; o céu embebia-se de aguada azul da Prússia; as horas escorriam na lentura de um óleo denso, dessangrando por fino sangradouro; o sol rojava-se diariamente pelos seus paços imperiais, num servilismo de escravo...

Foi durante uma tarde vazia, fúlgida e vagarosa, que o Marciano divisou certa canoa dobrando a curva do remanso, de rumo ao barracão. Da margem oposta ela atravessou, dando ondulações em viés à túnica lisa e cinzenta do rio. Na proa, o remador amiudava, sôfrego, as remadas. Mal encostando a embarcação, ele saltara em terra. Era o Sérgio, que vinha pálido, visivelmente comovido. Acercando-se do patrão, contou-lhe que aproveitara uns dias de chuva, nos quais não pudera “cortar”, para fazer a viagem ao “centro”; mas que ao voltar, não encontrara mais em casa a Maibi. A cabocla desaparecera; só deixara uma anágua no baú de marupá. Estava farto de procurar... iria até a extrema de baixo, indagando... chegaria mesmo ao Umarizal. E o Sérgio, devastado de indignação e angústia, desceu precipitadamente a escada da ponte.

O tenente, com o seu pretendido faro de antiga autoridade policial em São João de Uruburetama, lembrou-se do Sabino. Quem saberia se o cearense, enciumado, não dera sumiço à rapariga? Ocorreu-lhe mandar ao centro um homem de confiança ver se lá encontrava o indiciado e, à sorrelfa, bis-pava alguma coisa...



Sentado num banco, na cozinha, o Zé Magro cortava e recortava o rolo de “Acará”, cantarolando em surdina:

*Migo, migo, migo, migo  
Este molho de tabaco,  
Que fumo de tico em tico  
E masco de taco em taco,*

quando ouviu que o chamavam. Acudiu pronto, cessando o trauteio. Recebidas as ordens e instruções do Tenente, tomou do rifle e partiu.

De um pulo atravessou o campo, transpôs a “estiva” e afundou na mata, desaparecendo pelo “travessão”. Um pouco mais tarde, o “próprio” de sobre-rola topava com o Sabino, que saía da boca da estrada. Este vestia uma camisa sórdida, calças trapejando nos pés metidos em sapatas de borracha; e, tinha a cabeça rebuçada na chita do mosquiteiro. Aparelhava-o o terçado enfiado na cinta, nas mãos o machadinho e o balde; pendido ao flanco um pequeno saco e o rifle atravessado nas costas. O uniforme traduzia a miséria e o arriscado do ofício.

Entabularam conversa.

– Bom-dia hoje?... Leite muito, hein?... indagou o Zé Magro. Sabino respondeu-lhe, dominando a custo a comoção que o abatia:

– Nem por isto... E, esforçando-se por se acalmar: – botei “uma madeira em pique”, pau monstro, “apaideguado”... E boa que admira... É para doze tigelas. Só ela dá um “frasco”. Eu não via o diabo. Passava junto e não dava com a bruta... E no entanto estava logo depois da boca da primeira “manga”.



O outro, surpreso da serenidade do Sabino, resmoneou desconcertado, referindo-se ao capricho costumeiro da “mãe da seringueira” que escondia as árvores. E, para disfarçar a espionagem, revelou-se curioso:

– Bem queria ver esse pau... se é o que você diz!

– Pois vá, replicou o Sabino. Há de se admirar, e você, apesar de não ser nenhum “brabo”, nunca viu coisa igual. Fica logo ao pé de um açacuzeiro, depois de um cerrado de “unhas-de-gato” e jurará...

– Está bom, deixe-me espiar. E o Zé Magro foi indiretando para o maciço da mata onde, mesmo por detrás do “defumador”, desembocava a estrada.

Sabino, que ficou atentando no espião, mal este desaparecera, tomou a própria cabeça entre as mãos e sacudia-se todo, oirado em paroxismos epiléticos. Andava para um lado e para o outro, ia, voltava, levando as mãos ao peito como para arrancar uma víscera de dentro, e puxava os cabelos, enlaçando soluços a rugidos. Parecia investir para a estrada a chamar alguém; depois, como que arrependido, corria até o aceiro da floresta, atolava-se no chavascal próximo... Produzia a impressão de que fosse ameaçado por um açoite de fogo, e o perseguidor instrumento sinistro chegasse a alcançar a vítima, fazendo-a saltar e volver-se, fugindo ao contato espicaçante dos látigos.

Enquanto isso, o Zé Magro seguia pensativo e suspicaz à capa da seringueira fenomenal. A estrada frondejada é apenas um trilho, em busca das árvores a cortar. Mas, quase sempre a linha poligonal mantém a orientação que a fecha sobre si mesma. Por vezes dispartem dela outros polígonos menores: as “voltas”, ou simples linhas: as “mangas”; mas,



sempre o seu traço total é o de um carreiro, enrodilhando a centena de “madeiras” a explorar. O seringueiro no “fábrico” percorre-a às pressas. Vai muitas vezes mesmo antes que amanheça, então à luz do “farol” ou lamparina, embutindo as tigelinhas sob o golpe pequeno e em diagonal, na devida “arreação”; voltará imediatamente nas mesmas pegadas a fim de recolher no balde o leite das tigelas. Manhã alta chega o seringueiro estropeado; e tem ainda de defumar o látex d’olhos castigados ao fumo acre dos cocos, que ardem embaixo do “boião”.

No hábito do serviço, o Zé Magro seguia a passos rápidos, mal notara o açacuzeiro no cerrado de cipós, e já se quedava aterrado diante o espetáculo imprevisto e singular. Uma mulher, completamente despida, estava amarrada à certa seringueira. Não se lhe via bem a face na moldura lustrosa, em jorro negro e denso, dos cabelos fartos.

O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu, estupefacto, a mulher do Sabino e do Sérgio.

Atado com uns pedaços de ambécima à “madeira” da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas rijas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devia o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado – um sernambi vermelho...



Tinha esse espetáculo de flagício inédito a grandeza emocional e harmoniosa de imenso símbolo pagão, com a aparência de holocausto cruento oferecido a uma divindade babilônica, desconhecida e terrível. É que, imolada na árvore, essa mulher representava a terra...

O martírio de Maibi, com a sua vida a escoar-se nas tigelinhas do seringueiro, seria ainda assim bem menor que o do Amazonas, oferecendo-se em pasto de uma indústria que o esgota. A vingança do seringueiro, com intenção diversa, esculpira a imagem imponente e flagrante de sua sacrificadora exploração. Havia uma auréola de oblação nesse cadáver, que se diria representar, em miniatura um crime maior, não cometido pelo Amor, em coração desvairado, mas pela Ambição coletiva de milhares d'almas endoidecidas na cobiça universal.

Precipitado, o Zé Magro voltou, e, quando apareceu na boca da estrada, quem o visse não o reconheceria. A comoção dera uma pátina ao bronze mate de seu rosto. Olhou em torno. Tomando do rifle, aperrou-o, e em sinal de socorro fez fogo várias vezes seguidamente. A mata dormente, ao meio-dia cálido, não despedia o menor murmúrio. Parecia, de imóvel, marmorizada numa hipnose. O Zé Magro olhou mais detidamente em volta. Ansiado, não se conteve, bramiu: "Sabino! Eh! Sabino!..."

Só o grito áspero de um cauré acudiu ao chamado.

"Sabino!... Sabino!..."

E ao novo apelo mais fremente nem o malvado gavião respondeu mais.



# Pirites

*Tu vais, tu vais também, vítima infausta;  
O sopro da ambição fechou teus olhos...*

Machado de Assis – *Falenas*.

**E**nquanto o “mestre” da lancha, fazendo com as mãos pelas malaguetas circungirar a roda do leme, tornava esta, à direita e à esquerda, evitando as guinadas nesse rebojo de correnteza, o Vicente Mucuí, recostado na borda, fincava o cotovelo no bico de proa do batelão, contemplando cismativamente o desfiar da costa, que se desdobrava num rosário de poéticos lugares, encastoados em manchas esverdeadas de muri, ingazeiras, embaúbas e taxis...

Já que em Manacapuru não encontrara a Gertrudes, ele seguiria de rota batida para Maués – o feudo do coronel Tito. Era a sua terra, essa cidadezinha morta, à beira-rio, vegetando deleixada, como franzino araçai em meio do igapó. A um canto tristonho, abainhado ao barranco de massapé, o sítio perdido nas raias da Nação constituía-se o fornecedor de um alimento de poupança, que em toda a terra é o único a produzir e manufaturar: o guaraná. A planta é uma fina e sarmentosa trepadeira, de dulcíssimo nome científico e a qual frutifica em cachos de uma cor de açafão, semelhantes aos dessa jurubeba que pulula nas roças abandonadas.

Toda uma arte hermética para o preparo da massa chocolate, a que se reduzem os frutozinhos da sapindácea, torrefatos e triturados com água dosada pela cabocla sábia. Arranjam-no



em formas multiplicadas de escultura ingênua: jacarés, tinteiros, tartarugas, bengalas, peixes e racimos, para servir de lembrança, tal um camafeu de lava, recordando a viagem de Nápoles, tal um objeto de raiz de oliveira, a estadia em Nice ou Cannes. A pasta, que serve utilmente, é disposta em rolos vendáveis por preço bem mais alto que o da seringa “fina”.

Mercadores de Cuiabá vinham às caravanas pelo sertão, na mais espantosa das odisséias, buscar a pasta nutritiva e excitante. Varavam atrás desse tônico as zonas esconsas dos vales fluviais, misteriosos, centrais, infestados de antropófagos e de feras, aos borrifos das espumas das catadupas, abrigando-se nas furnas, afrontando, em meses e meses, para mais de um milhar de perigos, em mais de centenas de léguas, até a boscareja vilazinha do Amazonas. Posteriormente, o Lloyd encurtou o prazo da travessia enorme, diminuindo, em consequência, os transe por serranias, gargantas e chapadões da caminhada, que apenas ao próprio Frei José dos Inocentes, em apuros de fuga, não parecera absurda.

Por que o cuiabano, de toda a *gens* brasílica, foi o único a se apaixonar dessa substância? E como foi que o hábito dessa bebida se infiltrou tão longe do ponto que a produz? E de um modo tão imprescindível, que o homem se aventurava anualmente, sem receios, à considerável façanha de um Livingstone; tal se Maués assentasse num *placer* estupendo de metal arquiprecioso, ou, ainda mais, guardasse nos seus muros o elemento indispensável à vida que o mato-grossense vivesse! Alguém virá, ancho cavador de históricos desvãos, maníaco analista, esmerilhador de minúcias etnográficas, explicar o caso obnóxico do início dessa peregrinação caipira à Meca sertaneja do guaraná...



O caboclo Vicente era andejo como um cearense. Depois de gastar dois anos, cortando borracha no Jatapu, passara ele à extração da piaçava no alto rio Negro, nos confins da Venezuela, de onde voltava ao segregado ninho, em que o coronel Tito domina com os seus olhos rapaces e perfil imperativo de um gavião-real.

Nada mais duro do que descabelar a palmeira *leopoldinia* das fibras têxteis, que a revestem toda, dos pecíolos ao pé do tronco. A cerda, que vestisse um ídolo mau e repulsivo, algum manitu Kanaca, é áspera e aninha prediletamente aranhas, lagartas, serpentes, lacraus e centopéias. De sol a sol, atolado na vaza dos igapós, o serviço é uma pena inédita para parricidas. As mãos, a cara ficam lanhadas pelo desemaranhamento da grosseira fiapagem, que é preciso arrancar do abominável vegetal. E sempre o terror do “bicho” intrometido na grenha, de dente ou ferrão pronto e venenoso...

Nenhum resultado compensador. O caboclo nunca vira um dez réis nesse trabalho de crua e refinada penalidade chinesa. Mas considerava-se felizardo. É que um dia, “caçando” a rebolada de piaçavas, deparara umas pedras luzentes, aglomeradas em pequenos grupos de cristalzinhos de brilho negro, e que eram certamente ouro, ou algum outro mineral de grande valor: uma verdadeira mina!

O Vicente, febril, encheu uma garrafa do mineral açalado. O ímpeto fora de atafulhar um garrafão, caixas... mas isso daria na vista. Conviria esconder o achado e não denunciar a carga, que chamaria forçadamente a atenção de estranhos.

Pensou logo em abandonar a safra e embarcar para Maués, expor tudo à mulher. De lá voltaria então a Manaus,



com o intuito de procurar jeitosamente a quem confiar o segredo e vender as pedras.

O Vicente viajava sobrecarregado de sonhos. A imaginação trabalhava sem cessar. Arquitetava projetos como um louco. A lancha, aos ronrons da velha máquina, não parecia andar; porque um carará passava no ar azulino, ele considerava triste não ter as asas do pássaro que seguia rápido...

Apesar das reservas do Vicente, a tripulação e os passageiros desconfiavam do caboclo. Na suspeita, ele enclausurava-se em retraimento ainda mais profundo. Embalde o rodeavam a pedir informações do que o deixava tão alheio e vário. Lia-se-lhe na face a desconfiança e um mistério... O homem não se separava de um saco encouchado, a sua única bagagem. Lá estavam as pedras, a fortuna do Vicente, a garrafa preciosa.

O batelão, atado ao flanco da lancha por espias grossas, começou a ranger na estrutura pesada do casco e cavername de louro-aritu. As águas repentinamente revoltas do rio, tentavam apartar as embarcações xifópagas. Manchas negras abrolhavam revulsadas nos peraus e rebojos insondáveis da foz do rio Negro. A caudal portentosa tentava penetrar noutra, numa fusão violenta – a luta de dois monstros escabujantes, entredevorando-se no remoinhar de barbatanas e caudas no abismo. O Negro estraçoava-se nas unhas do pardacento Solimões, e os fragmentos engolia-os este último, imponente, esforçado, indo logo após descansar da guerra, no espraio flácido pelas Lages e Terra Nova afora.

A lancha, atrelada ao batelão, passou aos sacolejos das águas encrespadas e embravecidas no encontrão. Marapatá, ilhota rasa, cara à certa alusão de insulto, estava à esquerda,



na insignificância de seus matos, nutridos no paul. Numa gravura nítida de marinha, se discerniam os navios no ancoradouro de Manaus, burilados no fundo em barra da cidade clara. Uma hora e meia mais tarde, no “quadro” a lancha era sitiada pelo enxame de botes, onde catraieiros portugueses, ilhéus, entre convites e convícios concorriam, em algazarra, ao tráfego dos passageiros com a terra, “Dotoire”!... “Oh! ‘seu’ dotoire!” “Raios t’o partam...!” “Eh! patrão! não quer disceire?” “Olha o Estrela-do-norte!” Representantes de hotéis apregoavam: “o Familiar”, “o Vasco da Gama”...

Dois paquetes ingleses, encostados ao “flutuante” da Manãos Harbour, recebiam e enviavam carga, na bulha aspérrima e intermitente de guinchos. Um vapor, que vinha do Acre, repleto de gente encostada à amurada e ardendo por pojar enfim, aguardava a visita da Saúde e da Alfândega. Outros “gaiolas” vazios ou aprestando-se à partida, lanchas, alvarengas e batelões, jaziam ancorados aqui e ali, lembrando, à vista das metralhadoras Maxim de um aviso de guerra, abrigado no mesmo fundeadouro, o resto apresado e em desbarate de uma esquadrilha pirata. Operários trabalhavam no cais inacabado. A Matriz alteava-se, azul, de uma cinta de amendoeiras, malváceas e eucaliptos. Da boca do igarapé de São Vicente vinha um rebocador, arrastando o pontão.

Vicente, agarrado ao saco, meteu-se com outros passageiros apinhados num dos botes. Mal desembarcou na ponte, tratou de indagar a data em que deveria partir o vapor da linha de Maués. Correu à Agência, defronte do trapiche Teixeira.

O “Silvério Nery” saía na mesma tarde. E de novo, o caboclo penetrou no convés, atestado de carga de um pequeno



“gaiola” torto, feito uma solha. O calhambeque arreava o sinal de saída e exalava vapor e fumo das chaminés, demandando a boca do Solimões, depois das sábias voltas da manobra no porto; e, o Vicente emborcava um bom trago de “cana”, que lhe oferecera outro passageiro “de terceira”, cearense, seu velho conhecimento, estabelecido na costa do Burrinho, com uma engenhoca qualquer. A conversa entre os dois se animou logo. Vieram recordações, fatos reachados nos escaninhos das povoadas memórias... A contenção que o caboclo guardava, silenciando sobre a descoberta, desferrolhou-se na irresistível confiança.

O saber das pedras no encauchado acendeu no cearense um interesse ardente. Exigia que o Vicente contasse tudo. Como as achara? Se era muito?... O caboclo informava de tudo, na satisfação natural de um feliz que desabafa a felicidade transbordante... Contou, longamente e miudeando, o seu romance de garimpeiro adventício e calouro. Não faltaram pormenores. Como o mineral se arrumava na jazida. As árvores que circulavam esta, o caminho até lá, pela floresta adentro, depois de cinco dias de marcha contra o nascente. “Era espinho muito”, circunstanciava o Vicente. Os cachorros acuaram num caranaizal o magote de “porquinhos”. O terreno subia. Igarapé nenhum. O que lhe valera à sede era o muiaratitica: uma fonte pura, prensada num cipó. E o roteiro particularizava-se de infinitas e agrestes minuciosidades. Esbarrara afinal com uma barroca funda e aquelas pedras espalhadas. Tanto, tanto, que se poderia apanhá-las às mãos cheias e mesmo encher uma igarité.

O cearense aconselhou que o Vicente retornasse logo a Manaus, a fim de arranjar alguém que entendesse e com-



prasse. Tornariam à mina, os dois; e desceriam então com a maior quantidade que pudessem. Ele oferecia-se para sócio; entraria com um capitalzinho. Pedia... Eram amigos... Que o Vicente não fosse a Maués, expor-se ao rosto do velho gavião-real... Não seria prudente dilatar esse negócio. A amostra poderia desaparecer... Desembarcassem ambos no Burrinho, depois, na lancha da carreira do Autaz, subiriam...

O Vicente convencera-se.

À noite, o vaporzinho seguia pelo largo do Amazonas no ritmo bulhento de seus pistons em vaivém, engrenagens ajustando-se, a corrente do leme rangendo nos gualdropes... Os passageiros dormiam; um marinheiro e “prático” na proa e um foguista, na máquina, vigiavam no “quarto” regulamentar.

Excitado de curiosidade o cearense rogou ao Vicente que lhe mostrasse o tesouro, ali mesmo. Ao clarão mortiço de uma lanterna de bordo, os pequeninos cristais cintilaram nas mãos nervosas de ambos, sucessivamente. Na entontecedora vertigem da fé, da sedução, o cascalho tinha o fulgor de lascas de sóis, que deslumbrando os cegava.

Um balanço desabrido e subitâneo sacudiu a embarcação, das cavilhas do casco ao tope dos mastros perdidos no céu farrusco. Chocalhou a louça de um armário e vidros estilhaçaram-se. Fuzilou um raio, que varreu de luz sulfúrea as margens distanciadas do rio. Lufadas desencontradas abanaram raivosamente as cortinas de lona nos conveses. As águas intumesciam-se e criavam cavas fundas. Na encapeladura das ondas o “gaiola” dançava como um tonto. O ar, de escantilhão, rasgava-se com a torva claridade dos relâmpagos. Trovões desabafados rolavam, estrugindo uns sobre os outros. Nenhum mar mais traidor do que esse rio. Na



sonolência das estiadas é um bonançoso açude; ninguém o julgaria capaz desses estorvos de vagas enredouçantes. O Amazonas tempestuado não se sofreaka. Na prisão de seu leite, na convulsão, o doido espumekava estorcido. As palhetas da hélice, rodopiando por momentos fora da água, comunicavam ao “Silvério Nery” um tremor repentino, o tremor em que se arrepiam as carnes dos náufragos, nos momentos trágicos dos naufrágios...

Pouco a pouco o tempo amainou. A fúria, de tão aguda cedia rapidamente. Uma hora de pânico, no desakaimo dos elementos conflagrados, e a noite volveu a tecer a veste de luar, com o fio que desenrolasse do luminoso fuso do crescente.

Denunciando o dia, o nascente fazia de uma concha que fosse entremostrando o âmago de suas valvas de nácar.

Depois de apitos incessantes, “chamando canoa”, os dois homens deixaram o “gaiola” pimpante de resistir à tormenta. O encauchado com as pedras ia deposto, com cuidados sacramentais, no pavês da montaria. Minutos após, eles tomaram pé com a carga estremecida, na base lodacenta do barranco. Agasalhados em casa, trocaram idéias; assentaram disposições futuras; dirimiram planos; construíram outros; até que o sono soberanamente os sossegou.

Na subida da “Nazareth 2”, o cearense com efeito, tornara a Manaus. Fora naquele mesmo amanhecer da chegada à barraca do Burrinho, que o cearense roubara ao Vicente, cortando-lhe previamente a carótida com uma quicé. Tomara resoluto o corpo do assassinado; e, num abrir e fechar d’olhos, o escondera num refolho do igapó. Voara em seguida para Manaus, com um punhado das pedras da garrafa.



Pondo o pé em terra, procurou de um fôlego a moradia do doutor, ao qual conhecia de nome, moço “sabido”, sério, de que muito lhe falava, gabando, um compadre do Careiro. Num ápice atingiu a estrada Epaminondas, para os lados do quartel do 36. Aparecendo-lhe o doutor, ele expôs o objeto da consulta e começou a desatar os intrincados nós de um lenço. Desfeito o derradeiro laço, apareceram os diminutos cristais cúbicos, de cor preta espelhenta. O doutor olhou interessado. Tomou entre os dedos um pouco do minério e remirou-o com fleuma.

O cearense, aguardando o exame, trêmulo, tinha a fisionomia laivada de branco, guachada de comoção.

– Ah! suspirou o louvado, são pirites... bissulfureto de ferro...

E logo, atentando no cearense, bestializado a ouvir a nomenclatura científica, acrescentou, esvaecido nos perigalhos o sorriso benevolente:

– Não é nada. São pedras à toa. Não valem coisa alguma... Há por toda parte. E, remexendo as pedras, elucidou com descrença. Pode ser! mas não acredito na riqueza mineral desta terra. Dizem que no alto rio Branco, no Atumã, no Madeira... O que há, é uma delusão, em que fantasistas espontâneos ou tratantes sistemáticos se comprazem. Conheço um colombiano que mandou intrometer num bocado de seixos e areia, obtido na Cachoeirinha, algumas palhetas de ouro vindas de Minas Gerais; e meteu a mistura na botija que fez vir de torna-viagem, das bandas do rio Içá. Não sei se o “conto do vigário” pegou. Olhe, meu caro, a mina é toda esta terra e inesgotável. Uma várzea, no Amazonas, é a verdadeira Califórnia. Plante seringa, milho, cacau, feijão, cana, mandioca, arroz e verá; o mais são histórias de “mil e uma noites”. Quando é ouro



mesmo, há dente de coelho; desconfie da traficância de algum colombiano. Bem pensado, o trabalho perseverante é que é tudo, meu amigo, discorreu com ênfase o consultor. O vício nosso é sonhar incorrigivelmente e só contarmos com acasos... E, num gesto sacerdotal, impondo as mãos sobre os ombros do ouvinte confundido, perorou: Temos o sangue do pobre povo, que desfaleceu no espasmo de uma ilusão enorme – o Oriente magnífico e maravilhoso, e o de africanos e de índios, crédulos como crianças... Devemos abrir os olhos e pôr o coração à larga. Terra e sol não nos faltam; o resto fará o braço ao serviço da vontade do homem que quer vencer...

Fez-se silêncio, cortado pelo canto da graúna, prelu-diando riçada numa jaulazinha de bambu, na saleta.

O doutor passou ao cearense as pirites desvaliadas; este, na decepção, gaguejou palavras frouxas e sem nexos.

O caboclo não poderia receber essa desanimadora notícia, que metamorfoseava a preciosidade em cisco. O sonho desfeito não lhe faria moça. Eram-lhe indiferentes todos os diamantes do globo. Bastava-lhe, em vez das riquezas de Gôngonda, a pompa triste e meiga da sombra das cajuranas, que lhe baldaquinavam, no igapó, a dormida eterna. Ou gemas ou pedregulho, ser-lhe-ia tudo o mesmo, neste mundo do tola convenção e de anelos mais vãos que nuvens...



# Inferno verde

*Son coeur, sur qui pèse une stupeur morne, se soulève en proie à des tortures convulsives. Il semble qu'il vienne d'entrevoir l'enfer dans sa vie, et qu'il se soit révélé à lui quelque chose de plus que le désespoir.*

Victor Hugo. – *Han d'Islande.*

Uma nódoa acinzentada, que de repente se apagou aos silvos, obumbrando-se no punhado luxuriante das canaranas, sororocas e embaúbas, era o “gaiola” que deixava o Souto no alto Juruá, desterrado para a luta, na delirante vida de explorar um sertão. O xaveco voltava precipitadamente. Tinha sido o último a subir, em arrojo imprudente. Apressara-o, portanto, o medo de permanecer pela vazante rápida, espetado no tronco de piranheira, ou embicado no tijuco de alguma praia. Se isto acontecesse, ficaria como o Souto, esperando a volta da enchente para descer a Manaus. E o que era ganho e fortuna para o engenheiro, prejudicaria ao armador..

Mas, as esperanças, que tanto acalentavam o Souto, desertaram do seu coração, vendo sumir-se na volta do rio o barco que o trouxera com o derradeiro aviamento. Esse retorno deixava-o, pois, de face estuporada, que lágrimas lavavam amargamente. Alguma cousa partia de si ou lhe era deixado, no mistério do abandono e da saudade. Ele se abroquelara de ferro, por dentro, quando se dispôs a arremeter para o interior do Amazonas a sua ativa ambição de moço e recém-formado. Mas



aquela imagem do vapor voltando, dera-lhe o golpe na armadura, e foi, como um dardo, romper-lhe o coração. Lembranças amadas de sua terra e dos seus vieram, em coro triste, dizer-lhe adeuses, abraçá-lo, desanimando-o. E a cada evocação, o Souto afogava-se num soluço irreprimível. Só! considerava o engenheiro, na raiva e no pesar indefiníveis. Na irritação e abatimento, o choro irresistível e infantil tudo confundia na crise única em que seus nervos se sacudiam, vibrando. Companheiros e família estavam como noutra planeta, ou noutra vida... E se alguma doença o apanhasse, o remédio, talvez, seria apodrecer no barranco, como tantos outros...

Incrível que unicamente agora esses pensamentos o desanimassem. Embarcara de ânimo resoluto em Manaus, e desembarcara assim, suscetível e dolorido. E num desvio imaginativo, conveniente à reparação do espírito desfalecido, ele repassou os vinte e seis dias dessa cidade ao "alto". Por-menorizou-se-lhe tudo. O embarque, num meio-dia fulminador. O navio estourava da carga, que lhe metia n'água a "marca do seguro". Duzentos homens se comprimiam, onde não haveria lugar para cem, na disparatada promiscuidade, com sacos, caixões; bois e garrafões. As redes, em quincôncio, embaraçadas, sobrepostas umas às outras, até sobre os lombos do gado. Um homem morrera de uma cornada, na rede em que dormia. Era todo um rebanho colhido em navio fantasma, para ser lançado numa voragem; e, com o rebanho, a carga pilhada por corsários. Destarte o "gaiola", na vagarosa marcha, esbarrando com balseiros, ou raspando troncos flutuantes, montara o Solimões, beirando sempre a margem para evitar os impulsos da corrente majestosa e profunda. Botos, por boreste, emergiam às cambalhotas. Uma madrugada, em dilúculo de



névoas, que eram como a fumaça de toda a mataria que ardesse, fizera-se pausa para que dissipados os fumos da umidade se entrasse no Juruá. Este parodiava o outro rio. A mesma monotonia no fulgente verde-negro e esfuminhado. Só mais estreito e esbordado. E, como era março, a cheia, em pleno, dava à paisagem um aspecto aguacento de dilúvio. O gado amontoava-se em currais ilhados. Em Mauichi, o cemitério tinha o topo das cruzes à flor-d'água. Muitas vezes, para enterrar os mortos de bordo, não havia terra de pronto. Era preciso esquadrinhar o rio para obter um sepulcro; que tudo sendo uma só campa, não havia lugar para um morto. Parando em Nova Fortaleza, o navio alarmou-se com um dono de seringal, vindo de terra, o qual, loquaz e pernóstico, contava casos ao "imediate", interrompendo-se a cada passo em gargalhar tão estrepitoso que reboava pelo convés com fragor bombástico. Dezessete dias, na mesma faina de vencer praias, estirões e "sacados", que se renovavam desenhados da mesma forma, com a eterna sucessão de nuvens de carapanãs e piuns nas barracas e barracões, onde se tomava lenha, ou se deixava carga, e nas outras paradas bocejantes, a ceifar capim para o gado ou a "dar um lance" aos peixes. Havia variedade nominal nas tabuletas dos barracões; mas, o que elas designavam, era sempre o mesmo tipo, quer de tijolo, quer de paxiúba. A fantasia dos ocupantes ou donos, as suas recordações, a sua sentimentalidade em jogo, escreviam nas margens um glossário abundante, cruel ou enternecedor: Altamira, Novo Paris, Deixa Falar, Miragem, Bom Lugar, Santa Helena. Mas esse longo arrastamento no rego, que parecia não ter fim, não enfadara ao Souto. Tinha sido afinal uma novidade. Sendo o espetáculo igual, adornavam-no contudo mil incidentes: o maguari pou-



sado num mulateiro, o batelão tomando lenha, alguns jaburus na boca de um igarapé, mariscando, a algazarra do bando espavorido de curicas ou papagaios, os sons lamurientos de uma sanfona, capivaras fugidias, seringueiros em festa, acenando de terra aos “brabos”, embaixo, no convés...

Esse relancear pelo cosmorama da viagem derivou a crise hipocondríaca do Souto, até se distrair em contemplar a tarde. O sol estava feito uma brasa mortíça que nem dava para incendiar o punhado de algodão de nuvens, sob as quais a brasa se apagava... Uma garça “morena” buscava tardia, no segredo do igapó, aconchego para a noite. A natureza tinha um momento de calma, na sua estesia de calor, de luz e de vegetação. Isso acabou restaurando-lhe os nervos.

Anunciado o jantar e que havia macaco e quatipuru, ele acudiu de ânimo já retemperado ao convite insistente.

O dia seguinte, o engenheiro passara-o, revistando a bagagem e tomando notas e providências. Uma canoa e mais dois remeiros, além do Miguel, que trouxera consigo, somente os conseguira muitos dias depois. E, sempre uma cousa e mais outra... Maçado com tanto retardamento considerou-se enfim ditoso, quando, pela primeira manhã fulgurante de abril, se viu acororado sob a panacárica, que o havia de amparar do cáustico das soalheiras, e sentiu a canoa afastando-se para o Juruá-miri, ao compasso de remadas enérgicas.

O igarapé era um escorço do rio. As árvores das margens pareciam gigantes; adquiriam altura em perspectiva pela estreiteza da valeira que bordavam. Aproveitando a sombra, que projetava no ribeiro refochado uma tarja preta, os remeiros adquiridos na foz, cearenses ambos, palravam sempre, parando os remos. Um deles, o Chico Brabo, culti-



vava dialética, inventando termos, que muitos supriam as faltas do parco vocabulário regular aprendido: comida era “trupizup”, arranjos de pouco ou nenhum ganho eram negócios “atibisquite”...

Foi assim, entre o silêncio respeitoso do Miguel e a palrice dos outros homens, que o Souto chegou a uma barraquinha deserta, abafada entre velhas pacoveiras. O bananal apertava a barraca; a floresta sufocava o bananal; e, por sua vez, o céu esmagava a floresta. Foi esse o primeiro pouso do Souto, no remoto confluente do Solimões.

Devoradas as conservas de umas latas, o “trupizup”, todos amatalotados se acolheram às redes para dormir. Em torno da luz de petróleo, dançando ao alto da lamparina, uma nuvem densa de catuquins diminutíssimos bailava com a chama. O filósofo, a um canto, perdia-se galrão, em comentário tosco sobre a desigualdade das fortunas humanas. Mas as suas palavras, por fim, não encontravam eco. Miguel ressonava e o outro, o Simeão, conservava-se propositadamente mudo. Afinal, a premissa de um silogismo embotou-se num ronco.

O engenheiro não podia dormir. A acuidade dos seus ouvidos parecia ter aumentado na solidão. O vento, que entrava à vontade pelas brechas da choça, fazia provavelmente distúrbios na floresta rodeante. Havia sons de quedas e asso-bios, zumbidos, tropear de patas e rechinos... Ora se diria que a mata toda crepitava incendiada e que tombavam, estalando, os troncos portentosos; ora, rolamento d'avalanches, pizicatos em bordões de violoncelos, arcadas em violetas e contrabaixos; ora, machadadas, guinchos, pipilos e cicios. Nesse concerto distinguia-se o concurso feral das corujas. As gargalhadas,



despedia-as a “mãe-da-lua” – a irutaí sarcástica. Acompanhavam-na em módulos vários, os murucututus, “rasga-mortalhas”, bacuraus, ducucus e acuraus... A floresta sofria, a floresta ria... Dedos convulsos de um gênio em delírio tangiam as cordas infinitas dessa grande harpa de esmeralda, arrancando-lhe acordes e síncopes harmoniosos ou incoerentes, na execução confusa da mais aterrorizante das sinfonias. Acentos schumannianos, a solene gravidade de Berlioz, dissipados em dissonâncias loucas, em descompassos chocantes... Houve um instante, em que Souto ouviu, a princípio indistintamente no sussurro, um grande ofego de muitos peitos humanos esbofados, que respirassem demoradamente. Depois se acentuou o corpo dos sons roucos e *sfogatos*. E a esse estertor enorme, mas abafado, os outros sons morreram. No tumulto ficou somente esse arfar monstruoso, que se pensaria ser de todos os troncos, em ressono, na dormência da vasta noite: era o regougo dos guaribas, de certo à beira de um igapó central.

O magote saltigrado e estentórico dos símios, em mugido coral, acabou adormentando o engenheiro, que acordou diante do café matinal, ao ameaço do alvor crástino. Urus trinavam melodiosamente, imitando trilos de frautas rústicas de faunos, concertando um scherzo. Gotejava das pontas das palmas, no beiral, grosso orvalho frígido.

Daí a uma hora, a montaria retomava o seu andar moroso. Ronceira, por mal construída, um dos camaradas apelidara-a, com justeza – “Tartaruga”. O Miguel pilotava com cuidado, evitando a zona correntosa do curso; mas a tardigrada, a custo, seguia pela corda ou pelo arco das inflexões, em praias e barrancos, que se interpolavam, na disposição dos coleios de cobra, que de repente estacasse no bote.



Dois dias mais tarde, vingadas as linhas subtensas, ou os ramos das curvas, chegaram a Boa Vista, coroada de manivas, mamoeiros e canas, onde se lhe juntaram mais uma canoa e três homens “de corda”.

Bem para diante, do Tamboriaco para cima, devia o Souto ir compassando a marcha com o levantamento topográfico. E, para a foz do Tamboriaco seriam ainda dezesseis horas de canícula e de piuns. Era mister avançar, portanto. Naquele destino o mais seguro estaria em caminhar depressa. Para domar o perigo, aconselharia a prudência vencê-lo a galopadas.

Em uma barraquinha, assentada ao lado de pântano verdacho, onde se teriam dado entrevista todos os piuns e mutucas do rio, os viajores em bando passaram a tarde e a noite. Essa morada de calangos, tijubinas e osgas assustadiças, com as paxiúbas e desfazerem-se, o teto de cauçu esburacado, parecia assim, por influência da apostema do pântano. Alguns pés de macaxeira e um molho de bananeiras mal medradas, toda a agricultura de em volta, dir-se-ia sofrerem também do pego miasmático, que tinha de face meia dúzia de metros apenas, e servia de tanque de natação a um farrancho de rãs aos saltos e a boiar, coaxando em uníssonos a melodia brejosa, fácil e repetida nas exéquias dos crepúsculos.

Aquela dormida arrepiara ao Souto. O pantanozinho toldado obsediava-o; e, para afugentar idéias fúnebres, ele pôs-se a ler a “Carne”, de Júlio Ribeiro, que encontrara, com surpresa, na barraca fantástica. O defeituoso livro do gramático respirava largamente a oxigenada e forte natureza paulista, tão em contraste a esse canto, onde eflúvios letais d’água morta tudo circundavam de um véu funesto. A mão do gênio do mal,



que habitasse os limos do pântano, deixaria esse livro na barraca, no intuito de dar aos seus hóspedes a derradeira visão da Vida, nas imagens do romance estapafúrdio, em que um grande símbolo se glorifica no corpo viçoso de Lenita.

O Chico Brabo, espichado na maqueira entoava repisando uma cantiga nagoa. A melopéia bárbara, que vinha d'África, trazia algemada nos seus langorosos ritornelos a tristeza insondável de um brigue negreiro, de velame murcho, na calmaria podre do mar...

Seria na madrugada seguinte o começo do serviço. Mesmo defronte da barraca, sombriamente decorada das algas do pântano, foi batida a estaca inicial. Nenhuma solenidade. Três palmos do galho, apanhado ali perto, no qual se abriam entalhe característico, morderam o chão, cravando-se como um dente, gigantesco e venenoso de imponderável veneno borgiesco, que daria síncofes mortais à terra esfalfada na futura exploração. Os pés da tripeça da bússola abriram-se, como os de uma aranha monumental; o Souto espiou no olhal do prisma, tomando uma nota breve na caderneta. Rebateu as pínulas. Em seguida, retirou da caixa a luneta de Lugeol, e visou firme para o mesmo ponto, em que a mira se estadeava, branca e vermelha, condecorando de uma placa extravagante o peitoral da florestal espaventada.

Àquela hora matutina, o cálice profundo e infecto do lodaçal exalava-se em névoas ralas. Apenas a primeira estaca fincada, guardada a luneta e encolhidas as pernas da bússola, para ser tudo removido à estação seguinte, o sol montava o cimo da floresta, espadanando raios, que dissipavam a nevoaça a espadeiradas fulgurantes.



Os lotes a demarcar acompanhavam as voltas do igarapé; e o caminhar, ao fim da tarde, toparia a Nova Vida.

Paus enormes, entrançados de galhos, atravancavam o caminho. Assim, era preciso repetidamente devassar a ferro o atulhado igarapé. Desde a foz que ele obrigava a essa tarefa. Para navegar necessitava-se derrubar. A água, rabeando na floresta e a cada passo atraindo lanços desta, num propósito firme de obstruir as próprias linhas naturais de penetração, tornava mais imprescindível o machado que o remo.

Perante o tronco mastodôntico, barrando a passagem, impunha-se descarregar as montarias e fazê-las passar submergidas, para desalagá-las depois, atestando-as de novo da carga, que tinha sido deposta em terra provisoriamente. Em outras ocasiões se encilhava de cascas de embaúba o dorso do tronco, para que a embarcação à força de braços escorregasse, pulando por sobre o brusco e rígido empecilho.

Salteando os passageiros, os galhos das articuladas taboas penduravam-se, suspendendo anzóis. Os acúleos traiçoeiros podiam rasgar o fato, lanhar a pele, ou vazar os olhos.

Tudo conspirava para aumentar de pungência o sacrifício do Souto. Os piuns supliciavam a jornada; e, com os piuns, irritando-lhe a epiderme das mãos, que a nuca a resguardava um mosquito de cabeça providencial, a lembrança obsediante da lagoa letal...

À noite, na Nova Vida, o engenheiro foi sentindo o corpo machucado e de juntas doloridas. Apressou-se a ingerir uma cápsula de quinino. Uns leves calefrios lhe trespassavam seguidamente os músculos fatigados. Aquela dormida na véspera, na barraca da "Carne" e da poça lodosa! Um calor lhe subia à cabeça, em estranha queima... a boca seca...



Souto despertara tarde. Ao esmaecer da manhã sentira-se melhor, saltara nervosamente da rede. O Miguel trouxera-lhe macaxeiras cozidas e um guisado de anta; tocara de leve no repasto, mas saboreara uns goles de café fumegante.

Era mister, contudo, continuar a lide. O Souto não se desvanecia. Fora um acesso, sem conseqüências talvez. Ele precisava vencer tudo. Coragem era ainda a melhor terapêutica. Bem comuns casos fatais, filhos do medo. Evitar a receptividade mórbida, era o problema. Desde que o Souto conseguira dominar os vagos receios da alma, para chegar ao alto desse sertão, onde lhe tinha sido dado buscar a fortuna para gozá-la entre os seus, no Sul, não seria na cumeada que desanimasse. Sentia-se bem melhor.. E deu ordem aos camaradas para aprontarem as montarias.

De estação em estação, a marcha prosseguiu, nesse dia, na mesma intercadência de visadas, constâncias de piuns cáusticos e sol ardente e o engrazado das árvores, impedindo a passagem.

Uma cachoeira pôs, pela primeira vez no caminho, um obstáculo rumoroso e esfervilhado. Foi preciso todos se meterem na água fria do igarapé, deixando que as frágeis embarcações presas a cordas montassem o rápido, felizmente salvas na espuma e borbulhamentos de fervura.

De vez em vez, à direita ou à esquerda, rastos acentuados de antas e porcos, ou um pé de manacá florido.

Escondidos na obscuridade e entrançado dos ramos, que tamisavam os barrancos, viam-se estas construções primevas – os tapiris. Distinguiam-se nitidamente os feitos por patrícios, ou por peruanos. Obras, finalizadas em arcabouço, tinham feitios diferentes para o mesmo objeto, o de servir de pouso em uma



noitada. Os tapiris peruanos exprimiam, mais a fundo, a precariedade na sua utilização pelos nômades. Marcavam eles que se penetrava na zona do caucho, nessas contravertentes de tributários da margem direita do Ucayali. Eram bem o edifício de instante para o trabalho de uma jornada. Não há conceber coisa mais reduzida: seis varinhas de uns três palmos de altura, fincadas no chão, suportando o toldo o improvisado de palhas.

O caucheiro não constrói palácios; nos seus estádios planta *yuca* e *plátano* substanciais; isto sim, a fartar. O que ele quer, é passar; mas, atendendo previdente que nessa corrida há escalas por estações forçadas de parada. Embora! O machado e a ubá são os dois instrumentos emblemáticos da sua indústria. Um destrói, outro transporta. O tapiri é o digno traço de união dessas duas operações, que resumem a devastação caucheira. Ele é o único elemento fixo, posto que com a frágil consistência da teia de uma aranha, ou da casa duma tatuçaba.

O Souto no mal-estar físico, que a custo se esforçava por subjugar, perdia-se em cismas e reflexões.

O dia, horrível de calor e de “praga”, findara à foz do Funil, como acabou, na tarde seguinte, na barraca que era quase um tapiri: meia dúzia de paxiúbas, com outras tantas folhas de jaci, cobrindo-as. Habitava-a um caboclo de Parintins, excepcionalmente fazendo de “cearense”, no fundo lôbrego desse igarapé seringuífero.

O morador do tapiri andava fora, quando chegaram o Souto e os homens, que foram logo se acantonando. Daí a pouco um tiro de rifle ressoou na mata, em estampido reboante. Mal tinham os hóspedes armado as redes, e acendido com gravetos o fogo para aquecer a feijoada “Paredão” e os



camarões de conserva, quando o caboclo surgiu, vergado completamente ao peso de um formidável “queixada”. O caçador deixara na mata os intestinos da vítima para tornar o carregamento mais leve. Em frêmito de alegria, os camaradas saudaram com expansões o morto: “Bichão!” – “Oh! danado!”

Amplamente fumívoro, o céu aparava das labaredas do ocaso os fumos da noite, vinda num repente.

Souto prostrado na rede sentia o latejo das fontes, a secura dos lábios crestados do fogo interior que o abrasava todo. Enquanto o caboclo e o Simeão escortavam o porco, e certa agitação animava a turma diante do “fresco”, Souto resistia num combate formidável aos pensamentos de desânimo, que procuravam invadi-lo na febre. Toda a noite ele viu no entretanto horrores; ora em fogo, ora em gelo, no algor, o seu corpo parecia precipitar-se em abismos, ou achatar-se por desabamentos formidáveis; o plácido igarapé corria ao fundo da terra, por uma helicóide, escortinada em fila dupla de monstros, que vomitavam chamas...

A noite toda se lhe cortou de enregelamentos, incêndios e pavores do delírio. O Miguel aproximava-se, de vez em vez, a examinar e cuidar do patrão:

– Sossegue doutor, aconselhava num carinho curto.

Pela manhã os olhos do Souto se emolduravam num bistré forte, no rosto entalhado em linhas ásperas de magreza lívida.

Quando as montarias partiram na teima da faina o dia ia alto; mas entre os paredões de pedra e na sombra completa das copas, que os galhos sustentavam em nervuras de abóbadas por sobre o igarapé fraguado, remansoso e belo, a impressão era de ser tarde feita. Grandes borboletas azuis passavam lentas, evoluindo, balanceando entediadas na penumbra.



Subitamente, o Souto, ao lado da tripeça do instrumento, se apoiou no chão o arenoso de uma praiazinha, fechando e guardando a caderneta. Abelhas negras, miúdas e molengas, apoquentavam-no. Piuns calçavam-lhe luvas enfiadas de chispas escaldantes. Não podia prosseguir. Caía ao meio da carreira. Vencia-o afinal a febre recrudescente. E, num arrepio de todos os membros enfadados, ordenou com excitação involuntária o regresso imediato. Aguardar-se-iam no Nazaré, à foz do Funil, as resoluções do morbos...

Ao sabor da corrente veloz, ao cavar rápido e alestado dos remos, as canoazinhas voltavam, como que interessadas em salvar o engenheiro. Ao chegarem ao Funil, o “aviado” agasalhou com piedade o doente no seu medíocre barracão, que se alapardava lugubrememente num débil bosquete de embaúbas.

Já aí estava recém-vindo o seringueiro, freguês “aviado”, que trouxera as “peles” de borracha de seu “fábrico” pela água do igarapé, desde a barraca no “centro” até a margem do Juruá-miri. Ele viera pastoreando esse rebanho flutuante, que a água encaminhava, perdendo-se por vezes as estranhas reses nos balseiros, sendo preciso descobrir as bolas escuras, que caprichavam ficar por trás de troncos, ou escondidas no matupá. Com um pedaço de taboca guiava-as pelos meandros da estrada em que sobrenadavam, incitando as retardatárias à senda cega da malhada, de arrasto na corrente. Enfim conseguiu ajuntá-las, com falta de duas menores.

O pastor de curioso pastorejo havia voltado para sua barraca central, levando às costas o jamaxi sopesado de mercadorias que lhe fornecera o “aviado”; ficara o Souto, esperando melhoras. Uns dias bem, outros mal. Naqueles, o



Souto aproveitava desenhar o serviço feito, ou observar o sol, em alturas correspondentes, para determinar a declinação magnética local. Tinha ainda fé, confiava... Aquilo havia de passar. O quinino triunfaria... mas o Souto se descarnava. Cada vinte quatro horas de acessos, cada reduzir de energias e de músculos. Oito dias assim esteve o Souto no Funil, em delírios, inapetências e calmas passageiras. E a definhar sempre... O “aviado” aconselhou a volta ao Juruá:

– Lá fora o doutor melhorará... há mais recursos...

Afinal o engenheiro resolveu descer. Reconheceu a necessidade deste sacrifício: a porta da felicidade, senti-la aberta, e por sobre ele, posto fora, vê-la fechar-se nos gonzos... Contudo, talvez ainda se restabelecesse, para tentar de novo as obrigações profissionais com os seus comitentes. O coitado sacudia vãmente a aldrava dessa porta...

Ao passar em cada barraca, de volta ao Juruá, a ilusão da cura sofria um golpe. Havia muito ficara rejeitada na mata aquela cabana, junto ao escorralho pútrido do pântano. Souto reconhecera a nefanda, por seus olhos, que ardião, ao dobrar uma volta esborcinada do igarapé. Sumindo-se de súbito à popa, o Souto cuidava desoprimir-se para sempre do avante. Mas este só o deixou quando um dia, ao monologar alto do Chico Brabo: “... os rios são as veias da terra...” o Juruá se anunciara às duas proas delgadas das montarias.

A confluência do Juruá-miri com o Juruá é o abraço de filho a um pai. Com carinho se fundem, no expansivo amplexo de braço amoroso e longo apertando o peito amado. O igarapé deve participar do sentimento de quem por ele desemboca no rio: a consolante alegria de chegar, depois de sombriamente curtir a triste vida, encerrado na opressão de uma floresta.



Vem o pródigo, vem, vadeoso... torcendo-se na ânsia que o conturba, entre vagares de fadiga e vertigens de adoidado, faminto e namorado, em trégua à calamidade que o fustiga, esfolegando amortecido no enlevo do sonho que o absorve...

Unicamente em fins de julho começariam os vapores a avançar do Riozinho da Liberdade para cima, acudindo à safra. Da última quinzena de março a essa data, a água se esgota pelo rasgão do rio; e o castigo dos barcos retardatários é ficarem ao alto das praias, com o casco escorado, em seco, enquanto em torno, plantados pelos embarcadiços, lavradores *ad hoc* por sedentários, os milhos pendoam, o feijão floresce e os jerimuns e melancias estendem-se, amadurando na areia os frutos enormes.

Nenhuma esperança, em consequência, restava ao Souto, cujo estado se agravava, de ser ali colhido por um desses libertadores e providenciais “gaiolas”. Resolvera por isso, deixando no Invencível o pessoal da turma, continuar a descer o Juruá ao encontro de condução melhor, apenas com o Miguel pilotando a montaria.

A febre tenaz, rápida, tresvariante, era implacável. Os acessos não escolhiam hora; assaltavam o Souto em todo tempo, em desabrido vigor de cólera insaciável. Nas raras remissões do mal, o engenheiro erguia-se do jirau da canoa e, apoiado na tolda, ia olhando as margens do rio encardido e configurado num sulco, aos torricolos, uniforme e infinito...

Nem parecia ser o mesmo caminho, que percorrera no “gaiola” subindo. Os barrancos haviam despropositadamente alteado; as areias das praias favoráveis à sirga tinham crescido, contidas em moldura maior. Diante cada barracão estacionava, às vezes encalhada, a casinha de um banheiro



flutuante. Pelas bordas, as paxiúbas, as *iriarteas* de Martius, alinhavam-se em pilares, com os seus capitéis farfalhantes de espatas e palmas brônzeas.

Naquele suceder monótono, alongado por praias alvas e estirões sombrios, incidentes mínimos distraíam o Souto: a lancha naufragada, sem toldo, adornada, com o resto de ba-laústres apontados nas bordas esfaceladas; uma “preguiça” na embaubeira; o tracajá que mergulhava; gaivotas revoando num pipilar estridente; a jibóia em rolo, adormecida ao sol; o bando lerdo de “ciganas” intrometendo-se nas ramagens baixas dos arbustos; outro, esperto, de cuxiús, aos guinchos, fugindo por entre as ramagens altas...

Em cada praia, onde verdejava o “legume”, se armava uma figura para espantinho. Era preciso amedrontar às antas e capivaras, como às maracanãs, “papa-arroz”, “viuvinhas” e fin-fins... Comprazia-se o seringueiro na invenção dessas armações disparatadas, com o intuito útil de arredar quadrúpedes e afastar passarinhos, todos malfazejos às plantas ou aos grãos.

Os simulacros iam da simples vara, onde se dependurava um pano, flâmula ou lençol, até o arranjo em semelhança de um homem com chapéu alto.

Pelas lavouras fáceis, que a água se incumbia de lavar a terra e o seringueiro de semear, dir-se-ia a única população regional, essa, imóvel, pungitiva, extravagante, paralisada, muda, em atitudes choreicas de uma dança de São Vito, entre os corutos dos milhos e as ramas dos feijoais.

Interessava, afinal, a galeria estróina de vultos grotescos pelas voltas desamparadas do rio. Um, espasmado, enganchava-se numa cruz de arremedo sacrílego a sagrado martírio; outro, enrolado numa capa, parecia inspecionar com ar som-



brio os estolhos da plantação; outro semelhava um soldado de guarda; outro, um enorme vampiro; outro ainda fingia mulher, acalentando um filho...

Uma desbragada fantasia na modelagem desses esboços achamboados, homúnculos e animais, seres tronchos de varas e molambos. Quando o vento vinha, animava a muitos dos bonecos de engonço. Balouçavam então, como enforcados; e os trapos das mangas, ou das saias, ou dos mantos abanavam afligentes; bamboleavam gingões, burlescos, esperneando no agitar de estortegadura macabra. Simples retalhos, na ponta das hastes, davam a ilusão de lenços em uma despedida angustiosa, ou de estandartes rotos em vendavais estranhos; o que imitava asas adejava; e o que fazia de braços acenava. Na cinza vespéral aqueles manequins albardados enegreciam-se, lembrando carvões de Goya...

Durante toda uma semana a "Tartaruga" foi passando a revista daquela guarda funambulesca das culturas na vazante.

Na várzea roçada de pouco, na boca do Moa, desdobrava-se um acampamento de forças do Exército, que na marcha de jabutis, ou de guaiamuns num mangue, iam operar no Amônea. Notas de corno-clarim rompiam em acentos argentinos a região brenhosa, pasmada a essa inesperada visão de pelotões e disciplina de guerra. O vermelho garante dos uniformes, o branco das tendas, mimoseavam a mata de inflorescência desconhecida.

Um colega "de Escola", alferes-aluno, reconheceu o engenheiro. Convidou-o a saltar em terra; prodigalizou-lhe enfim mil atenções de enfermeiro e de irmão.

Desgostara, porém, ao Souto, esse estreito círculo de tarimba: choco de paixões humanas no largo virginal de um



sertão. O que tinha a soldadesca de devotada e bem-disposta, tinham os oficiais de macambúzios e queixando-se de tudo, maldizendo-se, forjando intrigas, ou discutindo política. Uma frouxidão d'alma caracterizava esses indivíduos, aos quais, pela maior parte, faltava evidentemente um completo e rijo treinamento físico e moral. Eram militares; e, o que lhes reservava a profissão de sofrimento e desconforto dava-lhes azedume, torcia-os de rancor!

Comandar a guarda, dar o "estado", ou assistir a uma "ordem", nisso criam poder limitar as funções, nortear os ideais e pompear-se a vida! O país não deveria preocupar-se em fazer traduzir do alemão e do francês a arma, o fardamento, a viatura e a manobra; mas, preparar os seus assoldados para a Defesa e para a Morte, no culto e formação das dedicações serenas, que nada reclamassem no sacrifício... Assim pensando, irritado, deixou o engenheiro o aquartelamento dos expedicionários, enquanto pela manhã se ruborizava o céu ao comovente estridor do toque da alvorada. Esse ritmo lanciava. Parecia dizer a mágoa funda desses forçados de uniforme que, proscritos da Pátria, tivessem feito uma alta no lodaçal amazônico. A floresta e o rio beberam empedernidos o melodiar pungente das cornetas.

No escorrer de esgoto por um fosso de drenagem, as águas continuaram a abrir o caminho à montaria do Souto, até que, por mandado deste, o Miguel a fez encostar a um barranco escalavrado, ervecente de membeca e "malícia", onde a subida esboroadada mal se divisava.

Souto, apoiado em Miguei, pôde galgá-la, tomado de uma penosa debilidade. Foi-se arrastando pelo aclave forte, como uma rês exangue, empurrada ao cutilão do carniceiro. Na grimpa do



barranco, um capitarizeiro matizava-se aparatoso de flores  
jalnes. No terreiro, juritis que ciscavam, tomadas de susto,  
abalaram para o refego dos arbúsculos. A muito custo  
alcançaram o estrado da tapera de jarina, que estava toucada, na  
aberta da mata, da maravilhosa floração de um grande roseiral.

Aquela ruína, estupeficante de miséria e abandono,  
engalanava-se de corolas todas vermelhas, bocas rindo no sor-  
riso divinal das pétalas espalmas junto à tristeza da alma da  
tapera; e, rindo ainda, as rosas álacres, até se despetalarem  
escarminhas daquele infortúnio que chegava, como se viesse a  
buscá-las, para perfumar-se e socorrer-se delas!

Onde estariam as mãos românticas e amorosas que as  
teriam plantado, na fantasia extrema e delicada de povoar las-  
civamente a solidão de um “defumador” de borracha daquela  
festa floral de um jardim de fadas? Mãos ásperas e mal-  
tratadas, mãos de seringueiro, ao redor do casebre, foram sem  
dúvida, dia-a-dia, chantando pelo solo as mudas dessas  
roseiras. Depois, o mocambo desprezado caía em desmantelo,  
no desamparo, pedaço a pedaço, aos aguaceiros de dezembro,  
ao chicotear das ventanias... Em despique as roseiras  
destratadas cresciam furiosas, ao refrigério das chuvadas, ao  
embalo quente dos alísios, aos beijos do mormaço, solitárias,  
voluptuosas, abraçando-se às vergastadas do vento, no entre-  
laçar afagante e carnal dos cálices e ramas.

Uma cova enfeitada na primavera, esse rancho apa-  
lhado... Talvez, dedos misteriosos de bruxas colheriam as  
rosas, a meio de alguma noite de prodígios, para festões de um  
sábado; talvez sombras dantescas de amantes, encarceradas  
na tapera, se ornariam das rosas, consolando-se no florejar  
suntuoso desse degredo...



Miguel armou a rede do patrão enfermo e foi preparar o lume.

Dois “rouxinóis”, chilreando, saltitavam vadios no “capote” das palhas do teto da choupana. Voejavam mutucas pretas, sanguissedentas. Souto não dava acordo de si, exinanido na pîrexia tremenda. Ao fundo da rede era um fardo; tinha o aspecto de viver, que lho dava o dolorido arfar de dispnéia. O corpo, no afogo, comburia numa pira invisível.

Fora, em semelhante fogueira, a natureza febricitante ardia. O sol despejava na tapera e no roseiral um metal fundido e translúcido. A glória do dia, a pino, exprimia-se no desespero de abrasar tudo. Aquele recanto da terra dourava-se a fogo.

A água espelhenta do rio era aço líquido, borbotado de um forno, escoando-se no molde. Não havia folha que bolisse, todas anerviadas na estagnação geral. Em volutas deléveis, o fumozinho lento do fogo, atizado pelo Miguel, espiralava-se com dificuldade no ar de fornalha. Zioziavam cigarras ocultas nos bastidores da mata, chiando em *prestíssimos e ralentandos* o motivo musical de seu canto bucólico...

Ao pôr-do-sol caldeante a pompa flavescente do dia descorava, escurentando-se; empanavam-se os seus ouros rútilos e irradiados ficavam os seus diamantes.

Vendo que o patrão sossegava, Miguel, às pressas, engolindo o chibé, saiu a sondar os arredores, a buscar alguém para com ele assistir ao doente. E, provavelmente, haveria um socorro...

Na ausência do Miguel, o desgraçado Souto ergueu-se de repente da rede. Tiritava incendiado. Tendo descido do estrado para o meio do roseiral, ele agitava-se todo em gestos convulsionados, num delírio de ação, apontando em ameaças às



árvores em torno. E repetia frases que se estrangulavam, delindo-se em murmúrios: “Minha terra... os meus... minha terra, que deixei...” Em dado momento atirou-se às rosas, e as arrancava das hastes, sangrando-se nestas. Procurava cobrir-se das corolas despedaçadas; levava-as à cabeça, tentando delas coroar-se anacreôntico, num triunfo que não merecesse. Logo as repelia de si, ajuntando-as depois, beijava-as e procurava esmagá-las com os pés. E, lamentavelmente ferido, o Souto, tropeçando, debatendo-se no roseiral, desflorava-o, ceifando-o num desancar de tufão.

Justamente quando o Miguel chegava, acompanhado de um seringueiro, ele caía no estendedouro do rosal, apostrofando à mata, esposada com o rio:

– Inferno!... Inferno... verde!

Os dois recém-chegados acorreram apiedados. Mãos e face ensangüentadas, dando a idéia de que a luta com adversário invisível e execrável tinha sido corpo a corpo e a unhas, o engenheiro, no meio das rosas, na ocasião de ser erguido, morria num sorriso de alívio, à frenesiada crisperação dos seus músculos atritos.

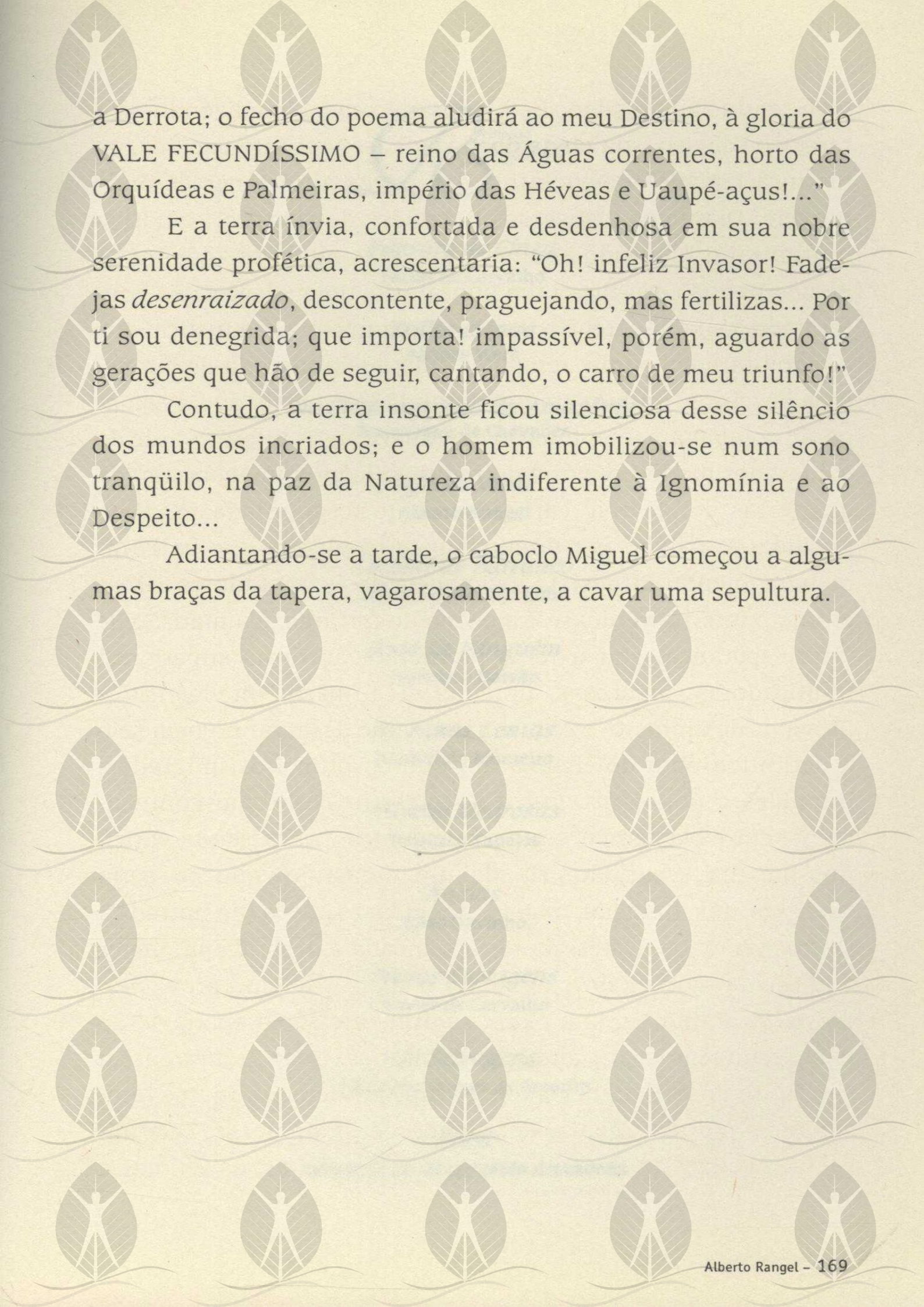
Não houve eco que apanhasse e devolvesse as palavras de fel dos lábios do Vencido. A terra ambiente com elas ganhava o dístico e o ferrete – INFERNO VERDE!

Mas essa terra que, matando o aventureiro, o estemava de rosas, poderia no entretanto responder: “Perdão-te e compreendo o estigma que me lanças. Fui um paraíso. Para a raça íncola nenhuma pátria melhor, mais farta e benfazeja. Por mim as tribos erravam, no sublime desabafo dos instintos de conservação, livres nas marnotas pelas bacias fluviais afora. Ainda hoje, o caboclo, sobra viril e desvalida nos destroços da invasão,



vive renunciado e silencioso, adorando-me e bendizendo: seu repouso edênico, sua plaga abençoada, seu recanto pacífico, na herança fetíchica e venerativa dos povos autóctones de onde proveio. Diante os insucessos da avidez do “branco”, o nativo murmurará: “Contudo aqui se sofre, mas ainda se agüenta...” Se não paraíso, ser-lhe-ei um purgatório, no qual ele expia conformado a sua impotência, na dilação impiedosa da Justiça, que o reabilitará em suma, rememorando a sua história de heroísmos obscuros, na luta com as fatalidades sociais que o esmagarão completamente. Inferno é o Amazonas... inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras donde veio carinhosamente resguardada na alma ansiada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta. Eu resisto à violência dos estupradores... Mas enfim, o inferno verde, se é a geena de torturas, é a mansão de uma esperança: sou a terra prometida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro; e que, um dia, virão assentar no meu seio a definitiva obra de civilização, que os primeiros imigrados, humildes e pobres *pionniere* do presente, esboçam confusamente entre blasfêmias e ranger de dentes. Pobre jesuíta vaticinou-me, na escuridão fria de um ergástulo, que eu seria “delícias dos homens, regalo da vida e inveja do mundo”. Outros virão, os felizes, na terra semeada e desbravada, meter o alicerce fundo da *urbs*, onde foi o abarracamento provisório do *settler*. Tanta lágrima e tanto sofrimento são o apanágio do passageiro tempo, que antecede às vitórias... Não se me vence a sorrir... Exijo os sacrifícios que os antigos deuses reclamavam: sangue e morte. A expiação vale, porém, a apoteose. Que um Poeta solenize, no esplendor de estrofes perfeitas, as Vítimas e





a Derrota; o fecho do poema aludirá ao meu Destino, à gloria do VALE FECUNDÍSSIMO – reino das Águas correntes, horto das Orquídeas e Palmeiras, império das Héveas e Uaupé-açus!...”

E a terra ínvia, confortada e desdenhosa em sua nobre serenidade profética, acrescentaria: “Oh! infeliz Invasor! Fadjas *desenraizado*, descontente, praguejando, mas fertilizas... Por ti sou denegrada; que importa! impassível, porém, aguardo as gerações que hão de seguir, cantando, o carro de meu triunfo!”

Contudo, a terra insonte ficou silenciosa desse silêncio dos mundos incriados; e o homem immobilizou-se num sono tranqüilo, na paz da Natureza indiferente à Ignomínia e ao Despeito...

Adiantando-se a tarde, o caboclo Miguel começou a algumas braças da tapera, vagarosamente, a cavar uma sepultura.





*Resgate*  
coleção

*Pássaro de Cinza*

Farias de Carvalho

*Trilha D'água*

Alcides Werk

*No Circo sem Teto da Amazônia*

Ramayana de Chevalier

*Inferno Verde*

Alberto Rangel

*Coronel de Barranco*

Cláudio de Araújo Lima

*Terra de Ninguém*

Francisco Galvão

*As Horas Lentas*

Raimundo Monteiro

*Nuvens Medrosas*

Torquato Tapajós

*Ânsias*

Elias Gavinho

*Frutos Selvagens*

Xavier de Carvalho


*Os Selvagens*

Francisco Gomes de Amorim

*Simá*

Lourenço da Silva Araújo Amazonas



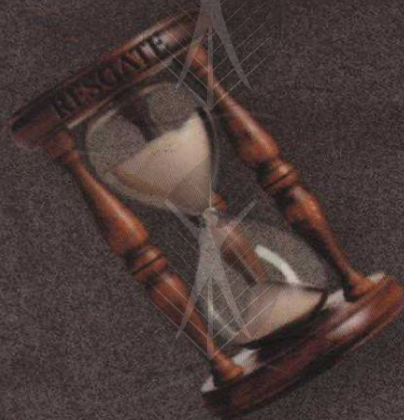


Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em outubro de 2000, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi caxton Lt Bt no corpo 13/18. O projeto gráfico – miolo (editoração/fotolitos) e capa – foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.









**O** Sr. Alberto Rangel, escrevendo num estilo rígido, inquieto e castigado, onde se encontram, não raro, os relevos violentos e as descargas nervosas do estilo de Euclides, sem medir as perspectivas cheias de seduções e de perigo que se abriam diante de sua imaginação, viu a Amazônia de outro modo. Sem procurar, como o seu émulo, penetrar-lhe a fundo a estrutura fisiográfica, preferiu descortiná-la nos seus aspectos trepidantes, fixando-os num livro de pungente realismo – o *Inferno Verde*, onde o homem amazônico, submetido à crueldade do próprio destino, e a terra fantástica, nos seus painéis alucinatórios, são vistos através da idealização excitada de um rebelado temperamento de escritor.

*Péricles Moraes*

ISBN 85-86512-87-7



9 788586 512872





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA